



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Karla Duarte Carvalho

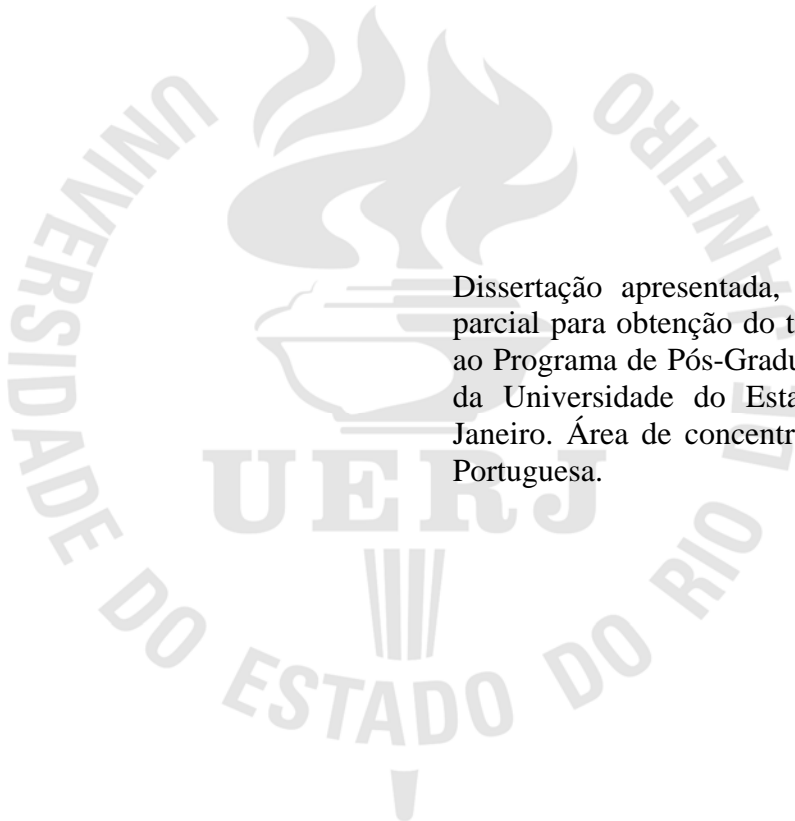
**Das narrativas maravilhosas do oriente às narrativas do ocidente – um
perfil da influência muçulmana na construção do universo feminino
medieval ibérico**

Rio de Janeiro

2012

Karla Duarte Carvalho

Das narrativas maravilhosas do oriente às narrativas do ocidente – um perfil da influência muçulmana na construção do universo feminino medieval ibérico



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Cristina Batalha

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

C331 Carvalho, Karla Duarte.

Das narrativas maravilhosas do oriente às narrativas do ocidente – um perfil da influência muçulmana na construção do universo feminino medieval ibérico / Karla Duarte Carvalho. – 2012.
87f.

Orientadora: Maria Cristina Batalha.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do discurso narrativo – Teses. 2. Narrativa (retórica) - Teses. 3. Mulheres – História – Idade Média, 500-1500 - Teses. 4. Misoginia – Teses. 5. Mulheres na cultura popular – Teses. 5. Tradição oral - Teses. 5. Civilização islâmica – Teses. 7. Lendas – Ibérica, Península (Espanha e Portugal).5. Mulheres no islamismo – Teses. 6. Mulheres no cristianismo – Teses. 8. Religião e cultura – Teses. I. Batalha, Maria Cristina – 1947- . II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III.Título.

CDU: 82.085

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Karla Duarte Carvalho

**Das narrativas maravilhosas do oriente às narrativas do ocidente – um perfil da
influência muçulmana na construção do universo feminino medieval ibérico**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Portuguesa.

Aprovado em 12 de março de 2012.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Maria Cristina Batalha.
Instituto de Letras.

Prof^º. Dr. Flavio García.
Instituto de Letras.

Prof^ª. Dra. Ângela Beatriz Faria.
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro

2012

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que de uma maneira ou outra contribuíram para que a ideia passasse da cabeça à folha de papel: minha família; minha orientadora Maria Cristina Batalha; meu professor Flavio García; meu catequista “Seu Zé”; meus amigos e meu pai que fez a sua passagem espiritual antes que fosse possível ler a pesquisa concretizada... A todos estes o meu mais profundo agradecimento.

De fato, Herodes tinha mandado prender João e acorrentá-lo na prisão, por causa de Herodíades, mulher de seu irmão Filipe, com a qual ele tinha casado. Pois João vivia dizendo a Herodes: “Não é permitido ter a mulher do teu irmão”. Por isso, Herodíades lhe tinha ódio e queria matá-lo, mas não conseguia, porque Herodes temia João, sabendo que era um homem justo e santo, e até lhe dava proteção. Ele gostava muito de ouvi-lo, mas ficava desconcertado. Finalmente chegou o dia oportuno. Por ocasião de seu aniversário, Herodes ofereceu uma festa para os proeminentes da corte. Os chefes militares e os grandes da Galiléia. A filha de Herodíades entrou e dançou, agradando a Herodes e a seus convidados. O rei, então disse a moça: “Pedeme o que quiseres, e eu te darei”. E fez até um juramento: “Eu te darei qualquer coisa que me pedires, ainda que seja metade do meu reino”. Ela saiu e perguntou a mãe: “Que devo pedir?” A mãe respondeu: “A cabeça de João Batista”. Voltando depressa para junto do rei, a moça pediu: “Quero que me dê agora, num prato, a cabeça de João Batista”. O rei ficou muito triste, mas, por causa do juramento e dos convidados, não quis faltar com a palavra. *(Novo Testamento, Marcos, 6:17-26).*

RESUMO

CARVALHO, Karla Duarte. *Das narrativas maravilhosas do oriente às narrativas do ocidente* – um perfil da influência muçulmana na construção do universo feminino medieval ibérico. 2012. 87 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

Ao longo do processo histórico nas culturas ocidentais e orientais o papel feminino esteve relegado ao segundo plano. Tanto a religião quanto a tradição oral tiveram papéis primordiais no aprisionamento do feminino no quarto escuro da História. A teoria da mulher como origem e potência do mal remonta à antiguidade. Muitos historiadores acreditam na existência de sociedades matriarcais que foram desarticuladas pelas sociedades patriarcais. O universo feminino foi, e ainda é na atualidade, um grande enigma para os homens. A presente dissertação tem o objetivo de demonstrar a importância da religião, dos mitos, lendas e contos na construção da figura feminina medieval, para isso, abordaremos como a tradição oral em conjunto com as religiões patriarcais reforçou a ideia da mulher como origem e potência do mal. Recorreremos a aspectos históricos, religiosos e literários, procuramos por intermédio de a *Bíblia Sagrada* e de *O Corão* entender a influência religiosa, além de verificarmos quais os aspectos históricos que tiveram relevância na perpetuação da misoginia e a ainda como a tradição oral teve a sua cota na construção desse universo misógino. Tentamos compreender como se deu a conexão entre tradição oral e religião na formulação da figura feminina e o porquê dessa mulher ter historicamente uma posição desprivilegiada diante de determinadas culturas.

Palavras-Chaves: História das Mulheres. Literatura . Idade Média . Religião.

ABSTRACT

Throughout the historical process in the occidental and eastern cultures the feminine paper was relegated to as the plain one. As much the religion how much the verbal tradition had had primordial papers in the capture of the feminine one in the dark room of History. The theory of the woman as origin and power of the evil retraces the antiquity. Many historians believe the existence of matriarchal societies that had been disarticulated by the patriarchal societies. The feminine universe was, and still it is in the present time, still it is in the present time, a great enigma for the men. The present dissertation has the objective to demonstrate the importance of the religion, of myths, legends and stories in the construction of the medieval feminine figure, for this, we will approach as the verbal tradition in set with the patriarchal religions strengthened the idea of the woman as origin and power of the evil. We appeal the historical, religious and literary aspects, look for intermediary of *The Hole Bible* and *The Koran* to understand the influence religious, beyond verifying which the historical aspects that had still had relevance in the perpetuation of the misogyny and as the verbal tradition had its quota in the construction of this misogynist universe. We try to understand as if it gave to the connection between verbal tradition and religion in the formularization of the feminine figure and why of this woman to have historically underprivileged position ahead of determined cultures.

Keywords: Women's History . Literature. Middle Ages. Religion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa Medieval da ocupação cristã e muçulmana na Península Ibérica.....28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. ALGUMAS TEORIAS SOBRE AS RAÍZES HISTÓRICAS DAS NARRATIVAS E SEUS MECANISMOS DE FUNCIONAMENTO	13
1.1. Longa Jornada para a descoberta Interior: localização do eu no mundo.....	15
1.2. A importância da tradição oral para a construção do pensamento humano e permanência do homem no mundo	19
2. O LEGADO DA CULTURA ÁRABE E A CONQUISTA DA PENÍNSULA IBÉRICA	23
3. REPRESENTAÇÕES FEMININAS: A PERDA DO LUGAR FEMININO.....	29
3.1. A sociedade Celta.....	32
3.2. Druidas, sacerdotisas, sincronismo religioso.....	34
3.3. A origem do mal.....	35
3.4. O poeta sórdido e outras faces	44
4. O PROBLEMA DAS FONTES PESQUISADAS: A REPRESENTAÇÃO FEMININA SOB TUTELA MASCULINA.....	49
4.1. As narrativas orientais misoginia e aprendizagem.....	50
4.2. Descoberta de Galland e o problema de <i>As mil e uma noites</i>.....	51
4.3. A narrativa d' <i>As mil e uma noites</i>	54
5. LENDAS IBÉRICAS.....	61
5.1. “O Monte das Almas Penadas”.....	62
5.1.1 <u>Prazer, lirismo e transcendência</u>	64
5.1.2 <u>“O caso da condessa traidora”</u>	66
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70

REFERÊNCIAS	73
ANEXOS.....	77

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o objetivo de demonstrar que, mesmo que o processo de demonização do universo feminino tenha encontrado no cristianismo o ambiente propício ao seu desenvolvimento, a questão da mulher pérfida, traiçoeira e cheia de lascívia também estava presente nos textos da tradição oriental, na Península Ibérica.

Estes escritos orientais foram fortemente influenciados pelo Islamismo e deram origem às narrativas maravilhosas. Quando chegaram à Península Ibérica se amalgamaram a narrativas locais gerando então novas narrativas, enfatizando o caráter misógino conforme veremos ao longo do trabalho.

Com a pretensão de provar nossa hipótese, faremos um mapeamento de algumas narrativas em *As mil e uma noites* e as cruzaremos com narrativas ibéricas, a fim de demonstrar a existência de uma matriz comum a ambas no que concerne a misoginia.

A pesquisa surgiu da investigação sobre o percurso histórico das narrativas maravilhosas do ocidente. Concluímos que, apesar de muitas controvérsias acerca das fontes ou textos-matrizes, o único ponto pacífico entre os pesquisadores de tais narrativas era: 1º - A fonte mais antiga dessa literatura popular maravilhosa era oriental; 2º - Na Idade Média, elas foram assimiladas por textos de fontes europeias. Estes investigadores, por intermédios de estudos, localizaram os textos *As Mil e uma noites*; *Kalila e Dimna* e *Sendebâr libro de los enganos de las mujeres* como provavelmente os escritos mais antigos de que se tem notícia.

Então, começamos a investigar o universo feminino de *As mil e uma noites* e observamos o quanto a mulher era estigmatizada. Logo fomos à busca de um perfil medieval da mulher ibérica e descobrimos lendas ibéricas medievais que apontam para essa natureza opressora: “O Monte das almas penadas” e “La Condesa Traidora”. Percebemos que, mais do que se ater a um universo literário, nossa pesquisa abarca a interação entre tradição oral e História e a maneira como esses elementos influenciam a construção de um imaginário.

Observamos que, durante muitos anos, a Igreja Católica carregou o *stigma* de grande vilã do cerceamento feminino medieval, em parte por causa da grande vigilância exercida por seus clérigos sobre a lascívia feminina e, em parte, por causa da “santa” Inquisição que assassinou homens e mulheres – muito mais mulheres. Verificamos que, por intermédio da *Retórica* de Aristóteles, “Os discursos baseados em exemplos prestam-se mais que os outros para persuadir”, (ARISTÓTELES, s/d, p.34). Assim, o clero, desde o começo do Medievo –

inspirado também no pensamento de Santo Agostinho e seguindo à risca a “cartilha retórica” de Aristóteles e Cícero¹ –, se utilizava da prédica medieval para persuadir.

A disseminação desse discurso clerical encontrou o seu auge no século XIII com o *exemplum* retórico que, de acordo com Le Goff, arrebatou multidões:

Podemos definir o *exemplum* do século XIII, que foi a sua idade de ouro, como um conto breve dado como verídico (=histórico) e destinado a ser inserido num discurso (em geral, um sermão) a fim de convencer um auditório por meio de uma lição salutar. (LE GOFF, 1994, p.123).

No entanto, dentro de uma perspectiva mulçumana, a mulher do mesmo modo sofria o flagelo. Não era tratada como igual, e sim considerada um objeto de prazer. As mulheres pertenciam aos homens; estes detinham todos os direitos sobre elas.

Como afirma Wladimir Propp em seu livro *As Raízes histórias do Conto Maravilhoso*: “Todo pesquisador parte de determinadas premissas que antecedem seu trabalho” (PROPP, 1997: 2), a falta de verificação de qualquer pesquisa conduz a conclusões errôneas. Nós partimos do pressuposto de que o fato de a mulher medieval ser enxergada como a encarnação do mal advém da disseminação de ideias de religiões patriarcais que, por não comungarem com o universo feminino e por estarem à margem desse universo, não o compreendiam. Isso gerou ignorância e medo. A junção desses fatores levou essas sociedades à histeria e ao consequente massacre de milhares de inocentes.

Os muçulmanos estiveram por quase 800 anos na Península Ibérica – eles entraram no começo do século VIII e a reconquista cristã definitiva se dá no começo do século XIV –, e podemos averiguar as influências da cultura árabe na arquitetura, geografia, agricultura, artesanato e na própria língua – como é o caso do idioma português. Nossa premissa é que, levando em consideração que a Península Ibérica sofreu essa dominação por quase VIII séculos, é provável que essa influência tenha se estendido à produção oral. De posse de tal ideia, tentaremos provar a nossa hipótese.

Se conseguirmos, ao compararmos as narrativas da tradição oral ibérica, verificar a existência de uma raiz oriental, seria possível afirmar que, de fato, há uma influência árabe no que tange à construção do universo feminino medieval ibérico. E que a perseguição ao universo feminino, acentuada pelo cristianismo a partir do século XII, contou com a expressa colaboração desse povo, que entrou naquela região no início do século VIII, influenciou toda cultura com os conceitos trazidos do oriente, inclusive a respeito do pensamento acerca da

¹ A princípio atribuída a Cícero, *Retórica a Herênio* foi um dos textos que influenciaram a pregação medieval, pois além de ser uma das obras antigas de maior circulação na Idade Média, ela trazia uma metodologia do discurso que demonstrava ao leitor como preparar uma elocução perfeita com o intuito de persuadir uma multidão.

figura feminina que, além de flagelada e perseguida pelo algoz masculino, era vista como o mal em potencial.

Essas narrativas, como nós veremos posteriormente, tinham um cunho moralizante, falavam à população local com o objetivo de, por intermédio de exemplos, persuadirem as pessoas sobre qual caminho deveriam seguir.

Elas constituem então nosso escopo para sustentar as hipóteses que aqui estamos levantando.

1 ALGUMAS TEORIAS SOBRE AS RAÍZES HISTÓRICAS DAS NARRATIVAS E SEUS MECANISMOS DE FUNCIONAMENTO

Podemos aferir por intermédio de compilação de narrativas que: 1º - boa parte das narrativas apresenta a figura feminina num papel de submissão; 2º - muitas histórias da tradição trazem elementos parecidos – por exemplo, os mitos de criação do mundo – o que leva alguns pesquisadores a afirmar serem as mesmas histórias, como assevera Tolkien, “Eles tendem a dizer que duas histórias construídas em torno de um mesmo motivo folclórico, ou constituídas de uma combinação geralmente semelhante de tais motivos, são a mesma história.” (TOLKIEN, 2006, p.24).

Contudo, sabemos que a transmissão oral sofre modificações, pois “quem conta um conto aumenta um ponto”, diz o ditado popular. Por intermédio de estudiosos e compiladores da tradição podemos comprovar as modificações de uma mesma história quando ocorre a migração de uma cultura à outra. Um bom exemplo de narrativa conhecida por quase todo o mundo é a história de Chapeuzinho Vermelho. Citaremos três versões, a primeira recolhida na Alemanha pelos irmãos Grimm, a segunda na França, por Charles Perrault e a terceira retirada do livro *O Grande Massacre dos Gatos* (2006). Na versão alemã, a menina e sua avó são salvas por um caçador. Na francesa, a figura do caçador não existe, então não há salvação. Na variante do livro *O Grande Massacre dos Gatos*, o lobo chega antes à casa da vovó, mata-a, esquarteja-a separa o sangue, que coloca numa jarra, da carne, que serve numa travessa. Ao chegar à casa da avó, Chapeuzinho Vermelho é convencida a comer a carne, e beber o sangue da avó. Sua consciência aqui, assumindo a forma de um gato - ideia reutilizada por Carlo Collodi em Pinóquio com a figura do grilo falante –, avisa-a que há algo errado, o que a menina ignora completamente. Então, o lobo persuade a menina a despir-se e a queimar na lareira toda a sua roupa. O fim da Chapeuzinho é dramático; o lobo acaba por devorá-la.

Como acontece essa migração? Pensamos em três tipos de teoria, uma cunhada por Walter Benjamin, a outra por Carl Jung, que se conecta com a terceira, a vertente da interpretação do mitólogo Joseph Campbell.

Walter Benjamin, em seu ensaio “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (1996) discorre, entre outras coisas, sobre o caráter utilitário das narrativas. Ele afirma que a natureza da verdadeira narrativa “tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir em seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa nova norma de vida.” (BENJAMIN,

2005, p.200). O narrador clássico de Benjamin, aquele homem que juntou a sabedoria de outras terras – trazidas pelos que preambulavam pelo mundo – com a tradição, teria possibilitado o intercâmbio dessas histórias em todo mundo ocidental e oriental, e esse seria o fator responsável por encontrarmos narrativas parecidas em terras tão distantes. Argumenta Benjamin:

Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres na arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário. (BENJAMIN, 1996, p. 199).

Por seu turno, Carl Jung, em *O homem e seus símbolos* (2008), concebeu a teoria de um inconsciente coletivo, o lugar no qual as ideias primárias seriam manifestadas e do qual participariam todos os homens. Logo, por causa deste inconsciente coletivo, haveria os mesmos mitos, porém com nomes diferentes, e estes seriam compartilhados por culturas tão distintas.

Ele acreditava que, assim como o corpo, a mente traria consigo imagens mentais que se manifestariam por intermédio dos sonhos – o que Freud chamava de residuais arcaicos –, que, em conjunto com os símbolos, mostrariam uma parte impessoal, aquela que não está inserida no universo cotidiano, e que por isso não haveria como a pessoa travar conhecimento a respeito daquilo. Para respaldar a sua ideia, ele usa o exemplo de sonhos de uma criança de dez anos:

Um caso muito importante foi de um psiquiatra que veio me procurar. Trouxe-me um pequeno caderno manuscrito que recebera da sua filha de dez anos como presente de Natal. Continha uma série de sonhos que ela tivera aos oito anos de idade. Foi a série de sonhos mais fantástica que já vi e pude bem entender porque deixaram o pai tão intrigado. Apesar de infantis, os desenhos tinham algo de sobrenatural, e a origem de suas imagens era absolutamente incompreensível para o meu cliente. (JUNG, 2008, p. 85).

Jung fica entre encantado e intrigado com esses sonhos porque são de uma criança que possuía uma educação religiosa restrita, o que descartaria a hipótese dela ter tido contato com algum daqueles motivos. Ademais, os sonhos apresentavam elementos de culturas pagãs. O pai da menina, antes de levar o caso ao médico, tentou fazer associações daqueles sonhos com a vida da menina e não conseguiu encontrar nenhuma conexão.

Para o psiquiatra, nessa pequena criança de oito anos talvez residisse a prova de que não só o nosso corpo é o mesmo dos primeiros seres humanos a habitar a Terra, mas a nossa mente também traz elementos primordiais.

O mitólogo Joseph Campbell, a respeito dessa questão, faz uma afirmação que, de certo modo, reafirma a ideia do inconsciente coletivo formulada por Jung:

Você tem o mesmo corpo, com os mesmos órgãos e energias que o homem de Cro-Magnon tinha, trinta mil anos atrás. Viver uma vida humana na cidade de Nova Iorque ou nas cavernas

é passar pelos mesmos estágios da infância à maturidade sexual, pela transformação da dependência da infância em responsabilidade, própria do homem ou da mulher, o casamento, depois a decadência física, a perda gradual das capacidades e a morte. Você tem o mesmo corpo, as mesmas experiências corporais, e com isso reage às mesmas imagens. (CAMPBELL, 1999, p.39).

Mais adiante, o estudioso assevera que mitos e sonhos vêm do mesmo lugar, porém nos explica a distinção entre eles:

(...) o sonho é uma experiência pessoal daquele profundo, escuro fundamento que dá suporte às nossas vidas conscientes, e o mito é o sonho da sociedade. O mito é o sonho público, e o sonho é o mito privado. (CAMPBELL, 1999, p.42).

Bom, se temos o mesmo corpo e reagimos às mesmas imagens, seria pertinente levar em consideração a teoria do inconsciente coletivo e pensar que, muitas vezes, quando não alcançamos um entendimento científico, usamos a nossa imaginação para explicar fenômenos.

Então poderíamos considerar as três teorias como argumento para encontrarmos histórias com elementos tão parecidos em povos tão distantes.

1.1 Longa Jornada para a descoberta Interior: localização do eu no mundo.

Sabemos que, ao longo do tempo, os seres humanos sempre buscaram resposta para acontecimentos naturais, para explicarem os fenômenos que, à época, ainda não tinham explicações, eles utilizavam mitos, contos e lendas.

Conta uma lenda brasileira que as águas do mar são salgadas devido às lágrimas de Labismina, que não foi desencantada por sua amiga Maria e, por isso, chora eternamente. (PHILIP, 2007, p.46). Outra lenda africana diz que o jabuti tem o casco quebrado porque foi escondido dentro de um instrumento do urubu – precisamente um violão –, a uma festa no céu. Este, ao descobrir o intruso, fica extremamente insatisfeito e joga-o de cima das nuvens; ao bater no chão, o casco do jabuti se despedaça e ele muito triste e chateado junta os pedacinhos e colando-os de volta. Eis porque o jabuti tem o casco todo quebradinho (BARBOSA, 2006, p.17). No mito grego relacionado a Demeter, deusa da fertilidade, as estações do ano outono e inverno estão vinculadas à tristeza da deusa que, por estar longe da filha Perséfone – que passa tais estações no reino inferior junto ao marido Hades –, deixa as folhas caírem e cobre o solo de neve.

Qual a explicação para a seca que se abate sobre a colheita? Para a virilidade perdida ou exacerbada? Para a morte repentina de ente querido? Ora, quem conhece a fundo a natureza? Quem possui o dom da vida por intermédio da gestação? Quem tem a sabedoria de fazer poções que curam ou levam ao caminho da sepultura? A mulher. Isso a tornava

responsável pelos males que atingiam as pessoas e o povoado. E não existia possibilidade de discutir o caso, de não comungar da ideia ou de tentar negar a existência do mal feminino. Com o passar do tempo, esse mal foi nominado: “bruxa”, e, negar sua existência, era negar as leis eclesiásticas, como pregam Kramer e Sprenger no célebre *Martelo das Feiticeiras*²:

As leis eclesiásticas demonstram também que negar a existência de bruxas é contrário ao sentido óbvio do Cânon. Dispomos da opinião de comentaristas de Cânon que assim começam: “Se qualquer um, através de artes mágicas ou de bruxaria...” E, reafirmamos, existem autores que falam de homens impotentes e enfeitados que, dado o obstáculo causado pela bruxaria, ficaram incapacitados de copular e tiveram seus contratos de casamentos anulados: viram-se na impossibilidade de consumir o matrimônio. (KRAMER E SPRENGER, 2007, p.53).

Ao voltarmos o olhar para o mundo medieval como contemporâneos, é árdua a tarefa de entrar naquele universo, onde homens e mulheres estavam à mercê de um tempo em que o desconhecido habitava ao lado, realidade e fantasia se emaranhavam, imagem e arquétipos adquiriram forças tais que a ignorância era saciada com o sangue dos inocentes. Entretanto, aprofundando o olhar, é possível enxergar como pertinente que, dentro desse universo masculino, a mulher assumisse o papel de vilã, pois, afinal, ela é outro, aquele que eu não conheço, um mistério do qual nada consigo decifrar.

A menstruação e a gestação, por exemplo, foram objetos de estudo e reflexão durante a Antiguidade e Idade Média, mas nunca se conseguiu provar o papel feminino na gestação. Na Antiguidade discutia-se a existência de um princípio feminino que definiria o papel da mulher na gestação, ideia perseguida durante a Idade Média, mas conforme argumenta Claude Thomasset in “Da natureza feminina”, que podemos ler na *História das Mulheres no Ocidente: Idade Média* (1990), “Curiosamente, a periodicidade do ciclo menstrual não orientou os médicos e os sábios para uma periodicidade da fecundidade.” (THOMASSET, 1990, p.79) logo, provar a existência de tal princípio feminino na gestação era algo problemático e passível de ser refutado como afirma Thomasset:

Se o sangue menstrual e as suas funções são fáceis de precisar, em contrapartida a existência do esperma feminino, que define o papel da mulher na geração, não pode ser nem infirmado nem confirmado pela observação imediata e torna-se por este facto um espaço de controvérsias científicas e teológicas. A crença na existência de um princípio feminino que intervém no momento da concepção possui uma prestigiosa tradição: da Índia à maior parte dos filósofos do mundo grego. (THOMASSET, 1990, p.79).

Para essa tradição, o encontro de um elemento macho e de um elemento fêmea determinaria o sexo do embrião, fato que se daria entre o esperma masculino e a secreção, que eles entendiam como esperma feminino. Porém essa teoria não conseguiu perdurar por muito tempo, pois encontrou um forte oponente: Aristóteles.

² Um livro de 1498. Embora essa ideia de feitiçaria esteja marcada historicamente por volta do século XV, ela é uma redescoberta da Antiguidade.

Para o grego não havia comparação entre a secreção que se produzida na mulher e o líquido seminal masculino, uma vez que as secreções femininas variavam e dependiam da alimentação – já havia sido observado que mulheres pobres, que trabalhavam muito e se alimentavam mal, tinham problemas com a menstruação. No mesmo texto Thomasset cita Hildegarda de Bigen que no século XII refletiu sobre os problemas da sexualidade e apresentou uma ideia confusa sobre a existência de um princípio feminino. De acordo com o autor, a reflexão de Hildegarda consistia em ora afirmar que havia uma pequena quantidade de tal princípio, ou ora negar sua existência. Em uma das explicações, Hildegarda dizia que a concepção acontecia por uma “mistura de duas espumas (*spuma*), produto da agitação do sangue.” (THOMASSET, 1990, p.80), na outra argumentava que “a semente masculina intervém então sem a presença de um produto feminino.” (THOMASSET, 1990, p.80). Ou seja, durante a Antiguidade e Idade Média levantavam-se questões, mas ninguém tinha a menor ideia sobre o que eram os aparelhos reprodutores – tanto femininos, quanto masculinos – e muito menos como estes funcionavam, logo, não se poderia ter certeza de nada.

Outro problema formulado pelos historiadores era o fato dos meninos serem “arrancados” muito cedo do convívio feminino para serem brutalmente integrados ao universo masculino, de onde praticamente não saíam mais. O historiador Georges Duby, em seu livro *Idade Média, Idade dos Homens* (1989), argumenta que essa ação influenciou de fato na criação de um imaginário misógino, porque lhes faltou a oportunidade de conhecerem mais profundamente aquele universo:

(...) desses garotos os quais, todos, com idade de sete anos, eram brutalmente separados de suas mães, arrancados do universo feminino onde tinham sido criados. A análise de certas biografias, como a do monge Guibert de Nogent, por exemplo, mostra que os homens se recuperavam com dificuldade desse traumatismo, cujos traços comandavam, por toda a vida, algumas de suas atitudes fundamentais em relação às mulheres. (DUBY, 1989, p. 96).

No entanto, o mesmo teórico, nos traz um relato em seu livro *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII*, que versa sobre a construção de um texto a respeito de Santa Maria Madalena, demonstrando-nos que “de um mosteiro de homens provém igualmente o mais antigo dos textos compostos, por um homem, para ser lido em 22 de julho, dia da celebração da santa, diante de homens” (DUBY, 1995, p.36), e que, por meio desse escrito, um monge, ou seja um homem, fazia de uma pessoa feminina uma **“figura que ele apresentava a outros monges como ensinamento espiritual.”**, (Grifo nosso), (DUBY, 1995, p.36). Duby vai adiante afirmando que “assim se inicia, neste escrito monástico, como que uma reabilitação da feminidade, em homenagem talvez àquelas nobres viúvas a quem os monges repetiam que eram capazes, mais que seus falecidos esposos, de chegar a Deus.”, (DUBY, 1995, p.37).

O historiador localiza a figura do casal na base da sociedade feudal e pós feudal, afirmando que é necessário, em primeiro lugar, olhar para o interior dessa sociedade doméstica para entender a função feminina. Dentro da célula doméstica, a mulher reina e está protegida; fora dela, está em “posição considerada perigosa.”, (DUBY, 1989, p.97).

Advêm da Antiguidade e estendem-se pela Idade Média práticas sociais como reguladores da vida feminina. Essas práticas são as que “infectem, determinam, marcam a vida das mulheres: casamento, procriação, vida religiosa.”, (1990, p.24). Logo, podemos considerar que, tanto na Antiguidade quanto no Medievo, a função feminina está ligada ao *domus* e ao *caelibatus*³.

Na mulher está inserida a responsabilidade da vida, porque é ela quem dá a luz, e de certa forma pela morte, pois a ela cabia a função de limpar e arrumar os mortos:

Nós reconhecemos nessa interioridade o que era a função feminina essencial: a procriação, mas também o governo dos segredos mais misteriosos da vida, que tocam no nascimento, na morte (lavar o corpo dos recém-nascidos, lavar o corpo dos defuntos). Assim, o interior da casa se encontrava naturalmente em correspondência metafórica com o corpo feminino. (DUBY, 1989, p.95).

Em outra passagem a respeito da crucificação de Jesus, há a reafirmação da função feminina de preparação dos mortos:

De longe, essas acompanhantes atentas assistiram à crucificação. Depois, quando o corpo do Crucificado foi descido, levado ao túmulo, elas o ungiam com substâncias aromáticas. Era então tarefa das mulheres cuidar do corpo dos mortos, como continuava sendo no século XII. (DUBY, 1995, p. 33).

A mulher estava presentes nas duas principais passagens do homem: nascimento e morte. Como assevera Maria de Nazareth Alvim de Barros, essa responsabilidade foi imputada à mulher desde o Paleolítico que “... como Terra Mãe, dona da vida e da morte, rapidamente se transformou em responsável pelos mortos.”, (BARROS, 2001, p.18). Ela era também detentora da sabedoria da natureza, com suas ervas que curavam, com a capacidade de observar o tempo, a chuva estava chegando ou a permanência do sol. Enfim, a mulher era alguém com aptidão de interferir nas leis naturais e de realizar feitiços. E isso levaria à concepção errônea a seu respeito, conforme afirma Duby em seu livro *Eva e os padres* (2001), quando: “um filho morre, nascido ou por nascer, só pode ser a mãe; descobre-se de manhã um marido morto em sua cama, só pode ser a esposa, por drogas misteriosas cujas receitas ela conhece.”, (DUBY, 2001, p.27).

Logo, é conflitante falar de tantos anos de Idade Média e ir atrás do fio de Ariadne para saber até onde ele vai nos conduzir. Estudamos pergaminhos, imagens, escavamos locais,

³ A casa, o lar e o celibato.

etc. Enfim, seguimos pistas sem ter a noção exata de onde elas nos levarão e o que é de fato a “verdade” histórica, sempre relativa, provisória e parcial. Quiçá nunca a teremos totalmente.

1.2 A importância da tradição oral para a construção do pensamento humano e permanência do homem no mundo

De acordo com a autora Nelly Novaes Coelho, em seu livro *Literatura Infantil* (2005), a identificação entre o imaginário infantil e o popular dá-se pela consciência primária. Diferentemente do que acontece com uma mente adulta, intelectualizada, a mente primária reflete a realidade pela emoção – não pelo racional – e esse sentimento tem a sua própria lógica.

Em outras palavras, no povo (ou no homem primitivo) e na criança, o conhecimento da realidade se dá através do sensível, do emotivo, da intuição e não através do racional ou da inteligência intelectual, como acontece com a mente adulta e culta. Em ambos, predomina o pensamento mágico, com sua lógica própria. (COELHO, 2005, p.41)

Partindo desse pressuposto, então, é possível reconhecer que o surgimento de narrativas da tradição pelo viés do maravilhoso não é algo impertinente, pelo contrário, é totalmente relevante. Isso ocorre porque, se a mente apreende pelo sensível, as narrativas surgem através de a imaginação e do pensamento mágico; o racional não tem muita importância no aparecimento de tais histórias. Logo, tudo é possível. Cabe ressaltar que quando falamos em maravilhoso estamos nos referindo ao extraordinário, algo além do ordinário, aquilo que não pode ser mensurado pelo racionalismo Cartesiano. Estamos falando do empírico, de algo que apreendemos pelos sentidos. Ou seja, não estamos nos remetendo ao gênero literário, mas sim a uma categoria mais ampla, que abrange toda fabulação que foge à realidade empírica.

Era por intermédio dessas histórias criadas pelo pensamento mágico, pelo extraordinário, que o medievo entendia a vida e seu entorno. O que nos leva a pensar sobre a importância do inconsciente coletivo, que apresenta histórias com as mesmas configurações, elementos, lugares, tempos e ambientes diferentes. Somos também levados a refletir sobre a afirmação do mitólogo Josef Campbell: “Você tem o mesmo corpo, com os mesmos órgãos e energias que o homem de Cro-Magon tinha, trinta mil anos atrás. Viver uma vida humana na cidade de Nova Iorque ou nas cavernas é passar pelos mesmos estágios (...)”, (CAMPBELL, 1999, p.39). Ora, se o seu corpo é igual, se você passa necessariamente pelos mesmos estágios, sua mente pode perfeitamente trazer resquícios disso.

Atentamos para a explicação que Jules Michelet traz em *A Feiticeira* (2003) sobre o aparecimento da hagiografia na Idade Média. Nesse texto, ele afirma que, embora os frades escrevessem as narrativas da época, era o povo que as concebia, ou seja, a realidade era apreendida – e criada – por intermédio da imaginação, através do sensível, do pensamento mágico – aquele do qual nos fala Nelly Coelho – e não do racional. Para isso, ele exemplifica falando sobre o surgimento das histórias das vidas dos santos:

A vida precária e inquieta desses tempos de violência tornava as pobres tribos imaginativas crédulas nos próprios sonhos, que as tranquilizavam. Sonhos estranhos, ricos em milagres, de loucuras absurdas e fascinantes. A essas famílias, isoladas na floresta e na montanha (como ainda se vê no Tirol e nos Alpes), de onde desciam um dia por semana, não faltavam no deserto de alucinações. Uma criança tinha visto isto, uma mulher sonhara aquilo. Um novo santo surgia. A história corria pelos campos, como canção popular, grosseiramente rimada. Cantavam-na e dançavam-na à noite no carvalho da fonte. (MICHELET, 2003, p. 35).

Como o próprio autor afirma, a existência que aquelas pessoas levavam propiciava à imaginação e o pensamento mágico. Logo, é pertinente pensar que o aparecimento das histórias das vidas dos santos podem estar conectadas ao surgimento de outras histórias da tradição: alguém viu, alguém escutou, alguém sonhou.

Nelly ainda afirma que as histórias funcionaram como ferramentas capazes de transmitir valores, padrões de pensamento ou conduta:

Uma vez que valores ou padrões (de natureza social, ética, política, artística, econômica, religiosa, etc.) são essencialmente abstratos, dificilmente poderiam ser compreendidos ou assimilados por mentes que vivem muito próximas da natureza sensorial, do concreto e, como tal, propensas a conhecerem as coisas através das emoções e da experiência concreta. Transmitidos em uma linguagem lógica, racionalizante e abstrata (como a filosofia...), tais valores não as atingiriam a fundo. (COELHO, 2005, p. 43).

Elas também funcionavam como um caminho para a tortura, a fogueira e a morte. O que não é de todo sem sentido, numa época em que pouco se sabia a respeito da ciência, em que as religiões patriarcais ofereciam o céu como consolo em troca de uma vida terrena dura, árdua, onde os próprios livros sagrados respaldavam a perseguição ao universo feminino e, por fim, onde a eloquência dos oradores tornava suas orações irrefutáveis:

E sabemos pelas Sagradas Escrituras dos desastres que recaíram sobre Jô – de como o fogo vindo dos céus atingiu seu rebanho e seus servos e os consumiu, e de como violento vendaval derrubou uma casa pelos seus quatro cantos por sobre as crianças que lá dentro se encontravam, matando-as. O diabo, por si só, sem a cooperação de qualquer bruxa, tão somente com a permissão de Deus, foi capaz de provocar todos esses desastres... E pode-se dizer que o demônio se utiliza das bruxas, não porque precisa de semelhantes agentes, mas porque visa à sua perdição. (KRAMER ; SPRENGER, 2007, p. 64).

(...)

Cumprir dizer, que três parecem ser os vícios que exercem um domínio especial sobre as mulheres perversas, quais sejam, a infidelidade, a ambição e a luxúria. São estas portanto, mais inclinadas que as outras à bruxaria, por mais se entregarem a tais vícios. Como desses três vícios predomina o último, por serem as mulheres insaciáveis etc., conclui-se que, dentre as mulheres ambiciosas, as mais profundamente contaminadas são as que mais ardentemente tentam saciar a sua lascívia obscena: as adúlteras, as fornicadoras e as concubinas dos Poderosos. (KRAMER ; SPRENGER, 2007, p.121).

Walter Benjamin frisava a importância dessas narrativas orais argumentando que a raiz da narrativa, por estar **intrinsecamente ligada ao miraculoso, deixava o seu ouvinte livre para interpretar a história e para completá-la**⁴. (Grifo nosso). Benjamin utilizava como ilustração o relato de Heródoto, o primeiro narrador grego, retirado do capítulo XIV do terceiro livro, de suas *Histórias*. O tema é o do rei egípcio Psammenit:

Quando o rei egípcio Psammenit foi derrotado e reduzido ao cativo pelo rei persa Cambises, este resolveu humilhar seu cativo. Deu ordens para que Psammenit fosse posto na rua em que passaria o cortejo triunfal dos persas. Organizou esse cortejo de modo que o prisioneiro pudesse ver sua filha degradada à condição de criada, indo ao poço com um jarro, para buscar água. Enquanto todos os egípcios se lamentavam com esse espetáculo, Psammenit ficou silencioso e imóvel, com os olhos no chão; e, quando logo em seguida viu seu filho, caminhando no cortejo para ser executado, continuou imóvel. Mas, quando ele viu um dos seus servidores, um velho miserável, na fila dos cativos, golpeou a cabeça com os punhos e mostrou sinais do mais profundo desespero. (BENJAMIN, 2005, p.203).

Benjamin assegurava que, nessa história, estava presente o que era a verdadeira narrativa, aquela que “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.”, (BENJAMIN, 2005, p.204). Walter Benjamin argumentava que a fonte à qual recorriam todos os narradores era a experiência humana passada de pessoa a pessoa e que as melhores narrativas escritas eram aquelas que se mantinham fiéis às histórias orais transmitidas por seus narradores. E Campbell complementa a ideia de Benjamin afirmando que esse ritual de transmissão de histórias trazia conforto e harmonizava aquelas sociedades que, por intermédio das narrativas, atingiam uma espécie de entendimento acerca do tema para depois poder seguir adiante.

Os mitos antigos foram concebidos para harmonizar a mente e o corpo. A mente pode divagar por caminhos estranhos, querendo coisas que o corpo não quer. Os mitos e ritos eram meios de colocar a mente em acordo com o corpo, e o rumo da vida em acordo com o rumo apontado pela natureza. (CAMPBELL, 1999, p.74).

Então, esse homem teria um lugar seguro onde poderia vivenciar coisas por intermédio de a escuta, e preparar-se para a vida, sem precisar necessariamente passar por aquele evento. Joseph Campbell assevera que, nas sociedades antigas, existiam determinados rituais para serem executados antes de uma grande caçada ou de uma guerra. Neles, as pessoas se juntavam para representarem ou desenharem a história que estava para ser escrita. Faziam isso com o intuito de se prepararem para os acontecimentos futuros. Como expõe Campbell:

Existem rituais descritos como preparatórios à caçada de animais. Antes de sair para matar, o caçador desenha, no topo da colina, uma figura de animal que está disposto a matar. E essa colina deve estar numa posição tal que os primeiros raios do sol nascente a atinjam. Quando o sol nasce, o caçador está lá, esperando, na companhia de algumas pessoas, para representar seus ritos. Quando a luz atinge a figura do animal, a flecha do caçador voa exatamente no caminho aberto pelo raio de luz e toca o desenho do animal, e a mulher, que está presente para ajudar o caçador, ergue as mãos e grita. Aí o caçador sai e mata o animal. E a flecha estará exatamente onde estava no desenho. (CAMPBELL, 1999, p.79).

⁴ Veja, deixava o seu ouvinte livre para interpretar a história e para completá-la. Ou seja, o indivíduo ouve, vai interpretando, participando e completando.

As histórias da tradição oral ajudaram o homem a se localizar no mundo; elas comportaram a função de induzi-lo a participar da vida e do mundo e depois a de desengajá-lo, quando a morte chegasse: “É o desengajamento definitivo. Assim, o mito precisa servir aos dois propósitos, induzir o jovem a participar da vida do seu mundo – esta é a função do folclore – e depois desengajá-lo.”, (CAMPBELL,1999, p.74).

Assim, fica evidente que as narrativas da tradição foram de suma importância para a construção do pensamento humano e permanência do homem no mundo. Elas funcionaram como fontes de aprendizado e percepção, preparavam o homem pra lidar com vida, aliviavam as angústias humanas trazendo explicações acerca do mundo.

2 O LEGADO DA CULTURA ÁRABE E A CONQUISTA DA PENÍNSULA IBÉRICA

Há duas versões para a revelação feita a Maomé no começo do século VII, quando ele tinha cerca de quarenta anos. Esse fato ficou conhecido entre os fiéis como ‘A Noite do Poder ou do Destino’. Em uma das versões, um anjo, que muitos muçulmanos acreditam ser o arcanjo Gabriel, em forma de homem, aparece a Maomé e o convoca a ser mensageiro de Deus; a outra versão diz que “na décima sétima noite do ramadã, quando, na caverna da montanha, Maomé foi arrancado de seu sono e se sentiu tomado pela devastadora presença divina” (ARMSTRONG, 2002, p.56), o que mais tarde ele explicou como a presença de um anjo, convidando-o à recitação – qu’ran. Como Maomé alegou não saber recitar, o anjo o envolveu num abraço profundo e apertado. De repente, da boca do profeta, foram surgindo palavras. O *Corão* foi-lhe revelado durante os vinte três anos restantes de sua vida, palavra por palavra, linha por linha, versículo por versículo. E isso foi de tamanha importância que modificou todo o pensamento e o modo de agir daquela época, unificando os povos da Península Arábica que até então eram politeístas e viviam em diferentes tribos. Como destaca Karen Armstrong:

Alguns, como veremos, converteram-se instantaneamente, acreditando que só a inspiração divina era capaz de responder por aquela linguagem extraordinária. Os que se recusavam a se converter ficaram perplexos e não sabiam ao certo como lidar com a revelação perturbadora. Os muçulmanos ainda acham o *Corão* profundamente comovente. (ARMSTRONG, 2002, p.59).

Aos poucos o Islamismo foi abarcando fiéis, cujo número aumentou vertiginosamente. Então, Maomé pediu aos seus seguidores que espalhassem a mensagem de Allah a todos os povos. No entanto, o profeta foi ao longo da história perseguido, vilipendiado, desautorizado. De acordo com Karen Armstrong, em seu livro *Maomé*:

Parte do problema ocidental é ter visto Maomé durante séculos como a antítese do espírito religioso e o inimigo da civilização decente. Talvez devêssemos, contudo, tentar vê-lo como um homem de fé que conseguiu trazer paz e civilização a seu povo. (ARMSTRONG, 2002, p.54).

A historiadora afirma que isso não abalou a fé muçulmana e que o poder do *Corão* pode “ser atestado pelo fato de que muitos povos no império islâmico abandonaram suas línguas para adotar a língua sagrada do livro sagrado.”, (ARMSTRONG, 2002, p.61).

Não obstante, como assegura Maurice Crouzet em *História Geral das Civilizações*:

Ao morrer, em 632, Maomé fundara uma religião consciente de sua especificidade, esboçara um regime social externo ou superior à organização tribal, unificara ou ao menos federara a Arábia, embora ainda fragilmente, pela primeira vez na História. (CROUZET, v.6, 1994, p.135).

Os muçulmanos saíram pregando a sua religião, conquistando territórios e acumulando riquezas. Uma pergunta recorrente entre pesquisadores e estudiosos é como foi possível a transformação da Península Arábica, dividida entre estepes e desertos, de tribos, algumas nômades, numa das maiores potências do planeta em pouco mais de um século?

Em relação à Península Ibérica, a rápida queda do poder visigótico perante os Muçulmanos deu vazão a múltiplas tentativas de interpretação. De acordo com a pesquisadora francesa Adeline Rucquoi, a falta de crônicas da época, além da *Crônica Moçárabe*, assim como a raridade de informações pertinentes aos primeiros anos do século VIII “torna extremamente difícil a interpretação dos fatos que levaram à conquista da península pelos Muçulmanos.”, (RUCQUOI, 1995, p.61). Historiadores, a exemplo de Albert Hourani, concordam que foi um conjunto de fatores que tornaram possível a expansão fulminante dos povos da Península Arábica. Dentre esses fatores o autor destaca:

Indícios descobertos por arqueólogos mostram que a prosperidade e a força do mundo mediterrâneo se achavam em declínio, devido a invasões bárbaras, à não-manutenção de terraços e outras obras agrícolas, e ao encolhimento do mercado urbano. Tanto o Império Bizantino quanto o Sassânida tinham sido enfraquecidos por epidemias de peste e longas guerras; o domínio dos bizantinos sobre a Síria só fora restaurado após a derrota dos sassânidas em 629, e ainda era tênue. Os árabes que invadiram os dois impérios não eram uma horda tribal, mas uma força organizada. (HOURANI, 2006, p. 44).

Outra explicação plausível seria que, para a população dos países conquistados, nesse caso estamos nos referindo particularmente à Península Ibérica, não importava muito quem estivesse no comando, gregos, iranianos ou árabes. Aliás, eles até achavam certa vantagem em “viver sob um governante imparcial em relação a vários grupos cristãos, sobretudo quando a nova fé, que ainda não tinha um sistema plenamente desenvolvido de doutrina ou lei, talvez não lhes parecesse estranha.”, (HOURANI, 2006, p. 45).

Em 711, comandados por Tarik com um poderoso exército, os muçulmanos vindos da Península Arábica atravessaram o estreito de Gibraltar, invadiram e conquistaram quase toda a Península Ibérica. A primeira batalha, chamada de Guadalete, terminou com o breve reinado de Rodrigo, último rei visigodo da Península Ibérica. Reza a lenda que Rodrigo, ou Roderico em alguns textos, foi traído pelo conde Julião, que passou para o lado muçulmano em virtude de uma vingança pessoal: o rei Rodrigo desonrou a filha do conde, após enviá-lo a uma missão. No entanto, de acordo com uma narrativa recolhida, a invasão árabe estava predestinada a acontecer. Observemos a lenda “El Rey Rodrigo”, em *Leyendas épicas españolas*:

Había entonces en Toledo un palacio cerrado desde hacía mucho tiempo con muchos candados, que nadie hasta entonces había osado abrir. Rodrigo mandó abrirlo porque esperaba encontrar en él un grand tesoro, pero cuando lo abrieron no hallaron más que un arca cerrada. Abierta el arca encontraron en ella un paño con unas letras que decían que cuando fueran violentadas las cerraduras y abiertos el palacio y el arca, unas gentes como las que el paño estaban pintadas entrarían en España y la conquistarían (CASTILLO, 1998, p.34).

Rodrigo manda imediatamente fechar a arca e o palácio. Naquele pano, estavam pintadas justamente pessoas com aparência e adornos árabes. Isso nos leva a crer na hipótese formulada sobre a queda do império estar relacionada a um castigo divino, imposto aos visigodos pelos seus pecados. Observemos que a queda do poder visigótico na Península Ibérica aconteceu de maneira tão rápida que deu margem a várias versões para explicá-la. De acordo com Adeline Rucquoi, a explicação oficial foi a de uma crise moral “Desde a época medieval que a explicação oficial foi a de uma ‘crise moral’, e 711 tornou-se uma data emblemática, a do ‘castigo’ de um reino em virtude dos ‘pecados’ dos seus governantes.”, (RUCQUOI, 1995, p.60).

Logo, a narrativa que traz ao rei Rodrigo a revelação da invasão muçulmana, um pouco antes dela acorrer, pode sim, estar conectada a essa ideia de castigo divino. Essa, no entanto, não é a única versão da lenda. Citaremos duas compilações, uma presente no livro *Leyendas españolas de todos los tiempos* de José Maria Merino ‘*Don Rodrigo y la Perdida de España*’, e outra no livro *Leyendas épicas españolas* de Rosa Castillo ‘*El Rey Rodrigo*’.

O recolhimento narrativo de José Merino aponta para Hércules como fundador da cidade de Toledo. Nessa narrativa, conta a lenda que, depois de fundar a cidade, o guerreiro escolheu uma grande caverna onde escondeu todos os seus tesouros. Para protegê-la, construiu em cima um castelo com fortes fechaduras e sobre a porta gravou os seguintes dizeres “Rey, abrirás estas puertas para tu mal.”, (MERINO, 2005, p.37). Anos e anos se passaram até que Rodrigo subiu ao trono e decidiu romper as fechaduras – apesar de todos os seus antecessores terem-se mantido longe de tal maldição – para ver o que se escondia sob o castelo. O rei encontrou uma arca, porém, dentro dela não havia jóias ou ouro e sim um lenço grande e fino:

No habia en el lienzo otra cosa que pinturas de vivos colores, representando muchas figuras de lo que parecían guerreros a caballo, vestidos con los ropajes propios de los pueblos que vivian al sur, em outra orilla Del mar. Era como um nutrido ejército que avanzase desde la derecha del lienzo. A la izquierda, en el otro extremo de la pintura, se veía una fortaleza arrasada y envuelta en llamas, y figuras vestidas con sayales, que parecían huir. Al pie de la fortaleza había muchos guerreros cristianos muertos, armas tiradas, espadas y lanzas quebradas, escudos partidos. En el centro, bien visibles, abatidos y rotos, guiones y las banderas del ejército de Rodrigo, el blasón de su escudo de armas y la bandera y el blasón del propio reino de España. (MERINO, 2005, p.38).

Rodrigo, então, ordenou que fechasse tudo e deixasse como antes. Entretanto, o mal já estava feito e Rodrigo sucumbe à invasão muçulmana. A narrativa de Merino aponta Rodrigo como um homem casado e, perdido pelos encantos de dona Florinda⁵, filha do conde Julião, torna-se amante desta. Assim, a conquista da Península Ibérica é intermediada pela luxúria, o rei não consegue ficar longe dos atrativos da moça e põe em perigo seu reino.

Já a narrativa de Castillo afirma que, possesso de paixão, o rei não se contém e deflora a moça. No entanto, as duas dão conta do rancor do conde Julião que entrega Rodrigo aos árabes por causa de sua desonra:

Los narradores se contradicen al relatar los resultados de aquel encuentro. Hay quien asegure que el rey Rodrigo no pudo aplacar sus deseos y que en la primeira entrevista violó a la hermosa doncella. Otros dicen que desde el primer momento surgió entre ambos una fortísima atracción amorosa y que Florinda se entregó con gusto a don Rodrigo. (MERINO, 2005, p.39).

Dois anos após a invasão, os muçulmanos haviam conquistado boa parte da Península Ibérica – com algumas exceções, entre elas Astúrias e os Pirineus, por serem regiões montanhosas de difícil acesso. Adelina Rucquoi afirma:

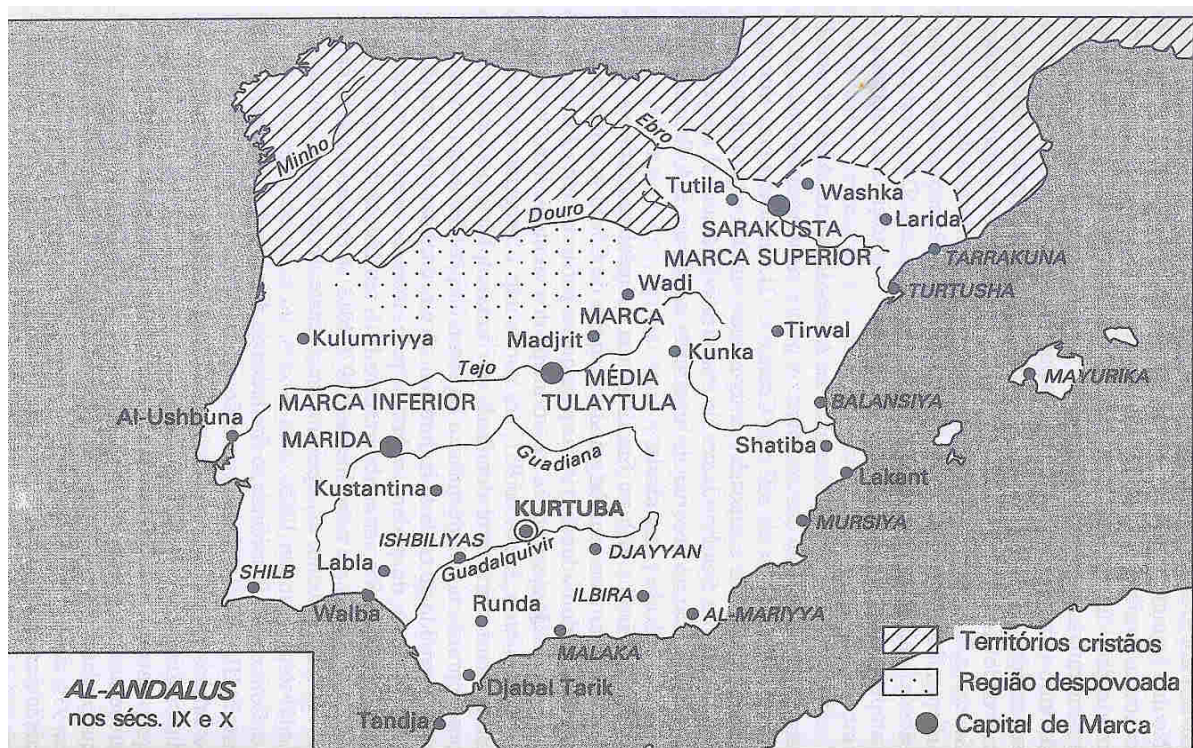
No conjunto, porém, a conquista impressionou os contemporâneos, tanto pela sua rapidez como pelas depredações e o terror que causou; a Crónica Moçárabe fala assim de cidades devastadas, incendiadas e despovoadas, cujos habitantes foram mortos ou feitos prisioneiros, nobres crucificados, crianças trucidadas, tudo misturado de astúcia e de escárnio. (RUCQUOI, 1995, p. 63).

Os árabes estiveram cerca de 800 anos na Península Ibérica, influenciaram a população local e muitos dos habitantes da Península Ibérica chegaram a converter-se à religião islâmica, a falar o idioma árabe e a aceitar totalmente os seus costumes. Como adverte Rucquoi “No decorrer da segunda metade do século IX numerosos cristãos emigraram para o Norte enquanto outros se fundiam cada vez mais na sociedade, adoptando os trajes, a língua dos muçulmanos e, por vezes, até a sua religião.”, (RUCQUOI, 1995, p.75).

Podemos confirmar esse legado através da arquitetura, geografia, agricultura, artesanato e na própria língua, a exemplo do idioma português, onde muitas palavras subsistem até hoje. Estes homens introduziram novos conhecimentos acerca da medicina, da navegação, da astronomia e matemática. Alguns estudiosos chegaram a afirmar que as grandes navegações portuguesas só foram possíveis por causa dos conhecimentos apresentados pelos árabes. Contudo, nem toda Península sofreu essa forte dominação. Na antiga província da *Gallaecia*, a Galiza, e na província da Cantábria, os cristãos se reuniram para combater os invasores “infieis”.

⁵ Que também é conhecida como a perda da Espanha.

O ingresso dos muçulmanos na Espanha levou à divisão de três entidades diferentes: os hispanis do sul que se islamizaram ou emigraram para o norte; a parte nordeste que reunia influências da Europa Setentrional e, ao mesmo tempo, conservava as particularidades hispânicas; e norte e noroeste que tentavam recriar uma monarquia do tipo visigótica, ao mesmo tempo em que lutavam contra os infiéis. Essa divisão evidencia-se pelo mapa que reproduzimos aqui:



História Medieval da Península Ibérica, 1995, p. 78.

As lutas entre muçulmanos e cristãos eram constantes, o que podemos verificar por intermédio de narrativas de diversas épocas do medievo que narram os combates, a exemplo da que retomamos abaixo:

Morto el conde Fernán Gonzalez reino en Castilla su hijo Garcí Fernandéz. Éste fue un conde muy justiciero y batallador. En muchas ocasiones venció a los moros, aunque también en otras fue vencido” (CASTILLO, 1998, p. 68).

(...)

Ay, Pelayo! Bien sabes tu cuán grande fue el poder que en España tuvieron los godos, pues aunque lucharon con los romanos y con los bárbaros siempre vencieron: pero ahora, por voluntad de Dios, han sido vencidos y todo su poder ha sido aniquilado. Pues tú, ahora, Pelayo, para qué combates? Por qué te has metido en esa cueva con tan poca gente? Si el rey Rodrigo con todo su ejército no pudo resistir a los árabes, piensas tú hacerlo con tan escasas fuerzas en esa cueva? (CASTILLO, 1998, p. 42).

Pelayo era filho de Fávila, duque da Cantábria, que, ao saber da derrota de Rodrigo, pega sua irmã e vai para Astúrias na esperança de organizar uma resistência. Porém, este é traído pelo governador Munusa que, apesar de cristão, firma aliança com os muçulmanos.

Além disso, Munusa se casa sem permissão com a irmã de Pelayo; este, revoltado, rapta a irmã e leva-a para as montanhas com intenção de lá organizar uma resistência cristã.

Todavia, houve também cristãos e muçulmanos que estreitaram amizades, como mostra o extrato da narrativa: “desde aquel momento el moro y el cristiano estrecharon aún más la amistad que tenían. En todas as cosas se guiaba este por los consejos de Don Pedro Ansúrez.”, (CASTILLO, 1998, p.90).

A nós importa verificar a maneira como a tradição oral muçulmana se infiltrou na tradição oral ibérica, influenciando-a e misturando-se àquele universo. Para esse intento, trabalharemos com *As mil e uma noites*, e com algumas histórias recolhidas da tradição oral ibérica, procurando pôr em relevo a misoginia presente nestas narrativas e a influência religiosa aí presentes. Não obstante, como afirma o historiador Maurice Crouzet, há que se pensar nesse mundo muçulmano de maneira coerente:

(...) é indispensável que a História do mundo muçulmano ocupe na cultura do homem moderno um lugar considerável: é indispensável, também, que este homem supere uma concepção de civilização estritamente associada a povos e a espaços privilegiados: que ele saiba que, antes de São Tomé, nascido na Itália, houve um Avicena, nascido no Turquestão, e que as mesquitas de Damasco e Córdova são anteriores a Notre-Dame de Paris; que esqueça o seu descaso pelos povos muçulmanos modernos, provocado por um esmaecimento, talvez transitório; que não encare também esta História através de uma miragem das *Mil e Uma Noites*, como episódio exótico, extraordinário, já passado, objeto de vaga nostalgia, e sim como um pedaço da História humana, diversa segundo os locais e as épocas, mas no seu total amplamente uma e solidária. (CROUZET, v.6, 1994, p.132).

É a isso que nos propomos. Logo adiante, depois de fazer um pequeno apanhado sobre as representações femininas.

3 AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS: A PERDA DO LUGAR FEMININO

A ideia da mulher como origem e potência do mal remonta à Antiguidade. Como afirma Sallman, em seu livro *As bruxas Noivas de Satã*:

A imagem da bruxa noturna, da mulher que, a noite, se transforma em ave de rapina, que voa emitindo gritos aterradores, que entra nas casas para devorar criancinhas, é, desde a sua origem, um componente importante do mito demonológico. Essa lenda é verificada desde a Antiguidade, na literatura romana e na mitologia germânica. (SALLMAN, 2002, p. 27).

(...)

O problema da bruxaria levantou o problema da posição da mulher na sociedade cristã. Do ponto de vista teológico, a mulher é marcada pelo pecado original. Ela permanece sendo agente do Diabo. Mas também é o seu corpo que inquieta. O desconhecimento da fisiologia do seu corpo dá livre curso a todas as extravagâncias da imaginação. (SALLMANN, 2002, p.105).

Muitos historiadores apontam para o fato de que existiram sociedades matriarcais: “(...) O culto da Terra Mãe evoluiu para o culto da Deusa Mãe. Creta tornou-se o berço ocidental da Deusa e de seu culto e, por volta de 4000 a.C., atingiu toda a Europa Ocidental.”, (BARROS, 2001, p.23). No entanto, elas foram desarticuladas pelas sociedades patriarcais que surgiram posteriormente. De acordo com José Carlos Leal, no século XIX, o suíço Johhan Jakob Bachofen publicou o livro *Le règne de la mère au patriarcat* onde defendia a ideia da antecedência do matriarcado na história das sociedades humanas. Ele asseverava que:

Nessas comunidades antigas prevalecia, naturalmente, a descendência matrilinear, já que a mãe era sempre identificável, enquanto o mesmo não acontecia com o pai. Assim, os machos mais jovens tendiam a se agrupar em torno da mãe e a hostilizar o pai. Deste modo, já que a mulher era a fonte da consanguinidade, toda a sociedade passou a girar em torno dela, que se torna a soberana e a legisladora daquelas comunidades e, com isso, se estabelece a ginecocracia. (LEAL, 2004, p.17).

O universo feminino foi – e de certa maneira ainda é na atualidade – um grande enigma para os homens. Qual a explicação que esses homens da Antiguidade e Idade Média encontravam para a menstruação e a gestação? A mulher inspirava fascínio e medo ao mesmo tempo e era necessário, como afirma o teórico José Carlos Leal, dominá-la: “Foi necessário, portanto, que os homens procurassem meios e modos para dominar esta fonte original de terror e de ansiedade. Afastar-se dela, viver como se a mulher não existisse, era, certamente, absurdo.”, (LEAL, 2004, p.13).

Em um determinado momento da História, nas sociedades antigas, as mulheres possuíram o lugar central, eram respeitadas e consideradas sagradas, pois a vida só era possível por intermédio delas. Sua fertilidade era relacionada à natureza; elas traziam consigo o dom da observação e, por intermédio dele, começara-se a perceber os ciclos da natureza, o poder dos elementos, a importância de determinadas plantas. Podemos ilustrar o poder feminino e a acentuada conexão estabelecida entre ele e a natureza por meio de uma narrativa

da mitologia da antiga Mesopotâmia, que conta a história de Inana-Ishar, deusa do amor e da guerra.

Em uma de suas peregrinações, Inana encontrou o pastor Tamuz e por ele se apaixonou. Tamuz foi morto por um javali e a deusa desceu ao mundo dos mortos (Aralu) atrás dele. Esse mundo era governado por sua irmã, a invejosa Ereskigal, que tinha regras severas nas quais pautava seu governo. Uma dessas regras era que só se poderia descer ao Aralu depois da morte e, uma vez lá, não seria possível retornar ao mundo dos vivos. Inana então ameaça derrubar a porta e Ereskigal manda Nântar, o guardião do submundo, abri-la. Porém, o guardião informa à deusa que, a cada porta que ela atravessar, terá de deixar uma peça de sua roupa. Inana concorda e atravessa sete portas; ao final, está completamente nua. Ereskigal, tomada de inveja pela beleza de irmã, manda Nântar cobrir o corpo de Inana de doenças. Assim, a deusa acaba aprisionada no mundo inferior e, a partir daí, o amor desaparece da terra. Os deuses, ao verem o estrago que fez a falta de Inan na Terra, exigem que ela seja libertada. Contudo, a deusa afirma que só retornaria com a condição de levar Tamuz junto com ela; e assim foi feito. Logo, toda a natureza se transformou, amor e fertilidade cobriram a terra. (LEAL, 2004, p.21).

Nessa narrativa, há a presença de dois seres femininos governando: uma governa o amor e a guerra, ou seja, os sentimentos que norteiam a humanidade; e a outra, o subterrâneo, quando a humanidade deixa de “ser” e passa para outro mundo. É a uma divindade feminina para a qual eu volto minhas preces quando necessito de intervenção divina na vida e também na hora da passagem para o outro mundo – morte. Então, temos uma presença feminina regendo a vida e a morte de acordo com essa lenda.

Com o passar do tempo, as sociedades se transformaram de sociedades agrárias, que valorizavam a mãe terra, deusa maior que gerava vida, em sociedades criadoras de gado. Assim, gradualmente, a força tomou o lugar da fertilidade e a subjuguou. De acordo com Maria Nazareth Alvim de Barros o estopim para essa mudança é a criação da charrua e a domesticação dos animais:

Com o advento da charrua, que fere a terra e nela introduz a semente, a agricultura passou das mãos femininas às masculinas e os homens, de alguma forma, vivenciaram a criação da vida. Mas foi a domesticação dos animais que possibilitou ao homem observar que as fêmeas eram incapazes de procriar sozinhas, enquanto que ao lado dos machos o fenômeno sempre ocorria. Se a fêmea animal não gerava sozinha, ela, assim como a fêmea humana e a terra, funcionava como receptáculo do grão que nela era introduzido. (BARROS, 2001, p.25).

A religião acompanhou essa mudança, a mulher perdeu seu valor, passou a ser um objeto pertencente ao homem, que poderia fazer dela o que melhor lhe aprouvesse. A figura da sacerdotisa converteu-se na da bruxa, seguidora do diabo, cheia de lascívia e perfídia,

traíçoeira, má, sempre pronta a fazer um sortilégio. E apesar de a afirmação de Sallman a respeito da promoção da imagem de Satã ter acontecido no declínio da Idade Média:

Uma das características da Idade Média, em seu declínio, foi promover a imagem de Satã, poderoso e onipresente, ao qual eram imputados todos os infortúnios da época. A ideia de um combate para a dominação do mundo, entre Deus, promotor do bem, e Satã, promotor do mal, se impõe e se mantém durante parte da época moderna, sobretudo no mundo católico. (SALLMAN, 2002, p. 23).

Sabemos que a ideia a respeito da existência do mal e, sobretudo, a misoginia que cerca tal pensamento é antiga, pertence à Antiguidade. Porém, podemos, de certa maneira, dar crédito aos primeiros cristãos o fortalecimento dessa ideia. No início da Igreja Primitiva, os cristãos foram perseguidos; há inclusive o episódio do imperador romano Décio que em 250 d.C. mandou emparedar os cristãos que se recusaram a render culto aos deuses pagãos. Quando, de fato, atingiram o poder, eles passaram a promover o mesmo tipo de perseguição que haviam sofrido, condenando os cultos pagãos e quaisquer comportamentos que pudessem ser considerados mágicos.

A nova religião procurou, portanto, punir indiscriminadamente os encantadores, os que provocavam tempestades, os que invocavam demônios, os que consultavam os espíritos mortos, os que faziam curas tidas como milagrosas, aqueles que diziam possuir dons de clarividência, profetismo, bilocação: enfim, qualquer pessoa que tivesse ou dissesse ter algum dom especial ou se dedicasse a algum tipo de atividade condenada pela Igreja. (LEAL, 2004, p.131).

Logo o Cristianismo no século IV, quando se fortaleceu como religião predominante, começou a lutar contra tais métodos. Além disso, já se encontrava respaldo para isso no *Antigo Testamento* – no “Deuteronômio”, quinto livro do pertencente ao Pentateuco – datado da época de Moisés, ou seja, por volta de 1500 a.C – que as práticas de feitiços, magias ou adivinhações eram atestadas como pecado:

Quando tiveres entrado na Terra que o Senhor teu Deus te dá, não imites as práticas abomináveis dessas nações. Não haja em teu meio quem faça passar pelo fogo o folho ou filha, nem consulte adivinhos, ou observe sonhos ou agouros, nem quem use feitiçaria; nem quem recorra à magia, consulte oráculos, interrogue espíritos ou evoque os mortos. Pois o Senhor abomina quem se entrega a tais práticas. (DEUTERONÔMIO 18: 9,10,11,12).

Sabemos, por intermédio de textos antigos, que a figura da feiticeira vem atravessado séculos. Encontramos na *Odisseia* – um texto bem mais antigo, datado por volta do século VIII a.C e atribuído ao poeta Homero, que se acredita ter passado de geração a geração por intermédio de cânticos até que foi escrito – um bom exemplo disto: a presença marcante da feiticeira Circe que transforma todos os marinheiros do herói Ulisses em porcos. Conforme a narrativa, ao tentar retornar para casa, Ulisses encontra a ilha da feiticeira, onde se dá tal evento:

Ela os fez entrar e sentaram-se em sólios e poltronas, preparou um misto de queijo, farinha, fulvo de mel, vinho de Prâmnio, e acrescentou funestras drogas que deviam tirar a todos a lembrança da terra natal. Quando lhes ofereceu aquela mistura e eles a beberam, Circe os golpeou com uma vara e fechou-os nas pocilgas: apresentavam aspectos de porcos, as cerdas, o focinho, os grunhidos; somente o espírito permanecia como antes. (HOMERO, s-d, p.167).

Porém, o herói consegue vencê-la e recuperar seus homens.

Conquanto exista a presença das feiticeiras e sacerdotisas na Antiguidade, é, como visto anteriormente, no começo da Idade Média, que começa a tomar prumo a ideia de uma mulher com poderes sobrenaturais para ameaçar toda uma comunidade. De acordo com Sallmann “a crença segundo a qual um indivíduo podia prejudicar outro indivíduo, ou toda a sociedade, é conhecida desde a época merovíngia, cujos documentos escritos nos transmitiram casos de feitiços.”, (SALLMANN, 2002, p.25). E o ápice desse movimento acontece no século XVII, para logo depois entrar em declínio, como afirma Jean-Michel Sallman:

Os estereótipos antifemininos resistiram até o século XVII. A mulher assustava. A sua fisiologia não era bem conhecida pelos médicos e os teólogos viam nela um ser inconstante, que devia ser vigiado. Do ponto de vista jurídico, ela estava sob a tutela do pai, depois do marido. Só adquiria uma autonomia relativa com a viuvez, mas a sua situação, então, se degradava. (SALLMAN, 2002, p.55).

A conversão da sacerdotisa em bruxa vai desencadeando a perseguição ao feminino até a “Santa Inquisição”.

3.1 A sociedade Celta

Tratamos especificamente da sociedade celta porque, além de ser um povo que durante séculos habitou a região hoje conhecida como Península Ibérica, suas histórias repercutem até aos dias de hoje⁶. Apesar de não ser uma sociedade matriarcal, o papel feminino era respeitado e honrado.

Mas o que dizer da presença feminina nessa sociedade? Embora não se trate de uma sociedade matriarcal, conforme já assinalamos, podemos encontrar homens e mulheres com os mesmos de direitos, como fica explicitado por Huertas: “Parece ser que, en cambio, el papel de la mujer dentro de la sociedad celta era de completa igualdad con respecto al hombre, pudiendo ejercer cualquier profesión, incluida la política y la religiosa” (HUERTAS, 2005, p.143). Elas exerciam um papel importante, podendo ascender à casta de guerreiros ou

⁶ O conjunto dos relatos que constituem a prosa céltica medieval são chamados de mabinogi⁶ que, de acordo com Huertas em *El enigma de los celtas*, são divididos em três grupos. Embora os *mabinogi* tratem de mitos celtas britânicos neles já estão presentes a História do Rei Artur e os cavaleiros da tábua redonda e a busca do graal, tais relatos são encontrados também na Península Ibérica e fazem parte da tradição oral medieval daquela região.

tornar-se rainha⁷. De acordo com Emerald O’Callaghan em seu livro *Magia Celta*, “Lejos de permanecer subordinadas a los hombres, también podían acceder a la casta guerrera. Asimismo, contaban con la mismas posibilidades que los hombres de convertirse en reinas” (O’CALLAGHAN, 2007, p.45).

O casamento, de acordo com José Leal, era uma espécie de combinação entre os noivos e era a mulher que escolhia seu parceiro:

Quando uma jovem chegava à idade de se casar, organizava-se uma grande festa para a qual eram convidados os rapazes da comunidade. As moças casadouras examinavam os candidatos, e o escolhido seria aquele a quem a jovem oferecesse um recipiente com água para que ele lavasse as mãos. (LEAL, 2004, p.31).

Muitas mulheres se dedicavam ao sacerdócio e passavam boa parte do tempo em estudos dos elementos naturais e dos astros. Em algumas ocasiões, eram temidas porque eram consideradas como deusas ou fadas, com poderes para interferir no mundo físico ou espiritual. Essas mulheres conheciam as propriedades medicinais das plantas, sabiam o segredo da combinação de alimentos para recuperação e revitalização dos guerreiros, mas, com a chegada do cristianismo, elas perderam o seu lugar, conforme afirma O’CALLAGHAN:

Asimismo, las druidesas conocían las propiedades medicinales de las plantas y el modo de combinar los alimentos para revitalizar a los habitantes del poblado y los guerreros. Con la llegada del cristianismo, la figura de la druidesa pasó a convertirse en el de la bruja o hechicera, contraria a los principios de la religión. Por lo tanto, se las consideró maléficas por ser paganas. (O’CALLAGHAN, 2007, p. 47).

E mesmo que o cristianismo tenha prevalecido sobre as religiões pagãs, os celtas e suas mulheres continuaram por um vasto tempo com seus rituais e professando a sua religião:

As tribos continuaram s ser independentes e o papel da mulher dentro da sociedade não se modificou. Elas continuaram a representar a soberania, continuaram a ocupar papel de destaque, tanto no âmbito social e político quanto no religioso. O druidismo⁸ conviveu com a religião romana e foi até mesmo incentivado pelos romanos, que privilegiavam um domínio militar e administrativo. Foi dentro dessa organização social e religiosa que o cristianismo fez a sua aparição. (BARROS, 2001, p.127).

(...)

A participação das mulheres no rito sacrificial talvez possa ser vista como a grande heresia que as cristandades celtas praticaram contra a ortodoxia romana. Mais séria que as mudanças em relação à tonsura, ao batismo, à consagração episcopal ou à datação da Páscoa era a admissão e, acima de tudo, a colaboração de mulheres, já estigmatizadas como criaturas do Diabo e sem condições de transmitirem a mensagem de Cristo, nas missas, nas cerimônias do culto, com a distribuição da comunhão. Pior ainda foram as numerosas instituições fundadas e dirigidas por mulheres, onde podiam ser abadessas de um monastério e, mesmo, a criação dos monastérios mistos. (BARROS, 2001, p.136).

⁷ Um grande exemplo é Boudicca, rainha dos Icenos, uma tribo céltica, que conseguiu reunir várias tribos e liderou um sangrento combate contra os romanos, do qual não saiu vitoriosa. (HUERTAS, 2005, p.143).

⁸ A Gália, a Grã – Bretanha e a Irlanda foram invadidas pelos povos celtas em duas grandes migrações datadas, de 1400 a.C., a primeira, e a segunda, de 500 a.C. Esses povos se possuíam uma religião única – o druidismo – que funcionava como suporte e eixo em torno do qual estabelecia toda sociedade celta. (BARROS, 2001, p.125).

Logo, podemos inferir que, embora a sociedade celta não fosse matriarcal – e mesmo algum tempo depois do Cristianismo ter virado religião oficial – ela teve um universo feminino efervescente, com direitos equiparados.

3.2. Druídas, sacerdotisas, sincronismo religioso.

E se o Cristianismo venceu a batalha e estabeleceu-se como religião oficial, conforme assevera Alvim de Barros, já que ele:

(...) venceu a religião tradicional dos romanos, venceu o culto ao Imperador e aos deuses e deusas do panteão romana, venceu os Mistérios de Ísis e Cibele, assim como o de Dioniso, e venceu, até mesmo, o mitraísmo que mantinha semelhanças significativas com ele. (ALVIM, 2001, p.125).

Não podemos nos furtar de dizer que, talvez essa vitória tenha-se dado por intermédio dos pontos de conversão que o Cristianismo possuía com as religiões que tentavam impor-se naquele momento.

Em Roma, por exemplo, encontramos a figura de Hércules. É possível que essa efígie tenha ajudado na aceitação do cristianismo como religião, pois em Hércules temos a imagem de um ser, metade humano, metade divino, nascido de uma relação entre um deus – Zeus – com uma mortal. Então, para uma rápida aquiescência, bastava relacionar a história romana com a cristã, pois, no Cristianismo, temos um Deus – Jesus Cristo – que veio ao mundo através de uma mortal – Maria – para salvar os humanos dos seus pecados. Esse Deus vem ao mundo – assim como Hércules – metade humano, metade divino. Como podemos verificar no livro do profeta Isaías “Pois bem, o próprio Senhor vos dará um sinal. Eis que a jovem conceberá a dará à luz um filho e lhe porá o nome de Emanuel. Ele vai comer coalhada e mel até **aprender a rejeitar o mal e escolher o bem.**” (Grifo nosso), (Isaías, 7: 14,15).

Logo temos um menino que ainda ia aprender a rejeitar o mal, ou seja, Cristo nasce homem com livre arbítrio para escolher, e ao longo da sua caminhada sobre a terra se santifica⁹. Assim como Cristo, Hércules também passou por problemas terrenos em sua caminhada.

Como se observa, há elementos confluentes nos dois relatos e podem-se destacar ainda os pontos de conversão com a religião druida – perpetrada entre os celtas –, por exemplo,

⁹Ele tem sentimentos humanos, podemos verificar na passagem a respeito da morte do amigo Lázaro – que depois ele ressuscita – “Quando Jesus a viu chorar, e os que estavam com ela, **comoveu-se interiormente e perturbou-se.** (...) **Jesus teve lágrimas.**” (Grifo nosso), (João 11: 33).

como algumas práticas sociais, dentre as quais a do batismo, que também era realizada entre os romanos:

Em relação ao batismo, Roma batizava em nome de três pessoas, os celtas faziam o batismo por imersão, dando prioridade ao elemento feminino água, o que nos remete a um costume dos celtas de mergulhar os recém-nascidos nas águas do Reno. A água do mar. Vista como purificadora e protetora, funcionava como responsável pelas transformações físicas, morais e espirituais. (BARROS, 2001, p.135).

Existem outras interferências cristãs, como podemos verificar nos recolhimentos de narrativas celtas. Na lenda de “A história dos filhos de Lir”, presente em *O livro da Eterna Magia*, as crianças são enfeitiçadas pela tia e se tornam cisnes selvagens.

Nesse texto nos deparamos com a menção a São Patrício: “Enquanto viveram, o tempo passou, chegou a Erin alguém que trouxe gratas notícias, pois São Patrick¹⁰ ali tinha chegado para ensinar aos homens a nova religião” (BARCA, 2007, p.230); aos sinos da igreja “É a voz dos sinos cristãos, disse Finola. Em breve nosso sofrimento terá fim, pois essa é a vontade de Deus.” (BARCA, 2007, p.231). De fato, ao final do conto, elas são finalmente convertidas em humanos e são batizadas: “Os filhos de Lir, retornados à forma humana, sentiram que a morte estava demasiado próxima, e Kemoc apressou-se em batizá-los.” (BARCA, 2007, p.232).

Seria pertinente pensar que, no caso do Cristianismo, os pontos de conversão religiosos junto às interferências cristãs nas religiões daquelas terras foram importantes na transformação das religiões pagãs em cristãs.

3.3 A origem do mal

O mito grego de criação da mulher denota uma marcante misoginia. Na verdade, dois mitos se entrelaçam nessa história, o de Prometeu, que criou o homem à imagem dos deuses, e o de Pandora, responsável pela queda do homem: havia dois irmãos titãs, Prometeu (aquele que vê o futuro) e Epimeteu (aquele que reflete tarde demais) (BULFINCH, 2006, p.23).

Prometeu, quando chegou à terra, sabia que nela estava adormecida a semente dos céus. Por isso apanhou um bocado de argila e molhou-a com um pouco de água de um rio e, com essa matéria, fez o homem à semelhança dos deuses, para que fosse o senhor da terra.

¹⁰ De acordo com Maria Nazareth Alvim de Barros, São Patrick ou São Patrício era um bretão romanizado que foi raptado aos 16 anos por piratas irlandeses, que o entregaram como escravo a um druida. A triste situação em que se encontrava o fez voltar-se para Deus. Então, os três anos em que o mantiveram cativo, ele orava sem parar. Até que um dia conseguiu fugir e voltar para casa. Algum tempo depois escutou uma voz que revelava que ele teria que voltar para evangelizar a Irlanda. (BARROS, 2001, p.129).

Tirou das almas dos animais características boas e más, animando assim a sua criatura. E Atenas, deusa da sabedoria, encantada com a criação do filho dos Titãs, insuflou naquela imagem de argila o espírito com o sopro divino. Segundo o mito, foi assim que surgiram os primeiros seres humanos, que logo povoaram a terra. Mas faltavam-lhes conhecimentos sobre os assuntos da terra e do céu. Vagavam sem saber a arte da construção, da agricultura, da filosofia. Não sabiam caçar ou pescar e nada sabiam sobre a sua origem divina. Prometeu, então, aproximou-se e ensinou às suas criaturas todos esses segredos. Entretanto, faltava-lhes ainda um último dom para que pudessem manter-se vivos: o fogo. Este dom, porém, havia sido negado à humanidade pelo grande Zeus. Prometeu ignorou a ordem do deus, roubou o fogo divino e o entregou aos homens. Zeus ficou irritado e tramou uma retaliação. Mandou que Hefesto fizesse uma linda donzela e que a apresentasse à assembléia dos deuses. Atenas vestiu-a com uma roupa branquíssima e lhe adornou a cabeça com uma guirlanda de flores, montada sobre uma coroa de ouro. Hefesto a conduziu pessoalmente aos deuses; todos ficaram admirados e cada um lhe deu um dom particular. Atenas lhe ensinou a arte de tecer; Afrodite lhe deu o encanto, que despertaria o desejo dos homens. As Cárites e a deusa da persuasão ornaram seu pescoço com colares de ouro e Hermes, o mensageiro dos deuses, lhe concedeu a capacidade de falar, juntamente com a arte de seduzir os corações por meio de discursos insinuantes. Depois que todos os deuses lhe deram seus presentes, ela recebeu o nome de Pandora, que, em grego, quer dizer "todos os dons". Zeus pediu ainda que cada imortal reservasse um malefício para a humanidade, esses presentes maléficis foram guardados numa caixa que Zeus entregou a Pandora, ordenando-a que levasse como presente a Prometeu. Porém, ele não quis receber nem Pandora nem a caixa, e ainda recomendou ao irmão, Epimeteu, que também não aceitasse nada vindo de Zeus. Epimeteu ficou encantado com a beleza de Pandora e a tomou como esposa.

Pandora estava muito feliz com seu casamento e passava os dias cuidando da casa e do lindo jardim, tendo se esquecido da caixa. Mas Epimeteu viajava constantemente, Pandora começou a sentir-se só e triste. Um dia, lembrou-se da caixa e foi examiná-la. Enquanto observava os lindos detalhes e adornos externos, ouviu pequenas vozes gritando, dizendo para deixá-las sair. Curiosa, foi correndo buscar a chave e imediatamente abriu a tampa da caixa. Para sua grande surpresa, centenas de pequeninas e monstruosas criaturas, parecendo terríveis insetos, saíram voando de dentro da caixa. Algumas atacaram a moça, picando-a na face e nas mãos, depois saíram em enxame pela janela, fazendo um barulho infernal. Logo a nuvem desses insetos cobriu o sol, e o dia ficou escuro e cinzento. Apavorada, Pandora fechou a caixa. As picadas dos insetos doíam muito, mas algo maior a preocupava: ela estava tendo

toda a espécie de sentimentos e pensamentos sombrios e odiosos que nunca tivera antes. Sentiu raiva de si mesma por ter aberto a caixa; sentiu ciúme de Epimeteu; sentiu-se raivosa e irritada; percebeu que estava doente de corpo e de alma. Súbito, pareceu ouvir outra voz gritando dentro da caixa. Pandora respondeu rispidamente que jamais deixaria sair qualquer outra coisa daquela caixa. Porém, hesitou, pois a voz era doce e ela se sentia tão só e desesperada, que resolveu abrir a caixa. Dela, saiu um pequeno ser, com asas verdes e luminosas, que clarearam um pouco aquele quarto escuro, aliviando a atmosfera que se tornara pesada e opressiva. A pequenina criatura revelou ser a esperança¹¹. E disse a Pandora que ela havia libertado todos os males no mundo: egoísmo, crueldade, inveja, ciúme, ódio, intriga, ambição, desespero, tristeza, violência e todas as outras coisas que causam miséria e infelicidade. Então, contou-lhe que Zeus havia prendido todos esses males na caixa e dado de presente à moça, pois sabia que, um dia, ela a abriria. Pandora entendeu o que havia feito e a esperança informou-a que não havia modo de desfazê-lo.

Era a vingança de Zeus contra Prometeu por ter roubado o fogo dos deuses e dado-o aos homens. Contudo, o deus ainda não estava satisfeito e dirigiu sua fúria contra o próprio Prometeu, mandando que Hefesto e seus serviçais, Crato e Bia – o poder e a violência – acorrentassem o Titã a um penhasco do monte Cáucaso. Mandou ainda que uma águia devorasse diariamente o fígado de Prometeu que – por ser um Titã – se regenerava. O martírio durou por inúmeras eras, até que Hércules passou pelo monte Cáucaso, viu seu sofrimento, abateu a gigantesca águia com uma flecha certa e o libertou das suas correntes. Entretanto, para que a vontade de Zeus fosse cumprida, o gigante passou a usar um anel com uma pedra retirada do monte. Assim, o rei do Olimpo poderia afirmar que Prometeu se mantinha preso ao Cáucaso.

Porém, seria pertinente perguntar: como Zeus “sabia” que em algum momento Pandora abriria a caixa? Seria porque a curiosidade fazia parte da sua natureza? Assim, no mito greco-romano, vislumbramos o vestígio do mito judaico cristão – no sentido de que ele também traz a ideia da perda do mundo por causa de uma mulher.

Outra questão interessante na mitologia grega é a maneira como Medusa é transformada em górgona pela deusa Atenas. Medusa era a mais bela sacerdotisa do templo de Atenas – era virgem, conforme as obrigações sacerdotais – e sua encantadora beleza atçou a luxúria do deus Poseidon. Este perseguia insistentemente a moça e era sempre preterido. Um

¹¹ É importante ter em mente que a esperança – *Élpis* – para os gregos, não era algo totalmente bom, como o é em nossa visão atual, forjada por uma ideia cristã. Hesíodo diz “*Élpis* é ambigua... Ela é a espera ambigua, temor e esperança a uma só vez, previsão cega, ilusão necessária, bem e mal simultaneamente” (HESÍODO, p.74).

dia, seu desejo avultou-se de tal maneira que ele a seguiu pela cidade. Desesperada, Medusa buscou refúgio no templo de Atenas, acreditando que ali, em território sagrado, estaria segura. Grande engano foi o seu. Poseidon invadiu o templo e a estuprou em frente à estátua de Atenas. A deusa toma partido do irmão e transforma a vítima em górgona, dizendo que, dessa maneira, a podre Medusa não tentaria mais ninguém com a sua beleza. O algoz sai impune, a vítima é castigada; além de tornar-se um monstro, é desterrada. Como se evidencia, também nesse mito, a mulher aparece como culpada.

Pela visão cristã, o problema feminino começa com o *Livro do Gênesis*, onde Eva, a começar, é feita de uma costela de Adão, e não moldada ao barro. Em seguida, ela é estimulada pela serpente a desobedecer a ordem de Deus, comendo do fruto da árvore do Bem e do Mal. Há aí presente também a questão de que talvez Eva não fizesse parte dos planos de Deus, que só a concebeu por causa da necessidade de Adão: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gênesis, 2:18). Logo, de acordo com as Escrituras, que são textos confeccionados pelos próprios homens, Eva veio ao mundo como mero complemento a Adão e não por uma vontade divina.

Os homens medievais interpretavam a questão de maneira literal: Eva foi construída a partir de Adão porque ela não era igual, estava no patamar abaixo. Para deixar nítida essa relação de submissão, foi feita de uma costela e não do mesmo barro do qual foi moldado Adão.

De posse desta ideia, a sociedade patriarcal julgou ter poderes absolutos sobre a mulher, o que podemos verificar estudando as práticas sociais dessas sociedades antigas e medievais, mencionando mais uma vez o *Livro do Gênesis*, citando a história de Abraão – a quem Deus prometeu uma nação (Gênesis, 12:2) – e Sara sua esposa. Abraão persuade Sara a passar-se por sua irmã para obter vantagens no Egito. Ele sabia que, no momento em que dissesse que sua mulher era sua irmã, exporia Sara a eventuais assédios e mesmo assim segue adiante: “Dize, pois que és minha irmã, para que me considerem por amor a ti e, por tua causa me conservem a vida” (Gênesis, 12:13) e logo após, na cidade de Gerar, “Disse Abraão de Sara, sua mulher: Ela é minha irmã; assim, pois, Abimeleque, rei de Gerar mandou buscá-la” (Gênesis, 20:2). Abimeleque ainda não havia possuído Sara como está claro na escritura posterior “Ora, Abimeleque ainda não a havia possuído; por isso, disse: Senhor: matarás até uma nação inocente?” (Gênesis, 20:4). O mesmo não podemos dizer sobre o faraó que, embora inocente, pois não sabia que Sara era mulher de Abraão, recebeu a punição por possuir a mulher alheia:

Porém o Senhor puniu o Faraó e a sua casa com grandes pragas, por causa de Sara, mulher de Abraão. Chamou, pois, Faraó a Abraão e disse: Que é isso que me fizeste? Por que não me disseste que era ela tua mulher? (Gênesis, 12: 17-18).

Sara, em momento algum, tem poder de ação diante das ordens de Abraão e se limita a obedecer a seu esposo, exercendo o papel de prostituta. Deus, em vez de punir Abraão por expor sua esposa à tamanha degradação, pune o faraó, que sequer sabia estar possuindo a esposa de outro homem.

Podemos constatar, em virtude de diversas passagens acima mencionadas, a contribuição do “Velho Testamento” para a ideia misógina reinante no medievo. Por exemplo, em “Eclesiastes”, encontramos a afirmação: "Nenhuma maldade está mais próxima do que a maldade de uma mulher... O pecado começa com a mulher e, graças a ela, todos nós devemos morrer" (Eclesiastes, 25: 19-24). Ou ainda, no mesmo livro, aferimos:

Eu acho a mulher um pouco pior do que a morte, porque ela é uma armadilha, cujo coração é um alçapão e cujas mãos são cadeias. O homem que agrada a Deus foge dela, mas ao pecador ela o aprisionará ... Enquanto eu estava procurando, e não estava encontrando, achei um homem correto entre mil, mas não encontrei uma só mulher correta entre todas elas. (Eclesiastes, 7: 26-28).

A *Bíblia Sagrada* dos cristãos, assim como o *Corão* dos muçulmanos são textos passíveis de várias leituras e interpretações, porém os medievais tendiam a entender as Escrituras de forma perniciosa, estavam à procura do pecado, com a certeza de que o pecador atendia por um nome feminino, qualquer que fosse ele.

Uma interpretação pertinente que poderíamos tirar acerca do episódio que narra o surgimento de Eva – que nasce a partir de uma costela de Adão – é que Deus queria que eles fossem um só, Adão e Eva, sangue do mesmo sangue, carne da mesma carne, uno. Então não comungaríamos da ideia de inferioridade feminina cunhada no Medievo. Quanto à questão de sucumbir à proposta da serpente, poderíamos pensar que Eva, como qualquer ser humano, trazia em si a curiosidade que é inerente à sua raça. Ora, ela tinha acabado de pisar nesse mundo, então a serpente lhe diz: “Porque Deus sabe que no dia em que comerdes se vos abrirão os olhos e, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gênesis, 3:5), e ela come o fruto. O que pensar de Adão que, ao ser questionado por Deus em relação a sua desobediência, se exime da sua responsabilidade, dizendo “A mulher que me destes por companheira, foi ela que me fez provar do fruto da árvore, e eu comi.” (Gênesis, 3: 12).

Há inúmeras interpretações possíveis para essa questão e nessas interpretações reside a prova de que somente um olhar não basta para entender as Escrituras. Porém, no período medieval, o “Velho Testamento” estava em voga, um Deus que punia estava em vigência, e, em nome desse mesmo Deus, os homens praticavam a lei do “olho por olho, dente por dente”

(Êxodo, 21: 24) – expressão também registrada num dos 282 artigos do Código de Hamurabi (1792-1750 a.C.)¹² –, e, ao mesmo tempo em que citavam Jesus Cristo e a remissão da figura feminina por intermédio da virgem Maria, esses homens medievais esqueciam-se do ensinamento do mestre “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”. (João, 8: 7), e caminhavam “em nome de Deus”, perpetuando ideias e práticas duvidosas contra o próximo.

Todavia, no mesmo “Velho Testamento”, deparamo-nos com personagens femininos que não carregam lascívia, maldade ou luxúria, pelo contrário, são devotas de Deus. Vejamos a história de “O livro de Rute”. Rute era da terra de Moabe, portanto ela não pertencia ao povo de Israel; logo, ela não era filha da nação de Deus. Mas, quando aprendeu sobre ele, virou uma seguidora fiel, passando a amá-lo e a respeitá-lo.

No livro “Juízes”, nós encontramos duas mulheres: Débora e Jael, devotas leais de Deus que lutam por seu povo. Débora tinha um dom: Deus revelava-a o futuro, e além de ser profetisa, era juíza: “Ora naquele tempo, a profetisa Débora, esposa de Lapidot, liderava Israel como juíza”. (Juízes, 4: 4). Naquela época, Jabin, rei de Canaã, liderava um grande exército e, em virtude disso, muitos israelitas foram escravizados. Débora chamou Barac e ordenou-o, em nome de Deus, a conduzir um exército até o monte Tabor para combater Sísara, chefe do exército do rei Jabin. Porém, Barac teve medo e disse que iria, mas com a condição de que a profetisa o acompanhasse. Esta respondeu-lhe: “Está bem, eu irei contigo. Contudo, não será tua a glória da expedição que fazes, pois o Senhor vai entregar Sísara às mãos de uma mulher” (Juízes, 4: 9), e assim foi feito. Barac derrotou o exército de Canaã, mas Sísara fugiu. No entanto, ele foi ter à tenda de Jael que o recebeu, dizendo-lhe que ele poderia entrar sem medo. Ela lhe deu leite para saciar a sua sede, porém, como Sísara estava muito cansado, pediu a Jael que vigiasse a entrada da tenda enquanto ele dormia:

Mas Jael, a mulher de Héber, pegou um dos cravos da tenda, empunhou um martelinho e, aproximando-se dele devagarinho, cravou-lho nas têmporas, pregando-o no chão. E Sísara, que estava num profundo sono, morreu. (Juízes, 4: 21).

No livro de “Samuel”, há a sensata e bonita Abigail, mulher de Nabal, que salva o marido de ser morto por Davi e seus homens. Ela procura Davi e, prostrada, desculpa o marido, culpando-se a si mesma:

A culpa é toda minha, meu senhor! Deixa falar a tua escrava, escuta suas palavras. Meu senhor não faça caso desse idiota, Nabal, pois ele é bem o que o seu nome indica: Nabal,

¹² O Código de Hamurabi é um dos mais antigos conjuntos de leis encontrados e um dos exemplos mais bem preservados deste tipo de documento da antiga Mesopotâmia. O código foi colocado no templo de Sippar e diversos outros exemplares foram igualmente espalhados por todo o reino. O objetivo deste código era homogeneizar o reino juridicamente e garantir uma cultura comum. No seu epílogo, Hamurabi afirma que elaborou o conjunto de leis "para que o forte não prejudique o mais fraco, a fim de proteger as viúvas e os órfãos" e "para resolver todas as disputas e sanar quaisquer ofensas" (PRADO, 2007).

louco. É isso que Le é! Mas eu, tua escrava, não vi os criados que meu senhor enviou. Agora, meu senhor, pelo Senhor e por tua vida, juro, foi o Senhor que te impediu de derramar sangue e deteve a tua mão... Aceita, pois, este presente que tua escrava trouxe e reparte-o entre os homens que te seguem. Perdoa a tua escrava. (SAMUEL 1, 25: 24-28)

O livro “Cânticos dos Cânticos” coloca a mulher no mesmo patamar do homem. Ele é composto, no total, por oito capítulos, nos quais nos deparamos com declarações recíprocas entre uma mulher e um homem. Ela, que tem voz ativa, começa o livro expressando o desejo de encontrar o amado. O capítulo 1, intitulado “Que ele me beije”, principia a recitação com a palavra feminina:

Ela: Que ele me beije com os beijos de sua boca! São melhores que o vinho teus amores, como a fragrância dos teus refinados perfumes. Como perfume derramado é o teu nome, por isso as adolescentes enamoram-se de ti. [...] Mostra-me, ó amor de minha alma, onde pastoreias, onde repousas ao meio-dia, para que eu não comece a vaguear atrás dos rebanhos de teus companheiros. (Cânticos dos Cânticos, 1: 1-3, 7)

Como interpretar tal texto, que gira o tempo todo em torno do voto de amor ao amado, o qual retribui com fervor? Os dois falam de igual para igual e basta ir ao texto para entender que não se trata de uma metáfora e sim de uma expressão literal. Os Cânticos são textos muito antigos, datados da época do rei Salomão – historicamente teríamos a figura feminina sem voz –, onde encontramos algo não recorrente na época: a transgressão presente na figura feminina. Entretanto, a Igreja fez questão de manter durante o medievo o Cântico dos Cânticos como leitura alegórica:

Quando, no século XII, o século do regresso de Ovidio e do aparecimento do amor cortês, as atenções se voltaram para o Cântico – o livro do Antigo Testamento mais comentado nesse século –, a Igreja recordou, com S. Bernardo à frente, que só era válida a leitura alegórica e espiritual. (LE GOFF, 1994, p.159).

Assim, a Igreja Católica carregou, e de certa forma ainda carrega na atualidade, o estigma de grande vilã por vitimar a figura feminina – em parte por causa da grande vigilância exercida por seus clérigos sobre a lascívia feminina e, em parte também, por causa da “santa” Inquisição que assassinou homens e mulheres (muito mais mulheres, conforme lembramos na Introdução a esse estudo).

Porém, muitos pesquisadores omitem o fato de que, durante um bom tempo, uma parte da Igreja procurou não compactuar com a histeria e a fantasia que reinavam naquele momento. Por exemplo, o papa Inocêncio VIII, no século XV, não responsabilizava apenas as mulheres pelos crimes diabólicos; ele acreditava que o problema vinha de ambos os sexos:

Com efeito, recentemente chegou ao nosso conhecimento não sem nos causar grande aflição, que em algumas regiões da Germânia superior, precisamente nas províncias, cidades, territórios, distritos e dioceses de Mayence, Colônia, Tréves, Salsburgo e Brême, muitas pessoas dos dois sexos, descuidadas com sua própria salvação, e se desviando da fé católica, se entregaram aos demônios íncubos e súcubos: por meio de feitiços, sortilégios, conjurações e outras infâmias superticiosas e excessos mágicos, elas enfraquecem, asfixiam, suprimem a progenitura das mulheres, as crias dos animais, a colheita, as vinhas e as frutas. (SALLMAN, 2002, p.32).

O bispo Georg Cosler se manteve fiel ao *Canon Episcopi*¹³, recusando a feitiçaria, liberando as mulheres prisioneiras e intitulado os inquisidores de *infantis* e *caducos*. (HANCIAU, 2004).

Todavia, em 1487, os inquisidores dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger conseguiram publicar, em Estrasburgo, uma escritura denominada *Malleus Maleficarum*, onde apontavam as mulheres como principais responsáveis pela difusão da obra do demônio e ensinavam como reconhecer as bruxas e como agir legalmente contra elas¹⁴. Podemos inquirir o porquê do aparecimento de tal escrito no final do século XV, reforçando a ideia de tríplice aliança entre mulher, demônio e sexo. O teórico José Carlos Leal nos responde, afirmando que isso foi possível por quê:

(...) os autores do livro, embora vivendo no século XV, ainda respiravam a atmosfera medieval e eram capazes, portanto, de ouvir ecos das palavras de São Jerônimo, Tertuliano e Clemente sobre o perigo que a mulher representa para o homem por causa daquela fenda sempre aberta. (LEAL, 1998, p.136).

Em seu livro *Nove partes do desejo. O mundo secreto das mulheres islâmicas* (2002), a jornalista Geraldine Brooks, correspondente americana no Oriente Médio desde a década de 1980, coloca em pauta a questão sexual islâmica, que traz arraigada em si a crença de que Deus criou o desejo sexual em dez partes, deu nove para as mulheres e uma para os homens – ideia disseminada por Ali, marido de Fátima, filha do profeta Maomé, o segundo homem a assumir o califado após a morte do profeta. Partindo do pressuposto de que a mulher tem nove das dez partes do desejo, ou ela é abençoada por Allah ou é amaldiçoada, mas com certeza ela é mais sexualizada. Essa sexualidade exacerbada justifica as figuras femininas encontradas em textos de origem árabe como as personagens presentes em *As mil e umas noites*.

Com o advento do Islã – que significa submissão –, as atrocidades cometidas contra o universo feminino diminuíram. Alguns homens que abraçaram o islamismo procuraram seguir as leis de Allah. Às mulheres foram concedidos alguns direitos, como o de receber herança – poder legitimado pelo *Corão*: “Há para os homens porção que deixam os pais e parentes. E há para as mulheres porção do que deixam pais e parentes, seja pouco ou muito. É porção preceituada.” (SURATA, 4: 7). Isso não significou que a elas foram concedidos direitos como

¹³ Espécie de guia espiritual, escrito no ano de 906 d. C. por Regino de Prüm abade de Tréveris., a pedido do arcebispo de Trier. Neste guia, o abade afirma que as histórias de bruxaria não passavam de mera ilusão, histórias ridículas e sem sentido, às quais não deviam dar demasiada atenção. Afinal o texto descrevia as bruxas como seguidoras da divindade romana Diana que voavam a noite atravessando janelas e paredes. (SALLMAN, 2002).

À época do *Malleus Maleficarum*, o *Canon Episcopi* ficou numa situação delicada, acusado de defender as feitiçarias. (HANCIAU, 2004).

¹⁴ Acredita-se que o livro tenha sido escrito somente por Heinrich Kramer e que o nome de James, grande autoridade intelectual, tenha entrado para dar caução moral e teológica a obra. (SALLMAN, 33)

os assegurados aos homens, mas que as situações corriqueiras da Península Arábica e adjacências – pais que matavam as filhas enterrando-as vivas ou viúvas que eram queimadas igualmente vivas – passaram a ser entendidas como pecado e abolidas em alguns casos:

Quando a algum deles é anunciado o nascimento de uma filha o seu semblante se entristece e fica angustiado. Oculta-se do seu povo, pela má notícia que lhe foi anunciada: deixá-la-á viver, envergonhado, ou a enterrará viva? Que péssimo é o que julgam. (SURATA, 16: 58-59).

Elas passaram a ter prerrogativas, mas continuaram à mercê do universo masculino. Há, no Islamismo, inúmeros problemas com relação ao entendimento de suas leis e regras, a começar pelo idioma árabe, que dá margem à ambiguidade, seguido pelas escolas Islâmicas, Hanbali, Hanafi e Mahki e seus pensamentos divergentes, com raízes xiitas, simpatizantes de Fátima, filha do profeta e de seu marido Ali; ou sunitas, simpatizantes de Aisha, a esposa favorita de Maomé. Há enormes diferenças entre as sociedades muçulmanas e um vasto aspecto de posições em relação à mulher no mundo muçulmano, que diferem de uma sociedade para outra, e dentro de sociedade individual. No entanto, podemos discernir certos traços gerais. Quase todas as sociedades muçulmanas, em maior ou menor grau, desviaram-se dos ideais do Islã com respeito à condição das mulheres. Estes desvios, na maior parte, apontaram para uma ou duas direções. A primeira é mais conservadora, restritiva e orientada pelas tradições, enquanto que a segunda é mais liberal, orientada pelos costumes ocidentais. Como afirma o estudioso árabe Dr. Sherif Abdel Azeem Mohammed em seu artigo “A mulher no Islam: Mito e Realidade” *in* www.islamismo.org-mito_e_realidade.htm:

Há muito tempo, dos preceitos islâmicos concernentes a muitos aspectos de suas vidas. Há uma grande diferença entre o que os muçulmanos supõem acreditar e o que eles realmente praticam. Esta diferença não é um fenômeno recente. Tem sido assim por séculos e continuará aumentando dia após dia. Esta diferença sempre crescente tem tido consequências desastrosas sobre o mundo muçulmano e se manifestam em quase todos os aspectos da vida: tirania e fragmentação política, economia, injustiça social, falência científica, estagnação intelectual etc. (MOHAMEMMED, 2011).

Os defensores do Islã argumentam que o principal problema do islamismo está ligado a esses desvios de ideais em prol de aspectos culturais das sociedades muçulmanas. Não há como negar a mistura de cultura com a religião. Algumas práticas culturais buscaram no *Corão* respaldo para subsistirem e encontraram no texto sagrado a ambiguidade necessária para serem utilizadas como arma religiosa. Mas, não há como negar que o *Livro Sagrado Islâmico*, diferente da *Bíblia Sagrada* cristã, coloca homem e mulher no mesmo patamar ao serem ambos seduzidos por satanás para comer do fruto proibido:

Então, Satanás sussurrou para eles, a fim de revelar a ambos o que lhes havia sido ocultado de SAUÉTIHIMÉ (suas ambas e outras igualmente presentes, invisíveis, não bons atributos) e, então, disse: "Não vos proibiu a ambos, Vosso Senhor, desta árvore senão de seres ambos convertidos em anjos ou de serem ambos dentre os imortais". E jurou-lhes que era um conselheiro sincero. Assim, a ambos, DALLÉHUMÉ (indicou a ambos em confiança, porém,

com enganos, arrancando-os e enviando-os para baixo, no que intencionou). Quando ambos provaram da árvore, divisaram ambos suas SAUÉTHIMÉ e começaram a cobrir-se com folhas do paraíso. E seu Senhor chamou a ambos: "Eu não vos havia proibido daquela árvore e dito a ambos que Satanás é vosso inimigo declarado?" Eles disseram: "Senhor Nosso. Nós injustiçamos a nós mesmos e se Tu não nos perdoares, Te apiedares de nós, certamente estaremos dentre os perdedores." (SURATA 7: 20,23).

Corroborando o nosso ponto de vista, destacamos outro momento, quando o mesmo livro prevê a punição do adultério aos dois adúlteros, homem e mulher: "E aqueles dois entre vós que o cometerem, então molestai-os. E se voltarem arrependidos dai-lhes de ombro. Por certo Allah é Remissório, Misericordioso" (SURATA 4: 16). Porém, ao longo do texto sagrado, essa igualdade se desvanece e afirma-se a soberania do homem sobre a mulher:

Os homens têm autoridade sobre as mulheres, pelo o que Allah preferiu alguns a outros, e pelo que dependem de suas riquezas. Então as íntegras são devotas, custódias da honra, na ausência dos maridos, pelo que Allah as custodiou. E aquelas a quem temei a desobediência, exortai-as, pois, e abandonai-as no leito, e bateu-lhes. Então, se elas vos obedecem, não busquei meios de importuná-las. Por certo, Allah é Altíssimo, é Grande. (SURATA 4: 34).

A mulher é respeitada, mas a soberania é masculina – assim também o é no cristianismo:

Uma mulher deve aprender em calma e total submissão. Eu não permito a uma mulher ensinar ou ter autoridade sobre um homem; ela deve ser calada. Porque Adão foi feito primeiro, e depois Eva. E Adão não foi o que perdeu, foi a mulher que perdeu e se tornou pecadora. (I Timóteo 2: 11-14).

Uma das maiores preocupações ao desenvolver a investigação era a de não retratar o Islã de maneira leviana, buscando argumentos que respaldassem a ideia de que, como toda sociedade patriarcal, também ele – ao lado dos cristãos e judeus – tem a sua cota de responsabilidade no universo misógino medieval. Cumpria-se perceber como os mulçumanos trouxeram essa influência em sua ocupação da Península Ibérica.

3.4 Um novo olhar sobre o feminino e os pecados da carne

A redenção cristã medieval veio através do culto à virgem Maria, modelo ideal e o oposto de Eva. A dimensão da figura de Maria pode ser percebida através de *O Evangelho segundo São João*:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. [...] O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. [...] E o verbo se fez carne e habitou entre nós, cheia de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como o unigênito do Pai. (João 1: 1-2, 10-11, 14)

Nesse capítulo, podemos constatar que Pai e Filho são um só, uno. Então, quando Deus escolhe Maria, mais do que escolher uma mãe para gerar o seu filho, ele está a escolher uma mãe para si mesmo. Essa figura, designada para ser a mãe do Salvador e redentor da humanidade, concebeu virgem, longe do pecado da carne, ao qual as mulheres se dedicavam com “voracidade”, segundo a tradição. Dividiu-se assim a imagem feminina entre esses dois parâmetros: Eva, um exemplo a não ser seguido de uma mulher desobediente, que lançou a humanidade num mundo de pecado, sofrimento e angústia, e Maria, essa sim, um exemplo a seguir, obediente a Deus, submissa ao marido, boa mãe etc.

Assim como Eva, Maria também está presente no *Corão*, e além de ter uma Surata inteira dedicada a ela – a de número 19, denominada Surata de Maria –, seu nome é citado trinta e quatro vezes. Além disso, a mãe de Jesus – embora Jesus seja entendido como um profeta e não como o messias – aparece em outras passagens do livro sagrado:

Lembre-lhes de quando os anjos disseram “Ó Maria! Por certo Allah te alvissará¹⁵ um Verbo, vindo d’Ele; seu nome é O Messias, Jesus, Filho de Maria, sendo honorável na vida terrana e na Derradeira vida, e dos achegados a Allah. [...] Ela disse: “Senhor meu, como hei de ter um filho, enquanto nenhum homem me tocou?” Ele disse: “Assim é! Allah cria o que quer. Quando decreta algo, apenas, diz-lhe: ‘Sê’, então é. (Surata 3: 45,47)

De fato, podemos citar algumas partes do *Corão* em que encontramos a mulher em condição igual à do homem, embora em outras não. Ou seja, existe sim um paradoxo; no entanto, como muitos defensores do islamismo gostam de afirmar, o problema mulçumano não é somente cultural, é também religioso.

Há, contudo, uma ideia que as sociedades mulçumanas compartilham: o corpo feminino é enxergado como uma ameaça à estabilidade social, portando deve ser coberto. É fato que o *hijab*, *xador*, *niqab*, *al-amina*, *burca*, *shayla*, *khimar* continuam coexistindo com o século XXI. Como ocidentais, nos perguntamos o porquê de tal fenômeno.

O uso do véu ressurgiu no século VII¹⁶, não somente como exigência do *Livro Sagrado Islâmico*, mas também pela necessidade de manter em segurança as mulheres, pois os tempos eram difíceis e violentos. Há trechos no *Corão* que respaldam o uso da vestimenta, como por exemplo, “Ó Profeta! Dize a tuas mulheres e tuas filhas e às mulheres de suas crentes que se cubram com roupagens. Isso é mais adequado para que sejam reconhecidas e não sejam molestadas. E Allah é Perdoador. Misericordioso.”, (SURATA 33: 59). É pertinente interpretá-lo como uma referência ao uso do véu, mesmo que a frase usada seja

¹⁵ Do verbo alvissarar, dar notícia não conhecida (para receber ou não alvissaras).

¹⁶ O uso do véu é anterior ao Islamismo. Há estudos como o realizado pela antropóloga Paula Holmes-Eber da Universidade de Washington (2002) que apontam que o costume já existia nas civilizações da Mesopotâmia há pelo menos quatro mil anos antes de Maomé. *In Daughters Of Tunis*. Colorado. Editora: Westview Press, 2002.

“cubram-se com roupagens”. Questão de interpretação ou não, lembramos, de passagem, que, embora não seja o nosso propósito nesse estudo, o uso do véu, na atualidade deve ser respeitado. De fato, aquilo que o ocidental vê como um sinal de opressão, a muçumana entende como um fator de identidade cultural e uma obrigação religiosa. Afinal está escrito no *Corão*:

Não há culpa sobre elas de estarem sem véu diante de seus pais ou seus filhos ou de seus irmãos ou dos filhos de suas irmãs ou de mulheres ou de escravos que possuem. E temi a Allah. Por certo Allah, de todas as cousas é Testemunha. (SURATA 33: 55).

Entretanto o uso do véu não é exclusivo do Islã, o cristianismo também pregava sua utilização, para não deixar à mostra os cabelos, como podemos aferir em *1Coríntios*:

Por outro lado, toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra aquele que é sua cabeça; pois é como se estivesse com a cabeça raspada. Portanto se a mulher não se cobre com o véu, que ela corte todo o cabelo. Se, porém, é vergonhoso para a mulher cortar todo o cabelo ou raspar a cabeça, então use o véu. O homem não deve cobrir a cabeça, já que ele é imagem e reflexo de Deus, ao passo que a mulher é reflexo do homem. Pois a mulher é que foi tirada do homem e não o homem tirado da mulher. Mais: a mulher foi criada por causa do homem e não o homem por causa da mulher. Por isso a mulher deve trazer sobre a cabeça um sinal de autoridade em atenção aos anjos. (1CORÍNTIOS, 11:4,5,6,7,8,9,10).

A recomendação não se resumia aos cabelos, ela também se estendia aos demais enfeites, como neste caso presente em *Timóteo 1*:

Quero, pois, quer, em toda parte, os homens orem, erguendo mãos santas, sem ira nem contenda. Igualmente quero que as mulheres se vistam decentemente e se enfeitem com modéstia e bom senso. Nada de penteados complicados nem de jóias de ouro ou de pérolas, nem vestes luxuosas. Mas que se enfeitem com boas obras, como convém a mulheres que fazem questão de uma vida piedosa. (Timóteo 1, 2:8,9,10)

Tanto a Idade Média quanto a Antiguidade entendiam os cabelos como algo que as mulheres têm de mais precioso, logo, eles deviam ser encobertos com véus – sobretudo durante as orações – e os sermões sempre se asseguravam de lembrar a questão. “A cabeleira solta, o perfume espalhado, ambos estão intimamente associados no imaginário da cavalaria aos prazeres do leito.” (DUBY, 1995, p.54). Ainda que estejamos falando sobre um imaginário do século XIII, não podemos nos furtar à ideia do corpo e do cabelo como luxuriantes através dos tempos, conforme veremos adiante.

O Cristianismo também trouxe arraigado em si, assim como o Islamismo, o nexo entre corpo e pecado. Temos que registrar que, de certa forma, a Igreja Medieval tentou cumprir o papel de colocar limites naquilo que acreditava ser uma grande balbúrdia que estava a impregnar a Idade Antiga. Grécia e Roma passaram anos mergulhadas em orgias, em rituais pagãos e à Igreja coube frear “os ânimos”. Uma das maneiras encontradas para fazê-lo foi a de atacar o corpo. Nesse caso, atacava-se tanto o corpo feminino, objeto de lascívia e luxúria, quanto o masculino, ideal proposto pelos padres do deserto e que recebia e ansiava pelo

pecado. Surgiu assim a ideia que vinculava a apreciação do corpo a algo decadente que desencaminhava o cristão do caminho do bem.

O horror ao corpo culmina nos seus aspectos sexuais. O pecado original, pecado de orgulho intelectual, de desafio intelectual a Deus, foi transformado pelo cristianismo medieval em pecado sexual. A abominação do corpo e do sexo atinge o cúmulo no corpo feminino. De Eva à feiticeira do final da Idade Média, o corpo da mulher é o lugar de eleição do Diabo. (LE GOFF, 1994, p.146).

(...)

Mas foi Agostinho quem, por intermédio da concupiscência, ligou definitivamente o pecado original à sexualidade afirmando, por três vezes – entre 395 e 430 –, que a concupiscência transmite o pecado original: desde os filhos de Adão e Eva que o pecado original é legado ao homem pelo acto sexual. (LE GOFF, 1994, p.161).

Ainda de acordo com Jacques Dalarum, no texto “Olhares de Cléricos”, presente em *História das Mulheres* (1990), no medievo, a ideia que se relacionava ao corpo feminino era de algo nauseante. Este cita o sacerdote Odão de Cluny como um dos divulgadores de tal ideia:

A beleza do corpo não reside senão na pele. Com efeito, se os homens vissem o que está debaixo da pele, a vista das mulheres dar-lhes-ia náuseas... Então, quando nem mesmo com a ponta dos dedos suportamos tocar um escarro ou um excremento, como podemos desejar abraçar esse saco de excrementos? (DALARUM, 1990, p. 35).

A noção de putrefação do corpo fez com que muitos cristãos se apartassem do convívio social e fossem para lugares ermos “mais ainda que pó, o corpo do homem é podridão. A vida de toda carne é a decrepitude e a putrefação” (LE GOFF, 1994, p.146). Eles criam que castigando o corpo e longe do olhar feminino, conseguiram a salvação, porque o pecado entrava também através de a carne. Os próprios Evangelhos e as Cartas do *Novo Testamento* pregavam isso: “Vigiai e orai, para não cairdes em tentação! O espírito está pronto, mas a carne é fraca.” (Marcos, 14: 38), [...] “Portanto, mortificai os vossos membros, isto é, o que vós pertence à terra: imoralidade sexual, impureza, paixão, maus desejos, especialmente a ganância, que é idolatria”. (Colossenses, 3: 5). Assim diz o texto:

Eu vos exorto: deixai-vos sempre se guiar pelo Espírito, e nunca satisfaçais o desejo da carne. Pois o que a carne deseja é contra o espírito, e o que o Espírito deseja é contra a carne: são opostos um do outro, e por isso nem sempre fazeis o que gostaríeis de fazer. (Gálatas, 5: 16,17).

(...)

São bem conhecidas as obras da carne: imoralidade sexual, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúmes, iras, intrigas, discórdias, facções, invejas, bebedeiras, orgias, e outras coisas semelhantes. Eu vos previno, como aliás já o fiz: os que praticam essas coisas não herdaram o reino de Deus. (Gálatas, 5: 19-21).

(...)

Considerais uma grande alegria, meus irmãos, quando tiverdes de passar por diversas provações, pois sabeis que a prova da fé produz em vós a constância. Ora, a constância deve levar a uma obra perfeita: que vos torneis perfeitos e íntegros, sem falta ou deficiência alguma. (Tiago, 1: 2-4).

Sugestionados pela pregação do *Novo Testamento*, aparecem então os eremitas, os conhecidos padres do deserto. De acordo com Mario Pilosu em *A Mulher, A Luxúria e a Igreja na Idade Média*, “as vidas dos Padres do Deserto apresentam frequentemente o *topos*

da mulher tentadora, seja como metamorfose do diabo, seja como mulher de carne e osso” (PILOSU, 1995, p.34). Há relatos de várias tentações dentre elas, por exemplo, a enfrentada por Santo Antônio, composta, de acordo com Mario Pilosu, durante a segunda metade do século IV por Atanásio, bispo de Alexandria:

O diabo, miserável, dispunha-se a transformar-se, de noite, em mulher e a imitá-la em todas as maneiras para seduzir Antônio. Mas este, pensando em Cristo e tendo presentes, graças a Ele, a nobreza e o carácter racional da alma, extinguiu as brasas da paixão e da sedução. E uma vez mais o inimigo lhe recordava a suavidade do prazer, e ele, qual homem irado e atormentado, pensando nas ameaças e na dor do fogo e dos vermes, opunha-se às tentações e passava ileso por elas. E tudo isto acontecia para a vergonha do inimigo. (PILOSU, 1995, p.33).

Porém, logo descobriram que somente se afastar da luxúria não resolvia o problema, porque mesmo longe do olhar feminino, castigando o corpo, a mente vagava e a luxúria entrava pelo pensamento ou então batia à porta:

[...] Este homem de vida venerável no início da sua clausura tinha decidido não mais ver qualquer mulher, não por desprezo por aquele sexo mas porque temia, ao contemplá-la, cair nos inconvenientes da tentação. Uma mulher tomou conhecimento disto e, audaciosamente, saiu do seu monte e dirigiu-se descaradamente à sua gruta. Mas ele, avistando-a ao longe e reconhecendo-a como mulher pelas suas vestes, pôs-se a rezar baixando o rosto até tocar na terra. Ficou assim prostrado até aquela mulher impudica abandonar, cansada, a janela da sua cela. No mesmo dia, depois de descer a montanha, deixou de viver, para que a sentença da sua morte levasse a pensar que Deus onipotente tinha tido repugnância por aquela tentativa perversa de tentar o seu servo. (PILOSU, 1995, p.35).

Então voltaram com presteza a atacar o universo feminino.

Porém, como muito bem percebe DUBY, alguns anos depois surge nesse universo francamente misógino, uma figura importantíssima que se destaca entre Eva e Maria: Maria Madalena.

Ora, eis que entre essas duas mulheres, a meio caminho, posta-se Madalena, acessível, imitável, pecadora como todas as mulheres. Rica, generosa, benfazeja, Deus quis que sua vitória sobre a morte fosse anunciada por ela. Por causa dela, pela vontade divina, “o opróbrio que pesava sobre o sexo feminino foi levantado”. (DUBY, 1995, p.38).

O historiador vai adiante afirmando ser Maria Madalena o apóstolo dos apóstolos, uma vez que “da Ressurreição, Madalena foi a primeira testemunha, portanto o apóstolo dos apóstolos” (DUBY, 1995, p.33). Lógico que são considerações particulares, porém são totalmente pertinentes e devolvem ao universo feminino sua dignidade. Madalena, a pecadora redimida, é transformada pelas mãos de Deus, na primeira pessoa a ver o salvador. Podemos assim resumir, em nosso entender, a moral da história: se uma mulher é a contemplada a ser a primeira a ter a visão do Salvador Ressuscitado, as mulheres não podem ser tão más assim.

4 O PROBLEMA DAS FONTES PESQUISADAS: A REPRESENTAÇÃO FEMININA SOB A TUTELA MASCULINA

Um dos grandes problemas ao investigar a questão feminina na História reside no fato de que o universo feminino está sempre ligado à chancela masculina, ou, como assevera Pauline Schmitt Pantel em “Introdução: Um fio de Ariadne”, presente em *História das Mulheres: Antiguidade*:

O mundo antigo deixou muito pouco escritos de mulheres, ainda que o nome Safo seja regularmente citado. No essencial, as nossas fontes apresentam-nos um olhar dos homens sobre as mulheres e o mundo, daí o peso dado neste livro ao discurso masculino, inclusive na iconografia. (Pantel, 1990, p.23).

Além disso, ele reflete o mundo do poder. Então, quando pesquisamos sobre a mulher através dos tempos, inevitavelmente nos deparamos com a mulher do topo da pirâmide social e suas adjacências. Pouco se escreveu sobre a camponesa ou a serva. Podemos pressupor que elas, por estarem à margem do poder, tinham uma relação com a vida um pouco diferente das mulheres nobres. Podemos especular que a camponesa muitas vezes esteve à frente da família, quando o marido estava no campo ou era convocado para a guerra, e que também a serva, por contribuir com o orçamento doméstico, teria certa voz na família. É necessário parcimônia, como asseverava Georges Duby “acreditando demais no que dizem os homens, nós nos arriscamos a nos equivocar, a considerar que a mulher não tinha poderes, estando numa posição de pobreza”, (DUBY, 1989, p. 95). Lembrando que, ao falar de pobreza, Duby está usando a ideia cunhada por Carmen López, ou seja, a de pobreza como ausência de poder.

Enxergamos esse universo a partir de um olhar masculino, porque a história feminina nos é apresentada pelos homens, que pouco ou quase nada entendiam desse universo:

Nós historiadores não devemos nos influenciar demais pelo que dizem as fontes escritas. Com efeito, toda a nossa documentação, quer se trate da França ou da Espanha, é de proveniência masculina. Nós jamais ouvimos as mulheres antes dos últimos séculos da Idade Média. (DUBY, 1989, p.95).

Duby, em *Eva e os Padres*, afirma que a primeira vez em que as mulheres são “mostradas formando um *ordo* dotado de moral própria e sujeito às próprias fraquezas, (...) que são denunciadas aqui com aspereza e vivacidade” (DUBY, p.12) é no *Livre des Manières*, de Etiénne de Fougères, composto entre 1174 e 1178, e que neste sermão não são consideradas todas as mulheres, mas as que habitam as grandes moradas. “Suas funções fazem com que se atenha a velar especialmente pelo topo da sociedade, pelos dirigentes, pelas casas nobres, e é lá que ele fala, aos nobres, não ao povo” (DUBY, 2001: 12). Logo, mais uma vez temos um olhar masculino sobre o feminino e, mesmo assim, a observação é sobre a conduta das grandes damas.

Difícil tarefa à qual nos propomos, pois esse universo feminino está impregnado pelo olhar masculino, quando nos referimos às mulheres da Antiguidade ou Idade Média, é sobre esse olhar que nós nos debruçamos e é a partir dele que fazemos o nosso percurso.

4.1 Misoginia e aprendizagem nas narrativas orientais

Como verificamos, os exemplares mais antigos encontrados por investigadores e críticos do gênero maravilhoso são: *Kalila e Dimna*, *As Mil e Uma Noites*, *Sendeban libro de los enganos de las mujeres*, onde estão presentes, não somente o caráter utilitário dessas narrativas, mas uma forte misoginia. Nesses textos – fortemente marcados pela religião muçumana –, nos defrontamos com a figura feminina relacionada ao caminho da perdição, subjugada pela força masculina, onde constatamos que o uso da violência é justificado por questões de honra. Porém, é importante esclarecer que, embora forte, a ideia do mal relacionado às mulheres, não é unanimidade nos textos. No entanto, a nós importa investigar como essa ideia influenciou todo um imaginário.

Kalila e Dimna é um livro composto por uma coletânea de textos que versam sobre saberes e decoros – primitivamente elaborada na Índia (lembramos que há uma parte do país muçumana) e traduzida para o árabe. Fato verificável por intermédio de um capítulo, onde o leitor é alertado para não se deixar levar pela diversão, como os néscios, esquecendo-se da questão principal do livro que é a de fazer-nos chegar à sabedoria:

O que primeiro se impõe a quem procura esse livro é iniciá-lo por uma boa e perseverante leitura; não seja seu propósito atingir-lhe o final sem o ter compreendido, pois do contrário, a leitura não trará benefício nem utilidade alguma. (ALMUQAFFA, 2005, p. 6).

Assim o livro faz com que, em virtude de suas histórias, o leitor seja levado a fazer conjecturas a respeito de questões relacionadas à vida e aprender a lidar com ela. O mesmo acontece com algumas narrativas de conteúdo moralizante de *As Mil e Uma Noites* e de *Sendeban libro de los enganos de las mujeres*.

Em *Sendeban libro de los enganos de las mujeres* – o título nos dá a ideia do conteúdo –, há uma narrativa intitulada “Ejemplo de la mujer que apartó al infante em el palacio y cómo, por lo que ella dijo, olvido el consejo de su maestro”, na qual o filho do rei é acusado injustamente por sua madrasta de violentá-la. Acontece que, ao tentar seduzir o príncipe, ela é preterida. Então, esta forja a tentativa de estupro, onde ele é condenado à morte por seu pai. O moço nada fala, pois o horóscopo havia lhe revelado que, se ele abrisse a boca durante aquela semana, uma grande desgraça aconteceria. Sendo assim, permanece calado enquanto os sábios

intercedem por ele. Então, durante sete dias, os setes sábios e a acusadora travam um embate contando histórias exemplares. No oitavo dia, livre do silêncio, o príncipe consegue se defender e fica evidenciada a mentira da madrasta que é queimada viva. O mesmo mote está presente no episódio da filha do rei Hypomenes, na *Demanda do Santo Graal* – um texto ocidental do século XII. A jovem, ao ver-se desprezada pelo irmão, acusa-o também de estupro. Obviamente existem variações de ideias no texto: na *Demanda do Santo Graal*, a moça é seduzida pelo demônio, deita-se com ele e depois acusa o rapaz de estupro. O jovem – a pedido da própria caluniadora – é lançado aos cães; descobre-se tardiamente que ele é inocente. No entanto, o castigo da mulher vem ligeiro: além de dar a luz a uma besta ladradora, ela termina seus dias com uma morte pior do que a que impôs ao irmão.

A estas narrativas podemos juntar o episódio bíblico do *Velho Testamento* que tem como protagonista José filho de Jacó: “José tinha um belo porte e era bonito de rosto. Aconteceu que a mulher de seu patrão pôs nele os olhos e lhe disse: “Dorme comigo” (Gênesis, 39: 6,7). No entanto José rejeita a proposta da mulher do faraó, e ao rejeitá-la assina a sua sentença de prisão. Logo após o episódio, a mulher com desejo de vingança, chama o faraó seu esposo e diz que o rapaz tentou estuprá-la: “Esse escravo hebreu que nos trouxeste abordou-me querendo abusar de mim.” (Gênesis, 39: 17). José é preso e passa dez anos de sua vida na cadeia.

Tais textos nos apresentam uma injuriosa imagem feminina onde observamos mulheres capazes de caluniarem inocentes, e atirá-los à desgraça, por simplesmente não terem seus desejos carnis concretizados. Ora, estes seres lascivos não poderiam ser obra de uma vontade divina, e sim ovelhas desgarradas que precisavam ser reincorporadas ao rebanho, utilizando-se a força e a violência, se necessário.

4.2 A descoberta de Galland e o problema de *As mil e uma noites*

Parte do texto, compilado e traduzido do árabe para o francês em 1680 pelo pesquisador Antoine Galland, encontrava-se na biblioteca da Baixa Normandia, onde Galland trabalhava. Ao perceber que estava diante de uma preciosidade, ele pediu que viessem outros exemplares da biblioteca da Síria para tradução, o que podemos averiguar em carta enviada à Marquesa D’O:

O atraso, Senhora, deve-se a que, antes de começar a impressão, soube eu serem tais contos extraídos de uma prodigiosa Coletânea de contos semelhantes, em vários volumes, intitulado *As Mil e Uma Noites*. Esse descobrimento me obrigou a suspender a impressão e a empregar

os meus cuidados na recuperação da coletânea. Vi-me obrigado a mandá-la vir da Síria, e traduzir o primeiro volume, que ora vos apresento, dos únicos quatro que me foram enviados. Os contos nele contidos ser-vos-ão, sem dúvida, muito mais agradáveis que os que já vistes. Ser-vos-ão, novos, e encontrá-lo-eis em maior número; notareis também, com prazer, o plano engenhoso do autor árabe, desconhecido, na constituição de um corpo tão amplo de narrações do seu país, fabulosas certamente, mas agradáveis e divertentes.

Suplico-vos, Senhora, acolhais este volumezinho que tenho a honra de vos apresentar. Será um testemunho público do meu reconhecimento e do profundo respeito com o qual sou e serei, por toda a minha vida, Senhora. Vosso humílimo e obedientíssimo servidor. Galland. (GALLAND, s/d, p.11).

O texto, como dito anteriormente, narra as crônicas dos Sassânidas – antigos reis da Pérsia –, que expandiram seus domínios à Índia e à China. Os Sassânidas¹⁷ tinham por religião o zoroastrismo¹⁸; eles reinaram entre 226 d.C. e 641 d.C. Como poderíamos fazer a conexão dessas narrativas, que afinal tratam de uma dinastia persa anterior ao islamismo, aos muçulmanos? O último rei da dinastia Yazgard III foi vencido em 641 pelos árabes, que substituíram, gradualmente, o zoroastrismo pelo Islamismo e incorporaram a Pérsia ao califado. Como afirma o historiador Maurice Crouzet:

Um povo, até então quase desconhecido, unificara-se levado pelo impulso de uma nova religião. Em alguns anos conquistava todo o Império Sassânida e, com exclusão do oeste da Ásia Menor, todas as províncias asiáticas e africanas do Império Bizantino, às quais logo deviam acrescentar-se a maior parte da Espanha, a Sicília e, temporariamente, outros postos em terras européas..., as religiões estabelecidas inclinavam-se diante de uma recém-chegada, a mesma que, hoje, conta cerca de 300 milhões de fiéis. (CROUZET, 1994, vl, p.131).

A narrativa encontrada por Antoine Galland, originalmente em árabe, leva-nos a supor que, *As mil e uma noites*, embora narre às crônicas dos Sassânidas, é uma coletânea de histórias, provavelmente ficcionais, a começar pelos personagens, e organizada após a dominação árabe, possivelmente influenciada pela cultura dominadora, carregando em si as tintas da ótica social de uma época. Não obstante, vários personagens que aparecem nas narrativas de Cheherazade são muçulmanos, o que podemos averiguar logo na primeira história “O mercador e o gênio”, contada pela moça à irmã e ao sultão: “Finda tão frugal refeição, como era bom muçulmano, lavou as mãos, o rosto e os pés, e fez a sua prece” (GALLAND, s/d: v.I, p.44). O que nos leva a perguntar se o próprio Chahariar não seria também muçulmano. Tudo aponta para uma afirmativa. Embora no texto não exista a afirmação com todas as letras, há vestígios que nos fazem supor que o sultão era, sim, muçulmano: “Resolvido pois a não mandar matar Cheherazade naquele dia, levantou-se para fazer a prece e ir ao conselho.” (GALLAND, s/d: v.I, p.46).

Os muçulmanos oram cinco vezes ao longo do dia – a Salah é a oração ritual diária realizada pelos muçulmanos e um dos cinco Pilares do Islã –, entre a primeira luz do dia e o

¹⁷ Localizados a leste do Império Bizantino, do outro lado do rio Eufrates, região onde hoje se encontra o Irã e o Iraque, e entrava pela Ásia Central. (HOURANI, 2006).

¹⁸ Religião politeísta da antiga Mesopotâmia cujo profeta era Zoroastro reviveu “em moldes filosóficos, com mais ênfase no dualismo de bem e mal, e tendo uma classe sacerdotal e um culto formal”. (HOURANI, 2006, p.26).

nascer do sol; após o sol ter passado da metade do céu; entre o meio da tarde e o pôr do sol; entre o pôr do sol e a última luz do dia; e, finalmente, entre a escuridão e a meia-noite. E, nas passagens do texto, Dinarzade chama a irmã para começar as histórias antes do nascer do sol: “Não deixou de acordar a sultana antes do amanhecer” (GALLAND, s/d, p.171), “No dia seguinte antes de despontar o dia, Dinarzade não deixou de se dirigir a irmã...” (GALLAND, s/d, p.47).

Se existia dúvida sobre a influência da religião islâmica no texto, ela é dissipada ao longo da leitura, pois encontramos citações dentro de várias narrativas que nos dirigem a uma afirmativa: “Entretanto, como o dia começava a despontar, não se esqueceu da prece, na qualidade de bom muçulmano.” (GALLAND, s/d, p.71); “Apenas aprendi a ler e escrever, decorei o Corão inteiro, esse admirável livro que contém o fundamento, os preceitos e as regras da nossa religião.” (GALLAND, s/d, p.171); “Era mais ou menos meia-noite quando ouvi a voz de um homem a ler o Corão da mesma maneira e no mesmo tom com os quais os costumamos ler nos templos.” (GALLAND, s/d, p.255). “Preparou-se, então, para morrer como verdadeiro muçulmano” (GALLAND, s/d, p.373). Também: “Abri a primeira, e entrei num jardim frutífero tal que não creio que haja, no mundo, outro que lhe compare. Não creio também que o prometido pela nossa religião, após a morte, possa superá-lo.” (GALLAND, s/d, p.240). Há no *Corão* referências a tal jardim:

Entretanto, os tementes estarão entre jardins e mananciais.
 (Ser-lhes-á dito): Adentrai-os, seguros e em paz!
 E extinguiremos todo o rancor do seus corações;(742) serão como irmãos, descansando sobre coxins, contemplando-se mutuamente,
 Onde não serão acometidos de fadiga e de onde nunca serão retirados.
 (SURATA, 15: 45-48)
 (...)
 Em verdade, Deus introduzirá os fiéis, que praticam o bem, em jardins, abaixo dos quais correm os rios; quanto aos incrédulos, que comem como come o gado, o fogo lhes servirá de morada.
 E quantas cidades, mais poderosas do que a tua, que te expulsou,(1497) destruímos, sem que ninguém tivesse pedido socorrê-las!
 Porventura, aqueles que observam a evidência do seu Senhor poderão ser equiparados àqueles cujas ações foram abrilhantadas e que se entregaram às suas luxúrias?
 Eis aqui uma descrição do Paraíso, que foi prometido aos tementes: Lá há rios de água impolúvel(1498); rios de leite de sabor inalterável; rios de vinho deleitante para os que o bebem; e rios de mel purificado; ali terão toda a classe de frutos, com a indulgência do seu Senhor. Poderá isto equipar-se ao castigo daqueles que permanecerão eternamente no fogo, a quem será dada a beber água fervente, a qual lhes dilacerará as entranhas? (SURATA, 47: 12,15)

Ou ainda em *As mil e umas noites*:

Antes de o navio zarpar, o grão vizir Amdjad, avisado de que os adoradores do fogo tinham por costume sacrificar todos os anos um muçumano na montanha de fogo, e temeroso de que talvez Assad estivesse destinado a tão sangrenta cerimônia quis visitar o navio. (GALLAND, s/d, p.842).

Logo, é pertinente pensar que os personagens que fazem a afirmação e – ou – os que escutam são também muçulmanos.

4.3 A narrativa de *As mil e uma noites*

Em *As Mil e Uma Noites*, o caráter misógino é ressaltado já no começo do livro com a história que dá origem à saga de Cherafade. Chahriar subiu ao trono e presenteou seu irmão Chahzenã com o reino da Grã-Tartária. Dez anos se passaram e Chahriar, com saudades do irmão, mandou o seu grão-vizir buscá-lo, no que foi prontamente atendido. Chahzenã resolveu os problemas do reino e partiu com o grão-vizir. Porém, ele sentiu falta de sua rainha e quis mais uma vez se despedir dela. Para surpreendê-la, entrou em seus aposentos sem fazer barulho, encontrou-a nos braços de outro. Desatinado, o rei matou os amantes e partiu ao encontro do irmão.

Sempre a pensar na infidelidade de sua rainha, ele caiu numa tristeza profunda, que nem o reencontro com o irmão teve o poder de amenizar. Chahriar estranhou o comportamento do irmão, porém ele nada lhe disse. Um dia, Chahriar organizou uma grande caçada, mas Chahzenã rogou-lhe que o dispensasse, e assim ficou no palácio. Qual não foi a sua surpresa ao vislumbrar a cunhada acompanhada de nove mulheres e dez escravos negros entregarem-se a uma orgia. Ao assistir a tal espetáculo, ele concluiu que seu infortúnio não era assim tão ruim. Nos dias posteriores, seu humor mudou e, quando Chahriar regressou, encontrou o irmão bem mais disposto. Ao ser questionado pela mudança, ele tentou se esquivar, mas, no final, contou ao irmão o que vira.

Chahriar decidiu armar uma cilada; fingiu viajar, mas ficou à espreita e flagrou a rainha. Os dois irmãos então partiram com a promessa de só retornar quando encontrassem alguém com um infortúnio ainda maior. E sucedeu que encontraram um gênio maligno, que trazia junto à cabeça uma grande caixa de vidro, fechada com quatro fechaduras de aço, onde mantinha presa uma moça. O gênio vivia no fundo do mar e, de tempos em tempos, vinha à superfície. Os irmãos, ao verem tal figura medonha, buscaram refúgio em cima de uma árvore, porém, viram quando ele abriu a caixa e uma linda mulher saiu. Então, ele ordenou-lhe que se sentasse ao seu lado, deitou a cabeça no colo dela e adormeceu. A moça avistou os rapazes, mandou que descessem e a possuíssem, sob pena de acordar o gênio – que com certeza os mataria –, caso seus desejos não fossem satisfeitos. Depois que conseguiu o que desejava de cada um, exigiu-lhes o anel que eles traziam no dedo, mostrou-lhes uma caixa cheia de anéis, cada um representava um homem ao qual havia concedido seus favores:

Eis, pois, cem amantes que tive desde o dia em que esse monstro me raptou, e apesar da sua vigilância e das suas precauções. Pouco me importa que me encerre nessa caixa de vidro e me oculte no fundo do mar, porque nunca deixo de o enganar. Vedes, portanto, que quando a

mulher forma um propósito, não há marido nem amante capaz de lhe impedir a realização de tal propósito. (GALLAND, s/d, v.I. p.30).

Então, eles decidiram retornar, pois, afinal, haviam encontrado alguém com um infortúnio muito maior. Chahriar, ao regressar a sua terra, “correu ao aposento da rainha. Ali, fê-la amarrar e entregou-a ao seu grão-vizir, com a ordem de a mandar estrangular, o que o ministro cumpriu sem ousar perguntar que crime ela havia cometido.”, (GALLAND, s/d, v.I, p.31). Não satisfeito, cortou com as próprias mãos as cabeças de todas as companheiras da sultana. Persuadido de que não havia mulher recatada, iniciou o seu reino de terror contra o universo feminino, tomando uma esposa por noite e assassinando-a no dia seguinte, até seus caminhos cruzarem com os da esperta Cherazade.

Dentre as figuras femininas encontradas nos textos da tradição árabe, a moça é uma das exceções à regra no que tange ao comportamento feminino em textos orientais medievais. Inteligente, Cheherazade escapa da morte contando suas histórias. Pessoa versada, ela possuía um intelecto diferente das mulheres de sua época, como o narrador faz questão de frisar:

Cheherazade possuía coragem acima do seu sexo, muitíssimo espírito e admirável penetração. Cultíssima, era dona de memória tão prodigiosa que nada lhe escapava de tudo quanto havia lido. Aplicara-se com felicidade ao estudo da filosofia, da medicina, da história e das artes; e compunha versos mais lindos que os dos poetas mais famosos do seu tempo. Além disso, tinha beleza extraordinária. E uma virtude solidíssima coroava tantas lindas qualidades. (GALLAND, s/d, p.32, grifo nosso)

Ela engendra um plano para acabar com a matança do sultão. Propõe ao grão-vizir, seu pai e encarregado de trazer uma nova noiva a cada noite para Chariar, que a dê em matrimônio ao sultão. Depois de muito relutar, ele atende ao pedido da filha, que já tem em mente uma maneira de permanecer viva.

Sendo assim, eles se casam e Cheherazade pede a presença de sua irmã mais nova, Dinarzade, para passar a última noite, no que é prontamente atendida pelo sultão. Ao amanhecer, Dinarzade pede que a irmã conte-lhe uma última história, fato que elas haviam combinado previamente. Com a permissão do sultão, Cheherazade começa os seus relatos e seu anzol é físgado pelo esposo que, aguçado pela curiosidade, a cada dia postergava a execução para o dia seguinte, até que os anos se passaram. Ele abdica da promessa feita e permanecem casados.

É pela sabedoria que a sultana escapa à morte. A moça é – junto a outras poucas personagens – uma exceção à regra, porque, nos relatos da coletânea, as mulheres apresentam como características pessoais a perfídia, a lascívia e a vocação para a traição.

Uma narrativa de *As Mil e Uma Noites*, chamada “História de Amina”, localizada na Sexagésima sétima noite, nos dá a dimensão do poder masculino. Amina, ao ser desposada,

prometeu ao marido não falar com homem nenhum. Um dia, ela vai até ao mercado comprar tecidos; um mercador lhe oferece o pano de presente em troca de dar-lhe um beijo; a moça acha a proposta uma ousadia, mas logo é persuadida por sua acompanhante anciã de que em tal ato não havia nada demais. Ao oferecer a face, é mordida por ele, que, em seguida, foge. A moça é levada desmaiada para casa e, ao acordar, com medo do dizer a verdade ao marido, conta-lhe uma mentira. Furioso, ele manda os seus escravos darem cabo dela. Suas súplicas de inocência não surtem efeito, então, a anciã intercede em favor da moça. Como a velha fora ama de leite do marido, ele concede a vida à esposa, com a condição de que ela sofra um castigo físico. Então, seus escravos cortam a sua costela e o seu seio. Depois do castigo, a anciã leva a moça para a sua casa e cuida dela. Ao se recuperar, ela vai à busca de sua antiga casa e descobre que ela fora totalmente destruída por ordem do marido; pede guarida à sua irmã com quem fica, até que, um dia, o califa descobre a verdade e conta ao cruel marido que a recebe de volta. O califa pergunta a uma fada quem é aquele marido autor de tamanha atrocidade e recebe a seguinte resposta:

Comendador dos crentes, preciso agora revelar-vos quem é o marido desconhecido que procurais. Está muito ligado a vós, pois é o príncipe Amim, vosso filho mais velho, irmão do príncipe Mamun. Loucamente apaixonado por esta dama, pelas descrições que lhe fizeram da sua beleza, encontrou um pretexto para atraí-la e desposar. Quanto aos golpes que lhe infligiu, é até certo ponto desculpável. A dama sua esposa agiu com um pouquinho de leviandade, e as escusas apresentadas deram a entender ser ela mais culpada do que era na realidade. É tudo quanto posso dizer para satisfazer a vossa curiosidade. (GALLAND, s/d: v.I, p.277).

Logo, a mulher “mereceu a punição”, pois não devia ter enganado o marido. Acontece que a pobre moça é a vítima do mercador; sua única falta foi a de não contar por medo à verdade. Ainda assim ela é torturada, vilipendiada, perseguida e, no final, depois de tudo o que sofreu, perdoa o marido.

Em a “História do jovem rei das Ilhas Negras”, o príncipe conta ao sultão como contraiu matrimônio e chegou à situação em que se encontrava. Após a morte do rei, seu pai, ele casou-se com uma prima que não deixava de lhe dar provas de amor, afeiçoando-se a ela. O casamento foi muito bem durante cinco anos, ao cabo disso, o príncipe descobriu, por intermédio de duas escravas, que a moça já não o amava:

Uma delas disse à outra: “Não é bem verdade que a rainha procede mal não amando um príncipe tão gentil como o nosso?”
 “Certamente, respondeu a segunda. Eu por mim, não compreendo, e não sei porque sai todas as noites, e o deixa sozinho. Não desconfiará o nosso príncipe de nada?” “Ora, como queres que perceba? A rainha coloca, todas as noites, na água que ele bebe certo suco que o faz dormir a noite inteira com sono tão profundo, que ela tem tempo de ir aonde bem entende; ao nascer do dia, volta, deita-se novamente ao lado do marido, e acorda-o, passando-lhe debaixo do nariz um misterioso perfume. (GALLAND, s/d, v.I, p.111).

Vejamos que a mulher usa “certo suco” para colocar o marido para dormir e para acordá-lo; ela passa-lhe um “misterioso” perfume debaixo do nariz; as escravas não entendem como ela pode agir assim com “um homem tão gentil” – encontramos, assim, um homem “gentil em oposição a uma mulher “ardilosa”. O marido finge não saber nada e, à noite, quando a esposa lha dá a taça, ele simula beber; depois de julgá-lo adormecido, a mulher lança ao marido: “Dorme, e tomara que nunca mais despertes!” (GALLAND, s/d, v.I, p.112), e sai. O homem vai atrás dela: “A rainha cruzou várias portas que se abriram em virtude de certas palavras mágicas; a última que se abriu foi a do jardim em que ela entrou.”, (GALLAND, s/d, v.I, p.114). As portas se abrem por “certas palavras mágicas”, reforço da ideia de um universo mágico no qual a personagem está inserida. O homem espreita a conversa da mulher com o amante e ouve: “Basta que mo ordenes, pois sabes qual é o meu poder. Se assim o desejares, transformarei esta grande cidade e o seu belo palácio em espantosas ruínas, habitadas apenas por lobos, mochos e corvos.”, (GALLAND, s/d: v.I, p.114). Quando ambos passam, o marido atinge o amante no pescoço, atirando-o no chão. Ao julgá-lo morto, vai embora. Então, o marido – que é rei – lava sua honra jogando toda a ira contra o amante: “Quando cheguei aos meus aposentos, deitei-me de novo; e satisfeito por ter punido o temerário que me havia ofendido, adormeci.”, (GALLAND, s/d, v.I, p.115) Mas, querendo poupar a mulher do constrangimento de saber que ele descobrira sua traição, diz: “Retirei-me precipitadamente sem me dar a conhecer à rainha, que eu queria poupar, por ser minha prima (...)”, (GALLAND s/d, v.I, p.115), atitude que revela a sua nobreza. A rainha se desespera e diz ao marido que o motivo de tamanho desespero é a morte da mãe, do pai – em batalha – e do irmão – caído num precipício. O rei consola-a e afirma ao interlocutor que não se aborreceu “por ela tomar tal pretexto para ocultar o verdadeiro motivo da sua aflição, e certifiquei-me de que não me supunha autor do ferimento do amante.”, (GALLAND, s/d, v.I, p.116). Ele não faz isso a título de vingança tardia, faz porque havia perdoado a traição da rainha. Ela pede para erguer um túmulo, ele concorda. A mulher chora o amante por dois anos seguidos – ele não morreu, mas ficou em estado vegetativo, ela o mantém vivo em virtude de beberagens que lhe dá – e o rei, finalmente, perde a paciência. Eles discutem e a rainha transforma-o em metade mármore. Não satisfeita, destrói o reino, converte os habitantes de diferentes religiões em peixes, os brancos mulçumanos, os vermelhos persas – adoradores do fogo –, os azuis cristãos e os amarelos judeus, além disso, todos os dias, ela dá cem chicotadas nas costas do rei. Por fim, o sultão consegue vingar-se da rainha e libertar o rei do feitiço que lhe fora lançado.

Em outra narrativa, “História do príncipe Amdjad e de uma dama da cidade dos Magos”, o príncipe Amdjad encontra uma moça na rua. Esta, ao ver aquele “jovem formoso, que acabava de sair do banho, tirou o véu, e perguntou-lhe para onde se dirigia, com ar risonho e convidativo.”, (GALLAND, s/d, v.III, p.831). O moço, não conseguindo resistir aos encantos de mulher, declara que iria para a casa dele ou dela e recebe a seguinte resposta: “Senhor, disse a dama, as mulheres da minha categoria não levam os homens para as suas casas; vão às casas deles.”, (GALLAND, s/d, v.III, p.831). Acontece que o príncipe, por ironia do destino, morava com um alfaiate e não ousou levá-la a casa dele. Então, acompanhado da moça, saiu caminhando sem destino, até que depois de muito caminhar encontraram uma belíssima mansão que Amdjad afirmou ser dele. Porém, o moço afirmou que teriam que esperar por seu escravo para poderem entrar. Não querendo ficar ao relento, a dama força a fechadura e eles entram. O príncipe está apavorado, com medo que o verdadeiro dono chegasse, e é o que acontece. A casa pertencia à Bahader, grão escudeiro do rei, que, ao perceber a brincadeira, compactua com Amdjad fazendo-se passar por escravo. “Dissestes à vossa querida que tínheis um escravo. Serei o escravo; e, para que não fiquéis constrangido, repito-vos que o quero ser... Não temais sequer bater-me.”, (GALLAND, s/d, v.III, p.835). E assim foi feito. Porém, a dama: “não se contentou com aquele castigo. Levantou-se, por sua vez, pegou o bastão, e descarregou sobre Bahader uma saraivada de golpes que o fizeram chorar.”, (GALLAND, s/d, v.III, p.837); o príncipe gritava para que ela parasse, mas a moça continuou e só parou quando Amdjad arrancou-lhe o bastão. Porém, ao retornar à mesa, ela não se conteve e começou a insultar Bahader. Mais tarde, antes de se deitarem, a dama, ao ver que Bahader já dormia, pegou um alfanje e disse: “Senhor, disse a Amdjad, tornando a entrar, peço-vos um favor. De que se trata? Perguntou Amdjad. Pegai esse alfanje e ide cortar a cabeça do vosso escravo.”, (GALLAND, s/d, v.III, p.838). Amdjad não concorda e é a cabeça da moça que acaba cortada.

É interessante observar o papel desempenhado pela moça: ela é destemperada, promíscua ou prostituta – pois está na rua esperando homens – e má. Enquanto Bahader é solidário e Amdjad é bondoso. Aqui temos novamente a visão do feminino ligado ao despertar do desejo no homem, pois Amdjad não consegue resistir aos encantos da mulher.

Outra história, a dos irmãos Amdjad e Assad, é bem inusitada. Ela começa com a princesa da China Badura e o príncipe Camaralzaman, filho do rei Chahzaman. Ambos eram belíssimos e viviam recusando matrimônio – Camaralzaman tinha aversão à mulheres: “Nem sei se poderia decidir-me por laço matrimonial, não somente por causa das preocupações que as mulheres causam, como também por causa do que li nos nossos autores sobre os seus ardis,

as suas maldades e as suas perfídias.”, (GALLAND, s/d, v.II, p.716). Um dia, o gênio Danhach viu a beleza de Badura e acreditou que era a maior da terra. Naquele ínterim, a fada Maimune havia avistado Camaralzaman e afirmou que beleza maior não existia. Criou-se uma disputa entre o gênio e fada e eles resolveram colocar príncipe e princesa lado a lado, para concluir quem tinha a razão. À noite, Danhach trouxe Badura até a torre onde Camaralzaman dormia; o príncipe acordou e deparou com uma belíssima moça que dormia ao seu lado. Decidiu que com ela se casaria, o mesmo ocorreu com Badura que, para ter certeza de que reencontraria o moço, colocou seu anel no dedo do rapaz. Depois de algumas peripécias, eles se reencontram e se casam, mas, são logo separados. Após casarem-se na China, Camaralzaman e Badura pegam o rumo do reino do pai do príncipe. A moça tinha um talismã que sempre carregava dentro de uma bolsinha, o príncipe abriu-a e encontrou o talismã. Nesse momento, um pássaro roubou da mão do príncipe o pequeno artefato, e, então, o rapaz perseguiu de vale em colina, de colina em vale até que perdeu-se do grupo e não sabia como retornar. No dia seguinte, Badura não encontrou Camaralzaman e, depois de muito chorar, decidiu usar as vestes do marido e passar-se por ele. Colocou uma escrava na liteira em seu lugar e partiu com a caravana, montada num cavalo. Ela chega a um reino, à ilha de Ébano, e acaba desposando Haiatalnefuz, a filha do rei. Badura, após o matrimônio com Haiatalnefuz, passou a evitá-la e o casamento depois de dias ainda não havia se consumado. Então, não tendo como escapar, a princesa da China revela o seu segredo. A princesa da ilha de Ébano, com pena de Badura, resolve guardar segredo. Enquanto isso, Camaralzaman vaga pelo mundo atrás da esposa, chega à ilha de Ébano, encontra Badura que lhe conta todo o ocorrido. Assim, eles se apresentam ao rei da ilha de Ébano, pai de Haiatalnefuz, revelam o segredo e o rapaz desposa também a princesa Haiatalnefuz:

As duas rainhas continuaram a viver juntas com a mesma amizade e a mesma união de antes, e contentíssimas com a igualdade que o rei Camaralzaman mantinha com respeito a elas, com elas dividindo alternadamente o leito. Cada uma lhe deu um filho, no mesmo ano, quase que ao mesmo tempo; e o nascimento dos dois príncipes foi celebrado com grandes festividades. Camaralzaman chamou de Amdjad o primeiro, filho de Badura, e de Assad o filho de Haiatalnefuz. (GALLAND, s/d, VIII ,p.800).

E aí começa uma grande intriga, o tempo passa, os meninos crescem e a princesa Badura, que sempre se mostrou íntegra e fiel ao marido – tanto que quando ele desaparece, ela põe as vestes dele e sai à sua procura, inclusive arriscando a vida ao desposar Haiatalnefuz -, tudo faz na esperança de reencontrar seu amor. Ela apaixonou-se por Assad, e Haiatalnefuz por Amdjad. Os irmãos repelem as investidas de ambas e, preteridas, resolvem vingar-se, tramando a morte dos rapazes:

As duas rainhas, desesperadas por terem encontrado nos príncipes uma virtude que devia devolver a elas o juízo perdido, renunciaram a todos os sentimentos da natureza de mãe, e

combinaram fazê-los morrer. Deram a crer às suas domésticas que eles haviam tentado forçá-las, e fingiram com lágrimas e maldições, deitando-se num mesmo leito, como se a resistência supostamente oferecida as tivesse reduzido aos extremos... (GALLAND, s/d, v.II, p.805).

As mães se juntam para assassinar os filhos, essas mulheres que até então têm um procedimento honroso, sofrem um revés e se tornam um agente do mal. E, de fato, o rei Camaralzaman acredita nas esposas e manda matar os príncipes fora da cidade. Porém, o emir Jondar, encarregado de tal carnificina, não tem coragem de dar cabo dos rapazes, pois acredita que são inocentes, manda-os embora e leva consigo as vestimentas dos rapazes para provar ao rei que eles foram mortos. Quando o emir retorna, o rei verifica os bolsos das vestes dos rapazes e descobre os bilhetes escritos por Badura e Haiatalnefuz, onde elas se declaram. Ao descobrir que os rapazes são imaculados, o rei se desespera por supô-los mortos, então o emir conta que os deixou partir. Enfim, Camaralzaman considera que o seu receio de juventude em relação às mulheres estava correto, mas ele não pune as esposas com sangue derramado, mas com exílio. Elas são presas numa parte do castelo até o final de seus dias.

Episódios como esse recheiam as páginas narradas por Cherezade, onde não há questionamento sobre o modo violento como a mulher é tratada, ao passo que o homem detém todos os direitos. Contudo, não podemos nos furtar de esclarecer que a questão feminina presente no livro não é plana, e sim esférica, ou seja, existem narrativas no texto com exemplos de mulheres poderosas, boas e honestas; um deles é o da rainha Marjana, que salva o príncipe Assad da morte, sobre ela está escrito “mulçumana, era inimiga imortal dos adoradores do fogo.”, (GALLAND, s/d, v.III, p.842).

Deste modo, podemos constatar, por intermédio das narrativas aqui apresentadas, que o texto traz consigo um preconceito acerca do universo feminino. Algo arraigado na tradição oriental, mas que encontrou ecos na tradição ocidental.

5. LENDAS IBÉRICAS

Os cristãos venceram a batalha na Península Ibérica e muitas de suas lendas abordam histórias sobre essas lutas. A julgar pela leitura da *Crônica Moçárabe* onde encontramos um quadro de terror sobre as ocupações muçulmanas, é certo que os vitoriosos sempre apontam os vencidos como criaturas malignas. Era previsível que chegasse até nós a versão dos vitoriosos como os heróis cristãos que lutaram contra o mal muçulmano. Logo, encontramos diversas lendas com referências aos muçulmanos – também chamados mouros – e as batalhas travadas, lendas com mulheres malignas que levam os homens à perdição, além de lendas hagiográficas.

Além dos árabes, a Península Ibérica sofreu inúmeras outras invasões de diferentes povos – vândalos, suevos (de origem germânica), alanos (de origem asiática), visigotos (também de origem germânica). Além disso, a própria ocupação muçulmana repercutiu mais em algumas extensões territoriais. Ademais, estamos nos reportando a uma região que, na atualidade, abarca dois países: Portugal e Espanha. Todavia a Espanha conta com algumas regiões co-oficiais, como por exemplo, a Comunidade Autônoma da Galícia. Sabemos que essas regiões trazem particularidades, diferenças, porém trazem também algumas igualdades. Um dos pesquisadores mais importantes da Galícia, Leandro Carré Alverellos, afirma que “Las leyendas gallegas contienen una esencia de creencias populares y formas literarias de fondo natural y humano, de una sensibilidad artística y lírica emocional.”, (ALVERELLOS, 2008, p.35). O mesmo não ocorre na castelã, pois “Y en el fondo de las leyendas castellanas más parece aflorar un sustrato mediterráneo, de marcado sedimento semítico, en los relatos de manifiesta lascívia acompañada de cuchilladsa y crímenes.”, (ALVERELLOS, 2008, p.35).

É verdade que nas lendas galegas nos deparamos com um universo com especificidades, assim como nas lendas de Extremadura, Valença, Madri, País Basco, Navarra. Ainda assim – mesmo tendo sofrido pouca influência muçulmana – existe um macrocosmo que torna possível uma visão comum, onde encontramos várias referências aos mouros.

Ao investigar lendas ibéricas encontramos, por vezes, a figura feminina associada a comportamentos desonrosos: mentirosa, comilona, má, cheia de luxúria, etc. Mas, claro que também nos deparamos com figuras femininas associadas ao bem. Em várias lendas recolhidas em Galícia, Portugal, Madri, Granada percebemos uma particularidade vinda do

oriente que talvez possamos localizar como uma matriz comum: a presença de subterrâneos onde existem cidades, palácios - elementos presentes em narrativas de *As mil e uma noites*.

Outro ponto que deve ser examinado é que o estudo da tradição oral em Espanha é recente e, de acordo com Guelbenzu “[...] en comparación con el trato recibido por los cuentos populares en otros países europeos, se encontraba en franca situación de infeioridad dentro de la cultura española.”, (GUEL BENZU, 2006, p.13). Logo isso nos traz mais um problema, que a questão de material de estudo e investigação.

5.1 A narrativa de Lendas Ibéricas

Em *Leyendas épicas Españolas* (1998) nos deparamos por diversas vezes com alguma figura feminina ligada ao mal. Em “Abdicacion de Don Alfonso El Magno”, citemos como exemplo a rainha dona Jimena. Conta a lenda que, por não amar o rei Don Alfonso, no ano de 879, ela aconselhou os filhos a quitar-lhes a coroa. Quando o rei se viu sitiado em uma vila de Astúrias, foi obrigado a entregar a coroa ao filho Don Garcia e resolveu partir em peregrinação a Santiago de Compostela. O texto fala da rainha como uma mulher traidora e perversa: “Esta reina, que fue muy mala, introdujo en el reino muy feas costumbres.”, (CASTILLO, 1998, p.45).

Essa prática feminina de instruir os filhos contra o pai, de acordo com o historiador Georges Duby, era recorrente. Por exemplo, na primavera de 1173, Alienor de Aquitânea apoiou a revolta desses dois rapazes insaciáveis e de seu filho mais moço:

Rebeliões desse tipo, que opunham os filhos ao pai que tardava a morrer, eram moedas correntes na época, mas era raro ver-se a mãe dos amotindos tomar o partido deles e trair seu marido. A atitude de Alienor causou escândalo, portanto. Pela segunda vez ela parecia infringir as regras fundamentais da conjugalidade. (DUBY, 1995, p.24).

Embora, ao falarmos em Alienor, façamos referência à França e à Inglaterra, a história da sua vida nos dá uma ideia da posição feminina medieval, mesmo tratando-se de uma rainha. E é extremamente difícil de falar-se sobre a Península Ibérica e não citar França e Inglaterra. Por isso citaremos Alienor, para se ter ideia de como essas meninas erma tratadas na época.

Georges Duby em *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII* assevera que:

Em todos esses anos falou-se muito dela, não para honrá-la, como fazem os sonhadores de hoje, para celebrar suas virtudes, para fazer dela a primeira heroína do combate feminista ou da independência occitana, mas para denunciar sua maldade. Falou-se dela em toda parte, recordando-se sua aventura na França, pois seus gestos punham em evidência as forças terríveis de que é dotada por natureza a mulher, luxuriosa e pérfida. (DUBY, 1995, p.25).

A história de Alienor, herdeira do ducado de Aquitania, é muito parecida com tantas outras histórias relativa às meninas da época. Em 1137, quando tinha apenas treze anos, ela foi entregue em matrimônio ao rei Luís VII da França, que contava com aproximadamente dezesseis anos. Do casamento com o rei da França nasceram duas meninas. Em 1152, ela pediu divórcio e casou-se imediatamente com Henrique Plantageneta da Inglaterra, ele, então, com dezenove e ela com vinte e nove anos. Desse episódio o monge cisterciense Aubry des Trois Fontaines relata que “Luís a havia deixado por causa da incontidência dessa mulher, que se conduzia não como rainha, mas como prostituta.”, (DUBY, 1995, p.17).

É certo que de Alienor fala-se horrores, dizia-se que era lasciva, voluptuosa, sedutora e, inclusive, que durante as Cruzadas havia entregado seu corpo aos sarracenos, traindo assim, além do marido, o próprio Deus cristão. Os mexericos em torno da rainha eram tantos que histórias foram escritas na Inglaterra sobre eles entre os anos de 1180 e 1200. Dizia-se que Luís era extremamente ciumento, a ponto de levar Alienor consigo durante a segunda Cruzada, e sobre a pobre mulher decaiu o fracasso da expedição.

Com Henrique, ela teve quatro meninos; o mais velho morrera ainda na infância. Por volta dos cinquenta anos, idade na qual a maioria das mulheres já contava com seus dotes de viúva, Alienor não podia contar com isso, pois Henrique ainda vivia. Então, como afirma Duby, “para tirar partido das chances que lhe restavam, Alienor se apoiou em seus filhos e especialmente num deles, Ricardo.”, (DUBY, 1995, p.24). Ela resolveu insuflar os meninos contra o pai, e Henrique foi obrigado a ceder. Porém, em novembro daquele mesmo ano, Henrique dominou a sublevação e capturou Alienor que, disfarçada em roupas masculinas, falta grave para época, tentava retornar e buscar refúgio junto ao seu primeiro marido, Luís VII. Henrique a encerrou no castelo de Chinon, onde a manteve prisioneira até as vésperas de sua morte, em 1189.

A misoginia presente no conto, recolhido da tradição oral hispânica pelo romântico Gustavo Adolfo Bécquer, também reforça a ideia da mulher como algo ligado ao mal. Apontado como um romântico tardio e, ao mesmo tempo como precursor da modernidade, Bécquer foi jornalista, crítico mordaz, obsessivo no resgate de um passado idealizado e responsável, segundo Antonio R. Esteves, pela introdução da narrativa fantástica na Espanha. Diz ele: “costuma-se afirmar que as *Leyendas* de Bécquer introduzem, na literatura espanhola, a narrativa de cunho fantástico. A partir delas o conto histórico toma novo rumo.”, (ESTEVEZ, 2005, p.20), pois Bécquer reconstruiu as narrativas a partir de relatos orais transmitidos de geração a geração.

5.1.1 “O Monte das Almas Penadas”

Em “O Monte das Almas Penadas”, narrativa escolhida para análise, encontramos amplamente difundidos elementos pertinentes à nossa proposta, pois revela um caráter misógino e um alerta para as mulheres não se comportarem como a protagonista Beatriz. Apesar de marcadas pela presença da arquitetura românica ou gótica, as ações se passam na Idade Média, quando boa parte da Península ainda estava sob dominação moura.

“O Monte das Almas Penadas” é uma narrativa exemplar onde o discurso é construído de maneira a convencer o ouvinte a seguir o caminho do bem, respeitando a tradição e não profanando o espaço dos mortos, sob pena de terminar os dias como a fria e insensível Beatriz ou o apaixonado Alonso.

É dia de Todos os Santos¹⁹ e Alonso resolve terminar a caçada mais cedo, por respeito à tradição e aos mortos que estão sepultados no monte onde a caçada é realizada. Sua prima Beatriz não entende o porquê e Alonso explica a velha história do lugar.

Já no palácio, Beatriz e Alonso permanecem alheios à conversação. O rapaz quebra o silêncio, sabe que logo vão se separar. Beatriz não gosta daquele lugar e talvez suspire por alguém de seu país: “Beatriz fez um gesto de fria indiferença: todo um caráter de mulher revelou-se naquela desdenhosa contração de seus delicados lábios.”,_(BÉCQUER, 2005, p.105). Este propõe que ela aceite um presente para lembrar-se dele, uma pequena jóia que pertenceu a sua mãe. Beatriz titubeia, diz não poder aceitar e “o tom gelado com que Beatriz pronunciou essas palavras agitou por um momento o jovem.”, (BÉCQUER, 2005, p.105), Alonso insiste e ela aceita: “Beatriz mordeu ligeiramente os lábios e estendeu a mão para receber a jóia sem acrescentar uma única palavra.”, (BÉCQUER, 2005, p.105) Voltam a ficar em silêncio; após alguns minutos, Alonso pede que ela lhe dê algo para guardar de lembrança e o olhar da prima “resplandeceu como um relâmpago, iluminado por um pensamento diabólico.”, (BÉCQUER, 2005, p.105). E ela concorda, procura por algo entre a roupa e diz que perdeu justamente aquilo que queria dar-lhe: uma faixa azul que ela perdeu provavelmente no monte. Alonso responde que fosse outro lugar e outro dia imediatamente ele iria procurá-la, mas em se tratando das circunstâncias, ele tinha medo:

Enquanto o jovem falava, um sorriso imperceptível desenhava-se nos lábios de Beatriz que, depois de ouvi-lo, exclamou em um tom indiferente, enquanto atiçava o fogo da lareira, onde saltava a estalava a lenha, lançando chispas de mil cores:

¹⁹ Uma evolução da festividade céltica Samain celebrada quarenta dias após o equinócio de outono, correspondia à primeira noite do ano novo para os celtas. Nesse dia, eram abertas as portas que comunicavam o mundo dos mortos com o mundo dos vivos, rompendo as barreiras do real misturando-as ao sobrenatural. Essa festa sobreviveu e converteu-se na festa de Todos os Santos dentro da religião cristã, e na festa de Halloween nos países anglo-saxões.

- Oh! Isso de jeito nenhum! Que loucura! Ir agora ao monte por semelhante besteira! Numa noite tão escura, noite de Finados, com o caminho coalhado de lobos!

Ao dizer esta última frase, enfatizou-a de um modo tão especial, que Alonso não pôde deixar de compreender toda aquela amarga ironia. Então, como movido por uma mola, pôs-se de pé; passou a mão pela testa, como para arrancar o medo que estava em sua cabeça e não no coração. E, com voz firme exclamou, dirigindo-se à formosa prima que ainda estava inclinada sobre a lareira, distraída em remexer o fogo:

- Adeus, Beatriz, adeus. Até logo!

- Alonso! Alonso! – disse ela, voltando-se com rapidez. Mas quando quis ou aparentou querer detê-lo, o jovem havia desaparecido.

Poucos minutos depois, ouviu-se o barulho de um cavalo que se afastava a galope. Com uma radiante expressão de orgulho satisfeito que ruborizou sua face, a donzela prestou especial atenção àquele galope que se distanciava; que se perdia; e que desapareceu por fim. (BÉCQUER, 2005, p.109).

Nessa narrativa observamos uma mulher levando um homem para caminho da perdição. Beatriz induz Alonso a desrespeitar a tradição local e a profanar o lugar dos mortos na noite deles. Ela é estrangeira, veio da França, não respeita os costumes do lugar que a acolheu quando veio em busca da recuperação de sua saúde. Alonso teme, mas é empurrado pelo orgulho e vaidade que tem por sua coragem:

Você sabe, porque já terá ouvido isso mil vezes. Nesta cidade, em toda Castela, me chamam o rei dos caçadores. Não tendo ainda podido provar minha coragem nos combates, como meus antepassados, canalizei para essa diversão, imagem da guerra, todo o brio de minha juventude, todo o ardor hereditário de minha linhagem. O tapete que seus pés estão pisando, são despojos de feras mortas por minhas mãos. Conheço seus refúgios e seus costumes; combati com elas de dia e de noite, a pé e a cavalo, sozinho e em grupo; e ninguém dirá que me viu fugir do perigo em nenhuma ocasião. (BÉCQUER, 2005, p.109).

E, pela paixão que tem por sua prima, ele sabe que será castigado. Nasceu e viveu naquelas terras, ouviu as histórias que atravessaram os tempos; mesmo assim, dispôs-se a embrenhar-se na escuridão da noite em busca de uma faixa azul. A figura da mulher diabólica nesse conto é que promove a ruptura entre o sagrado, respeitado por Alonso até aquele dia, e o profano. E o castigo por tal feito é imediato, ele morre devorado por lobos pela profanação do monte no dia de Finados – notem que mesmo o caçador que passou a noite de Finados no monte, não por vontade, mas porque se extraviou, foi castigado com a morte – ela, por haver caprichosamente induzido o rapaz à profanação, morre de horror e sua alma é perseguida pelos mortos do monte.

Encontramos outras histórias que carregam consigo o estereotipo da mulher pérfida que leva o homem bom e honesto a perder-se por caminhos que talvez ele não possa retornar em outras narrativas recolhidas por Bécquer, como é o caso de “O bracelete de ouro” que começa assim:

Ela era formosa; formosa com essa formosura que causa vertigem; formosa com essa formosura que não se parece em nada àquela que sonhamos nos anjos e que, no entanto, é sobrenatural. Formosura diabólica que talvez o demônio empreste a alguns seres para transformá-los em seus instrumentos na terra.

Ele a amava; amava-a com esse amor que não conhece freios nem limites; amava-a com esse amor que busca um prazer e só se encontram martírios. Amor que se assemelha à felicidade e que, não obstante, dir-se-ia que o céu o infunde para a expiação de uma culpa.

Ela era caprichosa, caprichosa e extravagante como todas as mulheres do mundo. Ele era supersticioso, supersticioso e valente como todos os homens da época. (BÉCQUER, 2005, p.83).

O recurso utilizado em “O Monte das Almas Penadas” como a prova e a amplificação da postura de Beatriz enquanto uma mulher fria, pérfida, disposta a pôr em perigo um homem honesto que, em nome de um sentimento, infringe a tradição e a moral de seu tempo e lugar, há também a censura quanto ao modo de proceder de Beatriz que recebe o castigo pela sua ação. Em princípio estamos cientes de que ela é fria, “Beatriz fez um gesto de fria indiferença: todo um caráter de mulher revelou-se naquela desdenhosa contração de seus delicados lábios.”, (BÉCQUER, 2005, p.105). Com o passar da história vemos ampliar a sua frieza: “o tom gelado com que Beatriz pronunciou essas palavras agitou por um momento o jovem.”, (BÉCQUER, 2005, p.105). Essa frieza continua num crescendo, pois, mais adiante: “Beatriz mordeu ligeiramente os lábios e estendeu a mão para receber a jóia sem acrescentar uma única palavra.”, (BÉCQUER, 2005, p.107). Ela permanece em seu castelo de gelo; Alonso implora por uma lembrança e Beatriz tem a ideia diabólica de emboscar o primo. Dissimulada:

- Por que não? – exclamou ela, levando a mão ao ombro direito como para pegar alguma coisa entre as pregas de sua larga manga de veludo bordado em dourado. Depois, com uma infantil expressão de pena, acrescentou: - Você se lembra da faixa azul que hoje levei à caçada, e que não sei por qual significado de sua cor você me disse que era a divisa de sua alma?

- Lembro!

- Pois... Perdeu-se! Perdeu-se, e eu pensava justamente em deixá-la a você como minha recordação.

- Perde-se? Onde? – perguntou Alonso, levantando-se de seu assento com uma indescritível expressão de temor e esperança.

- Não sei... No monte, talvez!

- No Monte das Almas Penadas! – murmurou ele pálido, voltando a cair sobre o assento! (BÉCQUER, 2005, p.107).

Beatriz é má. Com tanta lembrança para dar ao primo, ela tinha que justamente pensar naquela que não estava mais consigo e, sim, provavelmente perdida num monte, que acarretava um grande perigo para quem o pisasse naquela ocasião! Existia a história da tradição (que ela não respeitava), mas e quanto ao perigo dos lobos? O castigo veio a cavalo e com ele a moral da história.

5.1.2 O caso da condessa traidora

O texto presente no recolhimento por Rosa Castillo, presente no livro *Leyendas Épicas Españolas* traz dois personagens femininos, dona Argentina e dona Sancha, que protagonizam a história e são traiçoeiras e más.

A história versa sobre a vida do conde Garci Fernández – filho do conde Fernán Gonzalez – que assume o reino de Castilla após a morte do pai. Conta-se que o rapaz era muito valente e arrojado; que tinha umas mãos tão perfeitas, formosas e bonitas que por pudor ele nunca expunha em presença feminina; que era justiceiro e batalhador, tanto que “ En muchas ocasiones venció a los moros, aunque también en otras fue vencido.”, (CASTILLO, 1998, p.68); a exposição da figura do conde nos faz pensar que seria um homem de nobreza de caráter. Dizem que ele se casou duas vezes. A primeira com a francesa dona Argentina – por quem se enamorou numa peregrinação com os pais a Santiago de Compostela – como a moça também pertencia a uma linhagem nobre, ele a pediu em casamento e durante os seis anos que estiveram casados, não tiveram filhos.

Um belo dia, estando dom Garci enfermo, dona Argentina recebeu a visita de um conde de sua terra que vinha em peregrinação – junto à filha, dona Sancha – à Santiago de Compostela. Dona Argentina resolve ir-se com ele – então temos uma mulher egoísta que abandona o nobre marido doente para viver uma aventura extraconjugal –, quando dom Garci se intera disso, eles já estão fora de Castilla. O conde, lógico, não gosta de ser traído, e, assim que fica bom, resolve ir à busca de vingança. Simulando ser um pobre peregrino em peregrinação à Nossa Senhora do Rocamodor²⁰, andou à pé até o lugar onde viviam dona Argentina e seu novo homem. Ao chegar se inteirou que o homem que havia roubado sua mulher tinha uma filha muito formosa e bonita, a tal moça – dona Sancha – estava com problemas em seu relacionamento com o pai, pois a madrasta a tratava mal, e não via a hora de ir embora daquele lugar.

Dona Sancha pede a uma criada que vá até a porta do castelo onde os pobres comem e manda que, observe se há algum de nobre aspecto, e caso o encontre, traga-o imediatamente para falar com ela. A criada quando vê dom Garci disfarçado, logo reconhece nele nobreza: “Un día vio entre los demás pobres al conde Garci Fernández, que, aunque que mal vestido, demonstrava ser um Caballero. Entre otras cosas se fijó en sus manos, que eran sin disputa las más hermosas que ella había visto (...)”, (CASTILLO, 1998, p.69). Logo, a criada o chama e pergunta se é um nobre, ao que o conde responde que sim, então ela vai buscar sua senhora.

Dom Garci, depois de abarcar o juramento feito por dona Sancha de que guardaria segredo sobre o que ouviria, revela sua identidade:

– Yo soy el conde Garci Fernández, señor de Castilla. Vuestro padre me tracionó y quitó la mujer, que es ésta que él tiene aquí, como si fuera suya. Entonces salí de mi tierra, jurando volver hasta haberme vengado; por eso he venido, así como me veis, para que nadie me conozca y poder hacerlo. (CASTILLO, 1998, p.70).

²⁰ A cidade francesa de Rocamadour, em Guyena, muito visitada durante a Idade Média por causa do Santuário onde veneravam uma Nossa Senhora negra.

Então a moça oferece ajuda em troca de casar-se com dom Garci e sair dali. O conde vai para os aposentos de dona Sancha, onde se recebem como marido e mulher. Na terceira noite, a moça põe o conde – que se revestia numa armadura de metal e levava uma faca – embaixo da cama onde dormiam o pai e a madrasta. Naquela noite dona Sancha se fez de boa filha ajudando o pai em tudo o que ele necessitava e depois pediu para dormir no mesmo quarto no qual eles dormiam. Quando o pai e a madrasta pegaram no sono, a moça ajudou dom Garci – que os degolou sem a menor piedade e partiu levando as cabeças.

No dia seguinte, quando descobriram os mortos, o conde e dona Sancha já estavam longe e ninguém podia sequer suspeitar deles. A moça é pura maldade, se faz de boa filha para trair o pai, ajudando a degolá-lo sem o menor pudor. Dom Garci era nobre e estava defendendo sua honra – o que ele faz questão de afirmar dentro do seu burgo para todos daquele local: “Ahora que he tomado venganza ya puedo ser vuestro señor. Antes no podía por estar deshonrado.”, (CASTILLO, 1998, p.70) . Mas qual a desculpa de dona Sancha? Ter uma madrasta que não gostava dela? Um pai que não se envolvia em suas brigas com dona Argentina? Então temos o primeiro apontamento de mau caráter da moça.

Quando eles chegaram a Castilla, dom Garci mandou que todos rendessem homenagens a sua nova esposa dona Sancha. A moça deu um filho ao conde, que foi chamado de dom Sancho. A principio, a dona Sancha era “(...) muy buena: era en extremo caritativa y cumplía con todos sus deberes.”, (CASTILLO, 1998, p.71), mas não tardou muito e ela revelou-se: “(...) tenía en el fondo de su alma, por miedo al marido, el hecho que pronto comenzó a quererle mal y a desearle la muerte, que acabó por darle.”, (CASTILLO, 1998, p.71). Dona Sancha vai envenenando aos poucos o cavalo de seu marido que, por estar muito fraco caiu em batalha, quando o conde lutava contra os mouros, assim o conde Garci é levado pelos mouros, mas está tão ferido que acabou morrendo em questão de dias. A perfídia da condessa não tem fim, como não pode fazer um atentado direto contra o marido, ela vai aos poucos intoxicando o cavalo. Ou seja, ela não se importa em usar o que quer que seja para atingir seus objetivos.

Contudo sua maldade não pára por aí. Depois que dom Garci morre, dom Sancho sobe ao poder, mas isso não fazia parte dos planos da condessa que:

(...) queriendo casarse con un rey moro, resolvió matar a su hijo para poder quedarse con el condado y llevárselo en dote. Una noche en que preparaba con este objeto una infusión de hierbas venenosas, la vio una de sus doncellas, que, comprendiendo lo que era, se lo fue a contar a un montero del conde, con quien tenía amores. El montero se lo dijo entonces a su señor. Cuando al volver de la caza le ofreció su madre una copa de vino, el conde le rogó que bebiera primero. Ella contestó que no tenía ganas. (CASTILLO, 1998, p.72).

Então ele a obriga a beber, quando acabou a condessa caiu morta no chão, o conde – apesar de tudo o que a mãe havia feito – ficou com remorso do ato praticado e mandou edificar um grande mosteiro em Castilla, que chamou *Onã* – abreviação de *midoña*, minha dona, minha senhora – em homenagem à mãe que foi senhora daquelas terras.

É interessante pensar na recorrente ideia – presente em vários textos da tradição, também n’*As mil e uma noites*, e no imaginário Antigo e Medieval – de que a mulher é astuta e mata por intermédio de venenos. Mais uma vez a imagem feminina é corrompida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso que empreendemos nessa pesquisa almejou nos fornecer algumas pistas do papel feminino ao longo do tempo – Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna –, e pensar na importância que tanto as religiões, quanto a tradição tiveram na construção desse imaginário.

Ao analisar *Sendeban libro de los enganos de las mujeres*, traçamos um paralelo com a *Demanda do Santo Graal* e o episódio presente no livro do *Gênesis* que relata a história de José, filho de Jacó, quando ele é tentado pela esposa do faraó. Verificamos que nessas três narrativas, de tempos e povos diferentes, encontramos a mesma questão: a mulher que, ao sentir-se rejeitada, busca vingança e, por intermédio de uma mentira, distorce o acontecimento fazendo recair a culpa sobre o homem.

É óbvio constatar que não estamos falando da mesma história, até porque estas provêm de povos distantes e pertencem a tempos diferentes. No entanto, não podemos desconsiderar os motivos e elementos chave que aparecem nessas narrativas e o fato de que, como notamos anteriormente, as histórias sofrerem modificações quando migram de um lugar para outro.

A partir da constatação de tal ocorrência, pareceu-nos pertinente considerar válidas as três teorias abordadas acerca da forma como acontecem as disseminações das narrativas: Carl Jung e o inconsciente coletivo – aquele lugar no qual seriam manifestadas as ideias primárias, das quais participariam todos os homens. Por causa deste inconsciente coletivo teríamos os mesmos mitos, porém com nomes diferentes, compartilhados por culturas tão distintas; Josef Campbell e sua mitologia – respaldando a ideia de inconsciente coletivo através da mitologia; e Walter Benjamin e seu narrador clássico, aquele homem que juntou a sabedoria de outras terras, trazidas por aqueles que perambulavam pelo mundo, com a tradição, possibilitando o intercâmbio dessas histórias entre os mundos ocidental e o oriental.

Para ratificar nossa premissa de base, trouxemos ainda o exemplo da história “La Condesa Traidora”, que comparamos com a “História do jovem rei das Ilhas Negras” de *As Mil e uma noites*, onde encontramos o mesmo mote: a ideia do uso de ervas para algum tipo de subterfúgio, seja envenenar ou pôr para dormir.

O conceito de uma mulher poderosa que detém a capacidade de confeccionar unguentos, pastas, sumos para envenenar, embelezar ou adormecer alguém é recorrente durante a Antiguidade e é resgatada pelo Medieval. Observamos o exemplo de Etienne de Fougères, em seu *Livre des Manières* do século XII, citado por Georges Duby em *Eva e os Padres*, onde Etienne afirma que as mulheres são capazes de desviar o curso das coisas e, por

intermédio de magia, elas fazem encantamentos para seduzir os homens, simular aparências e até para praticar assassinatos.

O problema que percebemos em relação a essas ideias é que elas não estavam sozinhas, na cabeça de poucos, pelo contrário, elas foram compartilhadas por muitos durante séculos e séculos. Ao observar o percurso de toda a evolução da humanidade, pudemos ponderar que o homem sempre procurou responder às perguntas formuladas a respeito dos fenômenos naturais que o cercavam e para os quais ainda não havia resposta científica. Então acabavam por utilizar o que tinham “à mão”; ou seja eles completavam suas respostas por intermédio da imaginação, e para a imaginação tudo é possível. Assim, dentro das sociedades patriarcais, ocorreu de maneira rápida a transformação da figura feminina no “bode expiatório” das desgraças do mundo.

As religiões patriarcais, desde as pagãs e, mais adiante, dentro das três principais religiões espalhadas pelo mundo - Judaísmo, Cristianismo e Islamismo - contribuíram para que esse fenômeno misógino se espalhasse. Notamos que desde a Antiguidade elas se esmeraram no tratamento desrespeitoso às suas mulheres. Também foi possível perceber a maneira como o Cristianismo e o Islamismo estabeleceram-se como religiões oficiais e impuseram sua bandeira misógina nas regiões convertidas. E vimos como elas foram poderosas – e continuam sendo na atualidade em determinados sítios – no aspecto da doutrinação de pensamento.

Ao longo da nossa pesquisa e da leitura dos textos que recortamos como *corpus*, nós tivemos a oportunidade de verificar que as histórias da tradição funcionaram como fontes de aprendizado e percepção, prepararam o homem para lidar com a vida, aliviaram as angústias humanas, trazendo explicações acerca do mundo e ajudando-o a desengajar-se desse mesmo mundo quando a morte batia à porta. Esses relatos foram de suma importância para a construção do pensamento humano e para a permanência desse homem no mundo. Nesse sentido, essas narrativas junto às religiões foram capazes de persuadir e doutrinar o pensamento humano.

Podemos “agradecê-las” pela formulação da imagem da mulher como potência para mal, cheia de luxúria, mentirosa, imoral, feiticeira, pecadora etc. Essa imagem acompanhou o universo feminino através dos tempos, conforme demonstrado durante a investigação. Mesmo tendo ciência de que existiram determinadas épocas, nas quais elas eram respeitadas e temidas, o que ficou na História para a posteridade foi um imaginário corrompido acerca de tal figura. Graças a esse imaginário, a verdade sobre a história feminina – e aqui temos total noção do quão difícil é denominar o que é a verdade – ficou perdida na História.

Diante de toda a análise, consideramos oportuno pensar que as narrativas da tradição junto às religiões, foram fundamentais na edificação de um imaginário medieval misógino que, com certeza, influenciou não somente a Península Ibérica, mas também grande parte da Europa, além de se estender a outros continentes.

REFERÊNCIAS

ALCORÃO. Lisboa: Editora Europa-America, 2002. pt.I e II

ALMUQAFFA, Ibn. *Kalila e Dimna*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARIÈS, Philippe. *História da vida privada, Da Europa Feudal à Renascença*. Trad: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.2

ARMSTRONG, Karen. *Maomé: Uma Biografia do Profeta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Em Defesa de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ALVIM, Maria Nazareth de Barros. *As Deusas, as Bruxas e a Igreja*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

BARBOSA, Rogério Andrade. *Contos africanos para crianças brasileiras*. São Paulo: Paulinas, 2006.

BARCA, Leontina. *O Livro da Eterna Magia: contos de Magia e Mistério dos Celtas*. São Paulo: Princípio, 2007.

BÉCQUER, Gustavo Adolfo. *Leyendas*. Brasília: Embarajada da Espana. Consejería de Educación, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução Sergio Paulo Rouanet,; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*. São Paulo: Ed. Fundamento, 2008.

BOLEN, Jean Shinoda. *As Deusas e a Mulher*. São Paulo: Paulus, 1990.

BOUZAS, Pemón ; DOMELO, Xosé A. *Mitos, Ritos y Leyendas de Galicia*. Barcelona: Martinez Roca, 2000.

BROOKS, Geraldine. *Nove partes do desejo. O mundo secreto das mulheres islâmicas*. Rio de Janeiro: Ed. Gryphos, 2002.

BULFINCH, Thomas. *O livro do ouro da Mitologia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1999.

CARBALLERA DEBASA, Ana Maria. *Galicia y los gallegos en las fuentes árabes medievales*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2007.

CARRÉ ALVARELLOS, Leandro. *Leyendas Tradicionales Gallegas*. Madri: Espasa-Calpe, 2007.

CASTILLO, Rosa. *Leyendas épicas españolas*. Madri: Editorial Castalia, 1969.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*. São Paulo: Moderna, 2005.

CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações, O Oriente e a Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1993. v.2

_____. *História Geral das Civilizações, A Idade Média: Preminência das Civilizações Orientais*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1994. v.6

_____. *História Geral das Civilizações, A Idade Média: O Período da Europa Feudal Do Islã Turco e da Ásia Mongólica*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1994. v.7

_____. *História Geral das Civilizações“A Idade Média: Os Tempos Difíceis*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1994. v.8

DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *História das Mulheres no Ocidente, A Antiguidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1990. v.1

_____. *História das Mulheres no Ocidente, Idade Média*. Trad. portuguesa Maria Helena da Cruz Coelho. Porto: Edições Afrontamento, 1990. v.2

_____. *Heloísa, Isolda e outras damas no século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Damas do Século XII: A Lembrança das Ancestrais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Eva e os Padres*. Trad: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOLMES-EBER, Paula. *Daughters of Tunis*. New York: Perseu Books, 2002.

HUERTAS, Pilar. *El Enigma de los Celtas*. Madri: Editorial Libsa, 2005.

GALLAND, Antoine. *As Mil e Uma Noites*. Tradução Alberto Diniz. São Paulo: EDIGRAF, s/d. v.I, II, III e IV.

GALMÉS DE FUENTES, Alvaro. *La épica românica y la tradición árabe*. Madrid: Gredos, 2002.

_____. *Los manuscritos Aljamiados moriscos de la biblioteca de Real Academia de Historia (Legado Pascual de Gayangos)*. Madrid: Real Academia de Historia, 1998.

GUELBENZU, José María. *Cuentos Populares Españoles*. Madri: Siruela, 2006.

HANCIAU, Núbia. *A feiticeira no imaginário ficcional das Américas*. Rio Grande do Sul: Ed. Da Furg, 2004.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

HOMERO. *A Odisséia*. São Paulo: Atena Editora, s-d.

HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. Companhia de Bolso, 2006.

JACOBS, Joseph. *Contos de Fadas Celtas*. São Paulo: Landy, 2001.

KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *O martelo das feiteceiras*. Trad. Paulo Fróes. 19. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2007.

KUNG, Hans. *Islão : passado, presente e futuro*. Lisboa: Edições 70, 2010.

LEBRERO, José Frajedas. *Sendeban O Libro De Los Enganos De Las Mujeres*. Madrid: Editorial Castalia, 1990.

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Trad: Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LEAL, José Carlos. *A Maldição da Mulher*. São Paulo: DPL Ed., 2004.

LOPEZ-BARALT, Luce. *Literatura secreta de los últimos musulmanos de Espanha*. Madrid: Trotta, 2009.

MAGNE, Augusto. *A Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. São Paulo: Ed. Contexto, 1994.

MERINO, José María. *Leyendas Españolas de todos los tiempos*. Madri: Ediciones temas de hoy, 2005.

MOHAMEMMED, Sherif Abdel Azeem. “A mulher no Islam: Mito e Realidade” Disponível em: <http://www.islamismo.org/mito_e_realidade.htm>. Acesso em: 03 de jan. 2011.

O’CALLAGHAN, Emerald. *Magia Celta*. Barcelona: Editorial Océano, 2007.

- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- PROPP, Wladimir. *Raízes históricas do Conto Maravilhoso*. São Paulo: Martins fonte, 1997.
- _____. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- PHILIP, Neil. *Volta ao mundo em 52 histórias*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.
- PILOSU, Mario. *A Mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- POUZADOUX, Claude. *Mitologia Grega*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.
- PRADO, Antonio Orlando de Almeida. *Código de Hamurabi - Lei das XII Tábuas*. Florianópolis: Conceito Editorial, 2007.
- REBOREDO, X. M. González. *Lendas Galegas de Tradición Oral*. Vigo: Editorial Galáxia, 2006.
- ROBLES, Francisco Guillén. *Leyendas Moriscas II*. Madrid: Sufi, 1994.
- SALLMAN, Jean-Michel. *As Bruxas Noivas de Satã*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- SOUZA, Roberto Acízelo. *O Império da Eloquência*. Rio de Janeiro: EdUERJ: EdUFF, 1999.
- TAVARES MALEVAL, Maria do Amparo. *Rastros de Eva no Imaginário Ibérico*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1995.
- TOLKIEN, J.R.R. *Sobre histórias de Fadas*. São Paulo: Conrad Editora, 2006.

ANEXOS

La Condesa Traidora

Muerto el conde Fernán González reinó en Castilla su hijo Garci Fernández. Êste fue un conde muy justiceiro y batallador. En muchas ocasiones venció a los moros, aunque también en otras fue vencido. Era el conde muy apuesto y gallardo y, sobre todo, tenía unas manos tan hermonas que se descubrirlas; cuando estaba en presencia de la mujer de calgún vasallo suyo conservaba siempre los guantes puestos.

El conde Garci Fernaández casó dos veces. La primera con una dama francesa, llamada doña Argentina. Sus padres la llevaron en peregrinación a Santiago de Compostela, y el conde, al verla, se enamoró de ella. Enterado de que era de ilustre lineja, la pidió a sus padres y se casaron. En seis años de matrimonio no tuvieron hijos.

Estanto el conde, su marido, enfermo, vino a ver doña Argentina un conde de su tierra, que iba también en peregrinación a Santiago. Este conde era viuvo y tenía una hija muy hermosa, llamada doña Sancha. Doña Argentina se fue con él, y cuando su marido, el conde Garci Fernández se enteró, ya estaban los dos fuera de Castilla.

Recobrada la salud, hizo el conde como si se fuera en peregrinación a Nuestra Señora de Rocamador²¹. Marchó a pie, con un escudero, como dos podres peregrinos, hasta que llegaraon donde vivía el conde que le había robado a mujer. Allí se enteró de que tenía una hija, que era muy hermosa, que estraba muy a mal con su padre, porque sua madrastra no la quería bien, y que por tanto no veía la hora de salir del castillo en que los tres vivían.

Un día doña Sancha, la hija del conde, le dijo a una de sus criadas:

- Amiga mía, yo no puedo soportar más esta vida. Te ruego que vayas a ver a los pobres que comen a la puerta de este castillo, que los observes y que si hay alguno de noble aspecto me lo traigas, para hablar con él.

La criada no dejó de hacer lo que señora le había mandado. Un día vio entre los demás pobres al conde Garci Fernández, que, aunque mal vestido, demostraba ser un caballero. Entre otras cosas se fijó en sus manos, que eran sin disputa las más hermosas que ella había visto, y se dijo a sí misma:

Si este hombre es noble no me cabe duda de que mi señora querrá hablar con él.

²¹ La ciudad francesa de Rocamadour, en la Guyena, tiene un santuario, muy visitado por los españoles en la Edad Media, donde se venera una virgen negra que, según la tradición, fue hecha por Zaqueo, que, después de su conversión, predicó a los codurcos y fue venerado con el nombre de Amadour. El que su tumba se halle cavada en la roca pudiera explicar el nombre se la población.

Entonces le llamó aparte y, pidiéndole por Dios que no la engañara, le preguntó si era noble o no. A esto el conde respondió:

- Amiga, por qué me lo preguntáis? Muy poco puede importaros a vos mi nobleza.
- Ella le dijo:
- Me interesa más de lo que vos os imagináis.
- Cuando yo sepa – replicó el conde – por qué me lo preguntáis o me parezca que debo decíroslo, os demostraré que soy mucho más noble que el señor de esta tierra.

La criada, al oír esto, se sorprendió mucho y le dijo al Conde:

- Amigo, quedaos aquí y esperame en este mismo sitio, que yo vendré en seguida por vos.

Fue entonces a su señora y le contó todo lo que había pasado con aquel hombre. Su ama le mandó que le trajese a sus habitaciones. El conde, al verla, se arrodilló, como si fuera un pobre peregrino. Doña Sancha le dijo:

- Amigo, decidme quién sois y de donde venís.

- Señora – le respondió el conde -, yo estoy en vuestro poder y me podéis matar o conservar la vida. Si queréis que vos diga quién soy, prometedme guardar secreto de lo que yo os diga.

Ella le juró que guardaría. Él entonces le dijo:

- Yo soy el conde Garci Fernández, señor de Castilla. Vuestro padre me traicionó y quitó la mujer, que está que él tiene aquí, como si fuera suya. Entonces salí de mi tierra, jurando no volver hasta haberme vengado; por eso he venido, así como me veis, para que nada me conozca y poder hacerlo.

- Conde, que le daría a quien os aydiria a hacer lo que queréis?
- Señora – le contestó o conde -, si vos hicierais, me casaría con vos, os llevaría conmig y os haría condesa de Castilla.

Ella le prometió que le ayudaría y le metió en sus habitaciones, donde pasaron juntos la noche después de haberse recibido por marido y mujer.

A la tercera noche dona Sancha metió al conde Garci Fernadez, que llevaba puesta una loriga²² y empuñaba un cuchilo, bajo la cama en que dormían su padre y su madrastra, y le encargó que no se moviese hasta que ella tirara de una cuerda que le ató al pie. Aquella nocha

²² La loriga etra uma armadura hecha de láminas de metal, que se sobreponían lãs unas a lãs otras. (70).

doña Sancha ayudó a su padre a meterse en la cama y se empeñó en dormir, en prueba de cariño, en la misma habitación en que dormían él y su madrastra. Cuando vio que los dos estaban dormidos tiró de la cuerda. Garci Fernández salió de debajo de la cama y los degolló. Cogiendo las cabezas de los dos traidores se volvió a Castilla, acompañado de doña Sancha. Al darse cuenta los servidores, al día siguiente, de la muerte de su señor, ya los dos estaban muy lejos y nadie pudo sospechar de ellos.

El conde Garci Fernández, al llegar a Castilla, mandó que todas sus gentes se reunieran en Burgos, donde les contó lo que él había hecho. Al final les dijo:

—Ahora que he tomado venganza ya puedo ser vuestro señor. Antes no podía estar deshonrado.

Mandó entonces que todos rindieran homenaje a doña Sancha y que la recibiesen por señora. Los castellanos así lo hicieron, alegrando-se mucho de la vuelta del conde y de que tan bien de hubiera vengado.

Doña Sancha le dio al conde un hijo, que fue más tarde el conde don Sancho²³. Fue esta condesa al principio muy buena: extremo caritativa y cumplía con todos los deberes. Pero aunque tardó mucho en descubrir lo que tenía en el fondo de su alma, por miedo al marido, el hecho es que pronto comenzó a quererle mal y a desearle la muerte, que acabó por darle.

Cuando Garci Fernández salió de Castilla para vengarse de su mujer, como habéis oído, dejó encargados del gobierno a dos parientes suyos, en quienes él mucho confiaba, llamado el uno Gil Pérez de Barbadillo y el otro Fernán Pérez. Ambos eran hombres muy rectos y de buen juicio.

En el año 990 de la Encarnación del Señor, Sancho García, que era hijo del conde Garci Fernández, se alzó contra él. Enterados los moros de estas desavenencias, atacaron Castilla y destruyeron Ávila, que acababa de ser repoblada. Siguiendo hacia el norte, tomaron Clunia y San Esteban, donde mataron a muchos cristianos y quemaron las mieses.

Garci Fernández no lo pudo sufrir y, aunque la gente de armas estaba dividida entre su hijo y él, prefirió morir defendiendo el condado a dejarlo arrasado. Fue por tanto al encuentro de los moros con los pocos caballeros que tenía consigo, pero aquéllos eran tantos que los cristianos fueron derrotados. Fue el desastre tan grande que los moros cogieron en Piedrasalada a Garci Fernández. Ya se lo llevaban cuando a causa de las muchas heridas que

²³ Sancho García se rebeló contra su padre, muerto al año siguiente en poder de los moros, como ya hemos dicho, el 994 y no el 990, como afirma la *Crónica*. Reinó hasta el año 1017. Aunque al principio de su reinado tuvo que hacerse vasallo de Almanzor, consiguió después de las grandes victorias contra los moros, que culminaron con su entrada en Córdoba el año 1009, donde hizo proclamar califa a Sulayman ben al-Hakam, protegido suyo. (CASTILLO, 71.)

había recibido murió a los pocos días en Medinaceli. Los cristianos lograron rescatar el cadáver y llevarlo a enterrar a San Pedro de Cardeña.

Habéis de saber que los moros cogieron al conde porque su caballo, al que mucho estimaba, y cuyo cuidado había confiado a su mujer, aunque gordo y lucido, estaba muy débil, porque la condesa, deseosa de deshacerse de su marido, le daba salvado en vez de cebada. Por esto cayó fácilmente en medio de los moros y el conde fue herido y preso, como os hemos contado.

Muerto el conde Garci Fernández fue su hijo don Sancho conde de Castilla. La condesa doña Sancha, madre del conde, queriendo casarse con un rey moro, resolvió matar a su hijo para poder quedarse con el con dado y llevárselo en dote. Una noche en que preparaba con este objeto una infusión de hiebas venenosas, la vio una de sus doncellas, que, compriedendo lo que era, se lo fue a contar a un montero del conde, con quien tenía amores. El montero se lo dijo entonces a su señor. Cuando al volver de la caza le ofreció su madre una copa de vino, el conde le rogó que bebiera primero. Ella contestó que no tenía ganas. El conde insistió, pero su madre continuó negándose. Al ver Sancho García que, a pesar de sus ruegos, ella se negava, la obligó a beber a la fuerza la copa y aun dicen algunos que sacó la espada para degollarla si no bebía. Al fin la condesa se bebió el vino y cayó al suelo muerta.

Arrepentido el conde don Sancho de haber matado de este modo a su madre, mandó edificar un gran monasterio, que llamó de Oña en honor de ella, porque en Castilla cisma decir Mioña²⁴ por señora, y como la condesa había sido señora de aquella tierra quiso el conde, su hijo, que le quitaran a *Mioña* el mi y que el resto de la palabra le diera nombre a aquel monasterio, que aún se llama así. También con fió la custodia de su persona al montero que le había salvado la vida, que era natural de Espinosa, y del cual descenden los monteros de Espinosa, que hoy velan el sueño del rey de España.

²⁴ La forma mioña procede evidentemente de midoña, con pérdida de la sonora intervocálica. Compárese midoña con el it. *madonna* y el fr. *madame*. El prov. *Midons* es en su origen forma masculina, aunque significa luego "mi señora".

O Monte das Almas Penadas²⁵

Na noite de finados despertou-me não sei a que horas o dobrar dos sinos. Seu tanguido monótono e eterno⁰ trouxe-me ao pensamento esta tradição que ouvi há pouco em Sória.

Tentei dormir outra vez. Impossível! Uma vez ferroadada, a imaginação é um cavalo que dispara e que não adianta puxar as rédeas. Para passar o tempo decidi escrevê-la, como de fato o fiz.

Ao meio-dia, depois de almoçar bem e com um cigarro na boca, não causará muito impacto aos leitores de *El Contemporâneo*. Eu a ouvi no mesmo lugar em que aconteceram os fatos e a escrevi virando a cabeça com medo, algumas vezes, quando sentia o ranger dos vidros da sacada, estremecidos pelo vento frio da noite.

Seja dela o que for, aí vai, como cavalo de copas.

I

- Prendam os cães. Lancem o sinal com as trompas para que se reúnam os caçadores e voltemos para a cidade. A noite se aproxima, é dia de Todos os Santos e estamos no Monte das Almas Penadas.

- Tão rápido!

- Se fosse outros dia, eu não deixaria de acabar com essa matilha de lobos que as neves do Moncayo expulsam de suas tocas. Mas hoje é impossível. Em pouco tempo soarão as orações na Igreja dos Templários, e as almas dos defuntos começarão a tocar os sinos na capela do monte.

- Nessa capela em ruínas! Bah! Você está querendo me assustar?

- Não, querida prima. Você não sabe o que acontece neste país, porque ainda não faz um ano que aqui chegou vinda de longe. Segure o freio de sua égua, eu colocarei a minha ao mesmo passo e, enquanto dure o caminho lhe contarei essa história.

Os pajens reuniram-se em alegres e buliçosos grupos. Os condes de Borges e de Alcudiel montaram em seus magníficos cavalos e, todos juntos, seguiram a seus filhos Beatriz e Alonso, que precediam a comitiva a bastante distância.

Enquanto percorriam o trajeto Alonso narrou nestes termos a prometida historia:

²⁵ Tradução de Antonio R. Esteves (com a colaboração de Edson A. Locoman).

- Esse monte que hoje chama de Monte das Almas Penadas, pertencia à Ordem dos Templários, cujo convento você pode ver ali à margem do rio. Os templários eram guerreiros e religiosos ao mesmo tempo. Tendo sido Sória conquistada aos árabes, o rei os fez vir de terras distantes para defender a cidade por aquele lado da ponte. Cometeu com isso, um grande insulto aos nobres de Castela, que teriam sabido defendê-la sozinhos, como sozinhos a haviam conquistado. Entre os cavaleiros da nova e poderosa ordem e os fidalgos da cidade fermentou por alguns anos e, explodiu por fim, um ódio profundo. Os primeiros tinham demarcado este monte, onde reservavam caça abundante para satisfazer suas necessidades e realizar seus prazeres. Os segundos se dispuseram a organizar uma grande caçada na reserva, apesar das severas proibições dos “clérigos de esporas”, como chamavam a seus inimigos. Propagou-se o desafio e nada conseguiu deter os primeiros em seu afã de realizar a caçada nem os segundos em sua determinação de impedi-la. E, desse modo, a planejada expedição foi executada. Não se lembraram dela os animais do monte. Antes a teria presentes tantas mães que amargaram o luto por seus filhos. Aquilo não foi uma caçada: foi uma espantosa batalha. O monte ficou semeado de cadáveres. Os lobos, que eles tinham pensado exterminar, tiveram um sangrento banquete. Por fim, interveio a autoridade do rei: o monte, maldita ocasião de tantas desgraças, foi declarado desde então abandonado. A capela dos religiosos, ali situada, em cujo o átrio foram enterrados juntos amigos e inimigos transformou-se em ruínas. Desde então, dizem que quando chega a Noite de Finados ouve-se tocar sozinho o sino da capela, e que as almas dos mortos, envoltos em fiapos de seus sudários, correm como numa caçada fantástica por entre brenhas e sarçais. Os cervos bramam espantados; os lobos uivam; as cobras dão horrorosos assovios. No dia seguinte veem-se, impressas na neve, as pegadas dos descarnados pés dos esqueletos. Por isso em Sória o chamamos de Monte das Almas Penadas, e por isso eu quis sair dele antes que fechasse a noite.

A narrativa de Alonso terminou justamente quando os dois jovens chegavam ao extremo da ponte que dá passagem para a cidade por aquele lado. Ali esperaram o restante da comitiva, a qual, depois de juntar-se aos dois cavaleiros, perdeu-se pelas estreitas e escuras ruas de Sória.

II

Os serviçais acabavam de retirara as toalhas das mesas. A alta chaminé gótica do palácio dos condes de Alcudiel emitia um vivo resplendor, iluminando alguns grupos de damas e cavalheiros que conversavam familiarmente ao redor do fogo. O vento açoitava os vidros chumbados das ogivas do salão.

Somente duas pessoas pareciam alheias à conversação geral: Beatriz e Alonso. Beatriz seguia com os olhos, absorta em um vago pensamento, os caprichos da chama. Alonso olhava o reflexo da fogueira brilhar nas pupilas azuis de Beatriz.

Há algum tempo ambos guardavam um profundo silêncio.

As damas de companhia relatavam, a propósito da noite de Finados, contos escabrosos em que os espectros e as assombrações representavam o papel principal. Os sinos das igrejas de Sória dobravam ao longe com um tangido monótono e triste.

- Querida prima – exclamou por fim Alonso, rompendo o longo silêncio em que se encontravam -, logo vamos nos separar, talvez para sempre. As áridas planícies de Castela, seus costumes toscos e guerreiros, seus hábitos simples e patriarcais, sei que nada disso lhe agrada. Ouvi você suspirar várias vezes, talvez por galã de seu longínquo senhorio.

Beatriz fez um gesto de fria indiferença: todo um caráter de mulher revelou-se naquela desdenhosa contração de seus delicados lábios.

- Talvez pela pompa da corte francesa, onde até agora você viveu – o jovem apressa-se em completar -. De um modo ou outro, pressinto que não tardarei em perdê-la... Recorda-se de quando fomos ao templo dar graças a Deus por haver devolvido a saúde que você veio buscar nesta terra? A pequena jóia que prendia a pluma do meu gorro chamou sua atenção. Que graciosa ficaria prendendo um véu sobre seus negros cabelos! Ela já prendeu o de uma noiva: meu pai a ofereceu àquela que me deu a vida. E com ela minha mãe subiu ao altar... Você quer essa jóia?

- Não sei se aqui em seu país é a mesma coisa -; respondeu a formosa donzela -, mas em meu país uma prenda recebida compromete uma vontade. Somente num dia de cerimônia deve-se aceitar um presente das mãos de um ente querido... que ainda pode ir a Roma sem voltar com as mãos vazias.

O tom gelado com que Beatriz pronunciou essas palavras agitou por um momento o jovem que, depois de tranqüilizar-se, disse com tristeza:

- Eu sei, minha querida prima. Mas hoje é dia de Todos os Santos e o seu santo também está entre os demais. Hoje é dia de festas e de presentes. Você quer aceitar o meu?

Beatriz mordeu ligeiramente os lábios e estendeu a mão para receber a jóia sem acrescentar uma única palavra.

Os dois jovens voltaram a ficar em silêncio. Tornou-se a ouvir a rascante voz das velhas que falavam de bruxas e de monstros; o zumbir do vento que fazia ranger os vidros das ogivas; e o triste e monótono dobrar dos sinos.

Ao final de alguns minutos, o interrompido diálogo reatou-se deste modo:

- E antes que termine o dia de Todos os Santos, quando se comemora entre todos os demais, além do seu, também o meu santo, você poderia, sem assumir compromisso algum, deixar-me uma lembrança, não poderia? – perguntou Alonso, cravando o seu olhar no da prima, que resplandeceu como um relâmpago, iluminado por um pensamento diabólico.

- Por que não? – exclamou ela, levando a mão ao ombro direito como para pegar alguma coisa entre as pregas de sua larga manga de veluda bordado em dourado. Depois, com uma infantil expressão de pena, acrescentou: - Você se lembra da faixa azul que hoje levei à caçada, e que não sei por qual significado de sua cor você me disse que era a divisa de sua alma?

- Lembro!

- Pois... Perdeu-se! Perdeu-se, e eu pensava justamente em deixá-la a você como minha recordação.

- Perdeu-se? Onde? – perguntou Alonso, levantando-se de seu assento com uma indescritível expressão de temor e esperança.

- Não sei... No monte, talvez!

- No Monte das Almas Penadas! – murmurou ele pálido, voltando a cair sobre o assento!
– No Monte das Almas Penadas! – Continuou, em seguida, com a voz entrecortada a abafada:
- Você sabe, porque já terá ouvido isso mil vezes. Nesta cidade, em toda Castela, me chama o rei dos caçadores. Não tendo ainda podido provar minha coragem nos combates, como meus antepassados, canalizei para essa diversão, imagem da guerra, todo o brio de minha juventude, todo o ardor hereditário de minha linhagem. O tapete que seus pés estão pisando, são despojos de feras mortas por minhas mãos. Conheço seus refúgios e seus costumes; combati com elas de dia e de noite, a pé e a cavalo, sozinho e em grupo; e ninguém dirá que me viu fugir do perigo em nenhuma ocasião. Fosse outra noite e eu voaria à procura dessa faixa, e o faria como se estivesse indo para uma festa. No entanto. Esta noite... Nesta noite, não vou negá-lo, tenho medo. Você está ouvindo? Os sinos dobram: já soou a oração na igreja de San Juan del Duero. As almas penadas do monte começarão agora a levantar seus crânios amarelentos do meio das ervas daninhas que cobrem suas covas... As almas penadas, cuja mera visão pode

gelar de horror o sangue do mais valente, tornar seus cabelos brancos ou carregá-los no redemoinho de sua fantástica correria como uma folha que o vento arrasta sem que se saiba para onde vai.

Enquanto o jovem falava, um sorriso imperceptível desenhava-se nos lábios de Beatriz que, depois de ouvi-lo, exclamou em um tom indiferente, enquanto atiçava o fogo da lareira, onde saltava a estalava a lenha, lançando chispas de mil cores:

- Oh! Isso de jeito nenhum! Que loucura! Ir agora ao monte por semelhante besteira! Numa noite tão escura, noite de Finados, com o caminho coalhado de lobos!

Ao dizer esta última frase, enfatizou-a de um modo tão especial, que Alonso não pôde deixar de compreender toda aquela amarga ironia. Então, como movido por uma mola, pôs-se de pé; passou a mão pela testa, como para arrancar o medo que estava em sua cabeça e não no coração. E, com voz firme exclamou, dirigindo-se à formosa prima que ainda estava inclinada sobre a lareira, distraída em remexer o fogo:

- Adeus, Beatriz, adeus. Até logo!

- Alonso! Alonso! – disse ela, voltando-se com rapidez. Mas quando quis ou aparentou querer detê-lo, o jovem havia desaparecido.

Poucos minutos depois, ouviu-se o barulho de um cavalo que se afastava a galope. Com uma radiante expressão de orgulho satisfeito que ruborizou sua face, a donzela prestou especial atenção àquele galope que se distanciava; que se perdia; e que desapareceu por fim.

Enquanto isso, as velhas continuavam em seus contos de almas penadas. O vento gemia nos vidros da sacada, e os sinos da cidade badalavam ao longe.

III

Havia passado uma hora, duas, três. Estava a ponto de soar a meia-noite, quando Beatriz retirou-se para seu oratório. Alonso não retornava; não retornava e, se quisesse, poderia tê-lo feito em menos de uma hora.

- Terá sentido medo! – exclamou a jovem, fechando seu livro de orações e encaminhando-se para seu leito, depois de tentar inutilmente murmurar algumas das rezas que a igreja consagra no dia de Finados àqueles que já não pertencem a este mundo.

Depois de apagar a luz e fechar a dupla cortina de seda, adormeceu. Adormeceu com um sono inquieto, leve, nervoso.

Doze badaladas soaram no relógio da Porta do Postigo. Beatriz ouviu entre sonhos as vibrações do sino, lentas, contidas, tristíssimas. Entreabriu os olhos. Pensou ter ouvido

chamar seu nome junto com as batidas, mas longe, e por uma voz abafada e angustiada. O vento gemia nos vidros da janela.

- Será o vento – disse e, colocando a mão sobre o coração, procurou tranquilizar-se.

Mas seu coração batia cada vez com mais violência. As portas de lárax do oratório haviam rangido sobre suas dobradiças com um chiado agudo, prolongado e estridente.

Primeiro umas e logo as outras mais próximas, todas as portas que davam passagem para seu quarto iam batendo uma após a outra; umas com um ruído abafado e grave, outras com um lamento longo e lancinante. Depois, silêncio. Um silêncio cheio de rumores estranhos, o silêncio da meia-noite; com um murmúrio monótono de água distante; o longuíquo ladrar de cães; vozes confusas; palavras incompreensíveis; ecos de passos que vão e vêm; o farfalhar de roupas que se arrastam; suspiros que se abafam; respirações fatigadas que quase se sentem; estremecimentos involuntários que anunciam a presença de algo que não se vê, mas que se nota sua aproximação na escuridão.

Beatriz, imóvel, trêmula, colocou a cabeça para fora das cortinas e escutou por um momento. Ouvia mil ruídos diversos; passava a mão pela testa; tornava a prestar atenção. Nada. Silêncio.

Ela enxergava, com fosforescência da pupila em crises nervosas, algo como vultos que se moviam em todas as direções. E quando, dilatando-as, fixava-as em um ponto: nada. Escuridão. Sombras impenetráveis.

- Bah! – exclamou, voltando a recostar a delicada cabeça sobre o travesseiro de fina seda azul do leito – Serei tão medrosa como essas pobres pessoas cujo coração palpita de terror sob uma armadura ao ouvir uma história de aparições?

E fechando os olhos tentou dormir... Havia feito, no entanto, um vão esforço sobre si mesma. Logo tornou a levantar-se, mais pálida, mais inquieta, mais aterrada. Já não era uma ilusão: as cortinas de brocado da porta haviam roçado ao separar-se, e umas pisadas lentas soavam sobre o tapete. O rumor daquelas pisadas eram abafado, quase imperceptível, mas continuado, e ao seu compasso se ouvia ranger algo como osso ou madeira. Algo se aproximava, se aproximava. Moveu-se, então, o reclinatório que estava a beira do seu leito. Beatriz lançou um grito agudo, e enrolando-se aos lençóis que a cobriam, escondeu a cabeça e conteve a respiração.

O vento golpeava os vidros da sacada; a água da fonte distante caía, caía com um rumor eterno e monótono; os latidos dos cães se espalhavam nas rajadas de vento; e os sinos da cidade de Sória, uns próximos outros distantes, dobravam tristemente pelas almas dos defuntos.

Assim passou uma hora, duas; a noite, um século; porque aquela noite pareceu eterna para Beatriz. Por fim despontou a aurora. Livre de seu temor, ela entreabriu os olhos com os olhos com os primeiros raios de luz. Depois de uma noite de insônia e de terrores, é tão maravilhosa a luz clara e branca do dia! Abriu as cortinas de seda do leito, lançou uma mirada serena a seu redor. Já se dispunha a rir-se de seus temores passados, quando de repente, um suor frio cobriu seu corpo; seu olhar desfigurou-se e uma palidez mortal descorou suas faces. Sobre o reclinatório viu, ensangüentada e rasgada, a faixa azul que tinha perdido no monte no dia anterior. A faixa azul que Alonso tinha ido buscar.

Quando seus serviçais chegaram apavorados, a fim de comunicar-lhe da morte do primogênito de Alcudiel que pela manhã tinha aparecido devorado pelos lobos entre as ervas daninhas do Monte das Almas Penadas, encontraram-na imobilizada, crispada. Estava agarrada com as duas mãos a uma das colunas de ébano do leito; os olhos desfigurados; a boca entreaberta; os lábios brancos; os membros rijos. Morta. Morta de horror!

IV

Dizem que depois do acontecido, um caçador extraviado que passou a noite de Finados sem poder sair do Monte das Almas Penadas, e que no dia seguinte, antes de morrer, pôde contar o que viu, descreveu coisas horríveis. Entre outras coisas, assegura-se, que viu os esqueletos dos antigos Templários e dos nobres de Sória enterrados no átrio da capela, levantarem-se, ao final da oração com um barulho horrível, e cavalgando esqueletos de corcéis, perseguirem como animal feroz, uma mulher formosa, pálida, e descabelada que, com os pés descalços e ensanguentados, soltando gritos de horror, dava voltas ao redor do túmulo de Alonso.